EDITÔRA ABRIL - N.o 111 - 21 DE OUTUBRO DE 1970

Cr$ 2,50

S. EXA. O CABO ELEITORAL

ADRIANO (CASCA GROSSA) DIAS

GOVERNADOR VALADARES - MG

Edição para Portugal — Esc. 25$00

PRESIDENT

SPECIAL RESERVE DE LUXE SCOTCH WHISKY

MACDONALD GREENLEES LTD · DISTILLERS · LEITH · SCOTLAND

O Golpe de 1937

OS DOCUMENTOS DA ARTICULAÇÃO DO ESTADO NÔVO CEDIDOS POR HÉLIO SILVA, O HISTORIADOR DE "O CICLO DE VARGAS"

Organizado por J. A. Dias Lopes

Na manhã do dia 10 de novembro de 1937, o Brasil assistiu ao mais discreto e fulminante golpe de sua história. O país amanhecera com um regime ainda iluminado pelos pirilampos do liberalismo da Constituição de 1934 e à tarde, já com um nôvo texto constitucional outorgado, deu os primeiros passos no longo caminho de trevas do Estado Nôvo, do qual só sairia em 1945.

*Passados 33 anos, depois de sérias e profundas pesquisas que se estenderam aos arquivos pessoais e indevassados de Getúlio Vargas, o historiador Hélio Silva * conseguiu reunir dados e informações capazes de reconstituir as tensões políticas que antecederam o golpe e as manhas que o tornaram possível. Êsse trabalho gerou o livro "1937: Todos os Golpes se Parecem", o nono volume de sua série "O Ciclo de Vargas", que vem sendo publicada desde 1964 pela Editôra Civilização Brasileira.*

O "1937" deverá ser lançado dentro das próximas semanas e VEJA, pesquisando nas provas tipográficas do livro, especialmente cedidas pelo autor, apresenta seus principais documentos. Como em velhas fotografias, devolve-se a vida a personagens desaparecidos — êles ressurgem às vêzes de forma bastante diversa daquela com que circularam pelos bastidores de uma história talvez muito generosa e certamente pouco documentada.

* *Hélio Silva: médico, com quarenta anos de jornalismo, filha, netos e bisneto. Dois hábitos, cães amestrados e jiu-jitsu, e um projeto: livro de memórias.*

Vargas com o general Gomes: casacas, cartolas e crachás constitucionais

Hélio Silva com o marechal Dutra

1935: ameaça comunista

3 de dezembro de 1935. Getúlio Vargas está no palácio Guanabara. Dirige um país de política conturbada mas mantém sua aparência imperturbável. Uma semana antes, o Exército triunfou sôbre a intentona comunista. Pela Constituição votada em 1934, êle teria mais três anos de govêrno. Em 1938 deveriam ser realizadas eleições. Na sala de reuniões do Ministério da Guerra estão todos "os senhores generais-de-exército presentes nesta capital".

13 horas. O ministro da Guerra, general João Gomes Ribeiro Filho, abre os debates:

"Não há quem, tendo lido as nossas leis repressivas e até a própria Constituição, desconheça que estamos completamente à mercê dos extremistas que, com a maior audácia e requintes de crueldade, tentam subverter o regime.

"Não é preciso dizer-vos, pois é sabi-

do de todos, que nas nossas leis de repressão mais se cuida de premiar os delinqüentes de possíveis injustiças e vinganças por parte das autoridades que de punir rigorosamente (como devia ser objetivo delas) os culpados e criminosos. Vos reuni aqui, como chefes que sois do Exército, para ouvir-vos e tomar opiniões a fim de que, sob uma única diretriz, seja possível, com brevidade e energia, resolver êsse caso relativo ao último motim, que, não necessito encarecer-vos, é de segurança nacional."

Os generais apóiam o ministro. Um dêles, porém, talvez o mais pitoresco e mais poderoso, Pedro Aurélio de Góis Monteiro, preferiu dar seu longo voto por escrito:

"(...) O mal é institucional. (...) As Fôrças Armadas têm o dever de garantir e nunca de tutelar os podêres públicos. Mas o dilema é evidente. Com a atual Constituição, o passado se repetirá. (...) Omitindo, por inoportunas, quaisquer divagações analíticas, ou justificação, a meu ver, o govêrno só poderá seguir, na presente emergência, três vias:

"a) Golpe de Estado, consistente em declarar abolida a Constituição atual até que outra seja promulgada. (...)

"b) Execução pura e simples dos preceitos constitucionais vigentes. Significa a impunidade, recrudescimento da desordem, a desmoralização, o caos, a anarquia, dificuldades invencíveis até a ruína completa.

"c) Reforma constitucional. Solução intermediária e cheia de arestas jurídicas. Entretanto, com boa vontade do govêrno, da Câmara, do Senado, do Poder Judiciário e outras instituições do Estado, tudo se poderá acertar."

A "malfadada questão"

Quando os generais saíram do salão, em seu gabinete, no rigoroso frio de Washington, o embaixador Osvaldo Aranha — amigo pessoal de Vargas — terminava de redigir uma carta. Êle condenava a neutralidade do Brasil nas questões provocadas pelo fascismo italiano:

"A nossa atitude, Getúlio, vai custar caro ao Brasil, se com tempo e habilidade não a corrigirmos. (...) O destino da Itália e o de Mussolini são confusos demais para misturarmos o futuro do Brasil com suas incertezas e perigos".

Vargas nunca deixou de responder a Aranha. Em janeiro do ano seguinte deu-lhe a sua visão da crise e o centro de suas preocupações, que era outro:

"A situação do país em conseqüência da infiltração comunista continua a preocupar-nos. (...) Vivemos numa pobreza franciscana em matéria de idéias políticas. Faltam, ao povo e aos espíritos novos, estímulos sadios de ordem moral e ideológica. (...) A atividade do Filinto Müller, na chefia da polícia, tem sido incansável. Sereno e persistente, sabe conduzir a ação policial, obtendo resultados felizes sem necessidade de excessos".

Em janeiro, o presidente talvez ainda não tivesse notícias precisas sôbre a persistência do método e a felicidade dos resultados que a polícia cultivava. Mas, no dia 15 de março, um deputado federal, Otávio Silveira, telegrafava a Vargas:

"Como impetrante habeas corpus favor Adalberto Fernandes, Clóvis Araújo Lima, torturados polícia, venho comunicar v. excia. esperando sua alta justiça. (...) Acabo ser informado pacientes ameaçados novas torturas e morte. (...) A polícia, pretexto do sítio, já assassinou Augusto Medeiros, Abesguardo Martins e Allan Barron. (...) Otávio Silveira, rua Maria Amélia, 120, apt.º 21".

Caprichosamente, com sua letra miúda e cuidada, Vargas anotou na margem do telegrama em lápis azul: *"Urgente"*. E acrescentou, em vermelho: *"Em mãos do chefe da polícia"*. Enquanto isso, na selva menos agitada da política, corriam rumôres de um golpe. O general João Gomes, no dia 14 de abril, contesta com uma circular número 76-A:

"Explorações tendenciosas procuram envolver o Exército em maquinações políticas querendo fazer crer até que está preparando um golpe militar a fim de tomar conta do govêrno".

Vargas continuava despachando normalmente. Sempre gentil com seus ministros. Lia a correspondência à noite. A 20 de maio voltava às suas mãos uma carta do deputado Otávio Silveira, talvez exageradamente minucioso ao dar seu endereço no telegrama anterior:

"O fim principal desta é pedir a v. excia. que seja concedida licença para que tomem ao ar livre uma hora de sol. Embora presos, protestamos". (O deputado estava na Casa de Detenção, junto com João Mangabeira, Abguar Bastos e Domingos Velasco.)

Nesses meses, a questão das prisões misturou-se com o debate político. Osvaldo Aranha volta a escrever:

"... o mundo caminha para os extremos, seja o da esquerda, seja o da direita. (...) Getúlio, tudo isto é inconsciência ou loucura ou maldade do teu ministro e dos teus policiais. (...) O nosso problema é pôr ordem nas classes armadas e deixar ao livre jôgo das idéias a evolução política de nosso país".

Se os policiais e o ministro da Justiça exageravam encarcerando 7 056 pessoas, em média diária de onze pessoas, os movimentos do regime não se faziam sentir pela contabilidade carcerária. José Antônio Flôres da Cunha, o temperamental governador do Rio Grande do Sul que Vargas chamaria pouco depois de *"fuxiqueiro"*, também está em perigo. E, além dêle, o general João Gomes, sôbre quem começa a se elevar a sombra de Góis Monteiro.

3 de dezembro de 1936. O general João Gomes demite-se do Ministério da Guerra. Em uma carta, deixava aflorar o motivo da demissão:

"A malfadada questão, sempre a mesma, da sucessão presidencial quer arrastar novamente o Exército para a luta em que vão se empenhar as fôrças políticas que ambicionam o poder supremo".

Reunindo elegância e astúcia, Vargas respondeu gentilmente ao general agradecendo *"a maneira leal e dedicada com que se conduziu na gestão dos negócios da Guerra"*. Mas foi a Osvaldo Aranha que Getúlio deu uma opinião mais verdadeira:

"A saída do general João Gomes se tornou inevitável. De certo ponto a esta parte mostrava-se imbuído de reservas negativistas e com a mentalidade dos adversários do govêrno. (...) Substituí-o pelo general Eurico Gaspar Dutra, comandante da I Região".

Getúlio acha graça

O general podia ter sido negativista, mas, quando viu a importância da "malfadada questão" da sucessão presidencial, estava demonstrando clareza política. Viriato Vargas, irmão de Getúlio, para quem a questão era benfazeja, escrevia ao presidente nos primeiros dias de março de 1937: *"Há, porém* (referindo-se ao comportamento de Flôres da Cunha), *uma única preocupação constante e verdadeira: evitar de qualquer forma a prorrogação do teu mandato".*

Getúlio responde:

"Acho graça quando falam em prorrogação de mandato e outras tolices. Minha pessoa não está em jôgo. Estou aparelhando as Fôrças Armadas para que estas possam manter a ordem e livrar o país do capricho ruinoso dos caudilhos e dos políticos exploradores".

Contudo, todos os jogos passavam pela mesa onde Vargas bancava sua maior partida. Benedito Valadares, governador de Minas Gerais, levou ao general Dutra um projeto de Constituição e um manifesto à nação redigido pelo jurista Francisco Campos. Enquanto isso, os jornais ferviam diante da divulgação de um sensacional plano de ação comunista que deveria subverter o Brasil e exigiam severas providências. O autor do plano seria um senhor chamado Cohen. Fôra escrito, porém, pelo capitão Olímpio Mourão Filho, que, cumprindo a ordem de calar-se dada pelo general Góis, só falou dezoito anos depois.

No dia 15 de setembro, falando com

Dutra, Vargas identifica uma das causas dos males políticos do país: *"o regime democrático"*. 27 de setembro de 1937. 9h15. Sala de reuniões do Ministério da Guerra. Já chegaram os cinco oficiais-generais convocados para uma reunião pelo general Dutra. Em volta da mesa estão Pedro Aurélio de Góis Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, Almério de Moura, comandante da I Região Militar, José Antônio Coelho Neto, diretor da Aviação, e Newton de Andrade Cavalcanti, comandante da Primeira Brigada de Infantaria. Pouco depois chega o capitão Filinto Müller, chefe da polícia do Distrito Federal. O ministro expõe a situação:

"Não se trata de política, mas exclusivamente de repressão ao comunismo. (...) Não é fantasia do govêrno; os documentos de origem comunista são copiosos e precisos; as atitudes ofensivas de elementos postos em liberdade são públicas e evidentes; as manifestações em praça pública são do conhecimento de todos; as declarações da imprensa, algumas sob assinatura, não deixam a menor dúvida.

"As providências pedidas insistentemente pelo ministro da Guerra vão sendo proteladas. (...) As nossas leis, como se acaba de ver, são ineficazes. (...) O menor defeito dos processos serve de argumento para inocentar os maiores culpados. (...) Impõe-se, contra a ação nefasta e iminente, a ação honesta e salvadora das instituições nacionais."

O general Newton Cavalcanti, comandante da guarnição da Vila Militar, tinha as mesmas apreensões. Começou declarando que recebera o documento onde se descrevia a preparação do golpe comunista (o plano Cohen). Concluiu que o movimento devia ser exclusivamente militar. Os defeitos das leis eram a preocupação de todos. Dutra também falou sôbre isso. Diz a ata da reunião:

"Lembrou então que era necessário prever o futuro. Desencadeado o movimento, virão os recursos já muito conhecidos: habeas corpus, mandados de segurança, reclamações ao Congresso, etc., etc. Urge, portanto, evitar que tais recursos venham a anular a ação desencadeada. (...) Impõe-se, porém, aniquilar por completo os elementos reacionários da Câmara dos Deputados. Assim, a ação desencadeada não deve esquecê-los, pois são os principais órgãos da manobra comunista. Conhecedores do documento fornecido pelo Estado-Maior do Exército (o plano Cohen) chegam a atribuí-lo, para tirar-lhe o valor pela intriga (arma comunista), ao próprio general Góis Monteiro".

ABRIL PRESS

1936: Prestes prêso. A ameaça comunista

ABRIL PRESS

Vargas sôbre Flôres (à esq.): fuxiqueiro

ABRIL PRESS

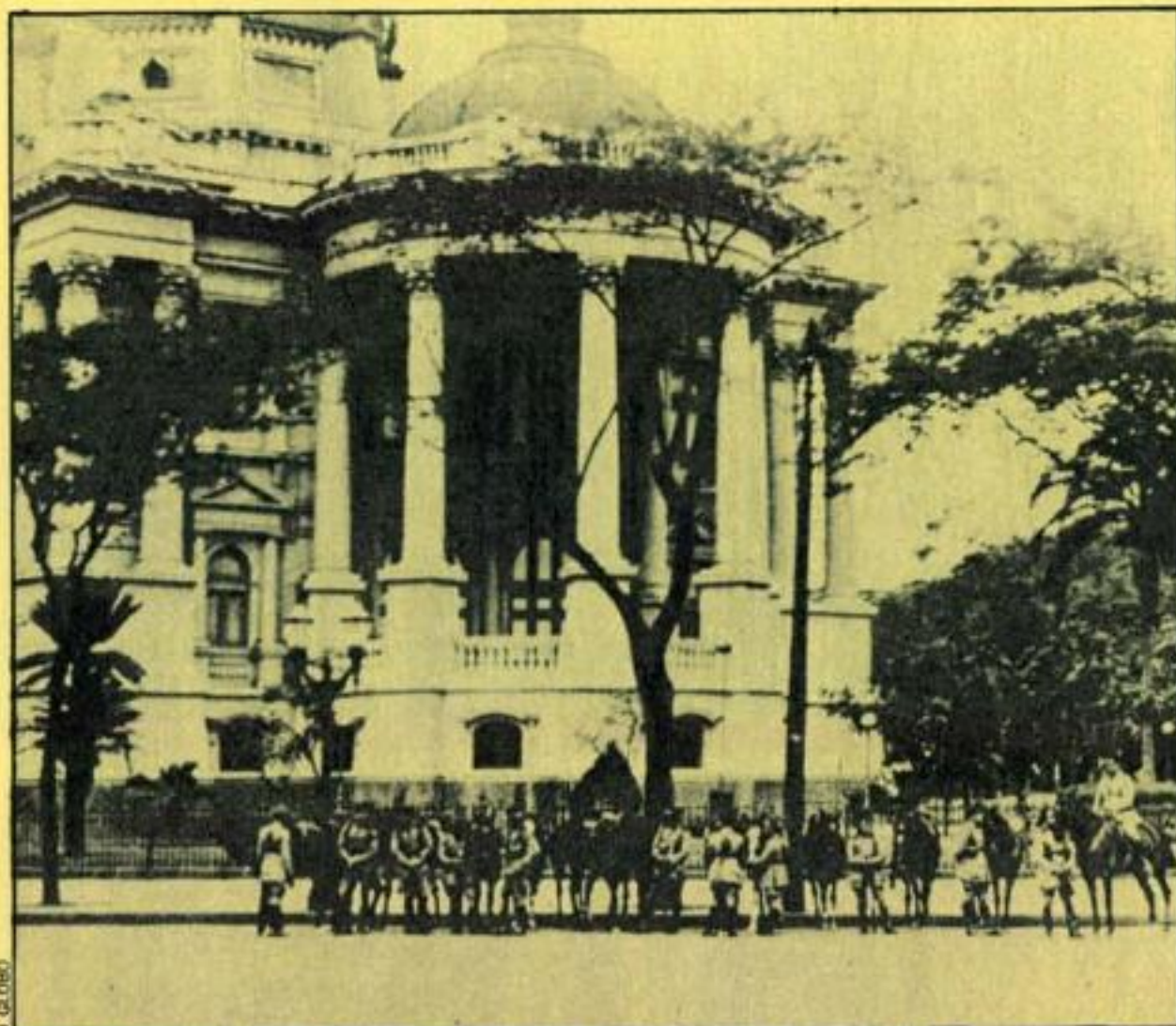
Filinto entre rosas: aos presos, trabalho

O GLOBO

Valadares (de bigodes) conspirava mas não perdia os comícios de José Américo

O GLOBO

9 de novembro de 1937: Campos toma posse. O golpe está por horas

O GLOBO

10 de novembro: a cavalaria da PM cerca o Senado. Consumatum est

O general Góis Monteiro, que conhecia as minúcias do documento que distribuíra, aparteou:

"O golpe está preparado pelos comunistas, ostensivamente, com ordens expressas de Harry Berger e outros chefes extremistas".

O general Coelho Neto acrescenta:

"Contra êle é necessário desencadear o movimento militar que importará em um golpe de Estado".

Em seguida, pede sigilo e propõe um *"compromisso escrito de que não querem a ditadura militar"*.

A fórmula de Filinto

Mais adiante, quando o general Góis recomendou a instalação da lei marcial *"por dois ou três meses"*, o capitão Filinto Müller ponderou:

"É preciso evitar os processos. Outros países dão o exemplo. Sem execuções, sem fuzilamentos, aproveitando os prisioneiros em trabalhos públicos, abrindo canais, construindo estradas, pode-se afastá-los do convívio da sociedade, sem mantê-los encarcerados na capital federal".

Pouco depois, os generais assinavam a ata. Faltara um: Manuel Rabelo. Sua voz não foi ouvida senão pelo general Dutra.

Mas sua declaração foi apensada à ata:

"Se há perigo real contra o regime republicano, dê-se ao govêrno todo o apoio para defendê-lo, mas a defesa deve abranger também o extremismo de direita, que quer também destruir as instituições republicanas e as liberdades públicas".

Faltavam alguns retoques. Naqueles dias havia desaparecido do Rio uma prostituta francesa, Ivonne Courtanger, chamada Pierrot. Também desaparecera um mineiro atencioso e calmo: Francisco Negrão de Lima. Pierrot nunca mais reapareceu. Negrão, porém, que era o secretário geral da campanha de José Américo de Almeida, viajara em busca do apoio dos governadores dos Estados à "ação". Não parou no Recife nem em Salvador, pois os governadores Carlos de Lima Cavalcanti e Juraci Magalhães não eram apoios potenciais. Oferecia a prorrogação dos mandatos de quem estivesse de acôrdo.

No sul terminava a novela de Flôres da Cunha. Altivo, renunciou diante de uma intervenção evidente que viria pouco depois.

O segrêdo, porém, fôra violado. O "Correio da Manhã" de 5 de novembro anuncia as intenções da missão Negrão de Lima. Vargas, ativo, dá instruções a Benedito Valadares, de quem se valia com sua habitual discrição, para manter todos os entendimentos:

"Nota 'Correio' hoje, promovida Zé Américo sôbre o objetivo viagem Negrão de Lima, torna necessário manobra espalhar êle foi apenas consultar governadores sôbre outra solução política, propósitos conciliatórios dentro quadros legais: prorrogação, terceiro candidato, etc., e que não chegou em Pernambuco e Bahia porque êstes já tinham sido ouvidos. Isso convém espalhar, sem caráter oficial, porque lança nôvo tema, confunde espíritos, tranqüiliza Congresso e facilita ultimação trabalhos".

No dia 9 de novembro, o mineiro Francisco Campos, com um terno de linho branco, foi empossado no Ministério da Justiça.

Na madrugada, as rádios anunciaram o texto de uma nova Constituição outorgada pelo presidente da República. O trabalho estava concluído. À tarde, o general Dutra divulgava um manifesto e os vespertinos rodaram edições extraordinárias. O Congresso estava fechado. José Américo e Armando Sales não tinham mais presidência para disputar. Vargas continuaria. O prédio do Senado estava cercado pela cavalaria da Polícia Militar. A imprensa, censurada.

Há "mão judia"

Três dias depois, Osvaldo Aranha, de Washington, onde enfrentava os críticos que viam componentes fascistas no nôvo Estado, conta a Vargas:

"Os jornais desta manhã já trazem notícias menos desagradáveis, mostrando-se mais conformados com a situação e afirmando que o nôvo regime em nada poderá alterar as relações de nossos dois países. Esta transformação foi o resultado de uma conferência secreta do subsecretário de Estado Sumner Welles com os jornalistas, procurando orientá-los no sentido de procurar atenuar os seus noticiários e comentários".

Aranha relata, ainda surprêso, a reação negativa da imprensa estrangeira, mas tranqüiliza Vargas:

"Minha impressão é a seguinte: êste govêrno procurará aproximar-se do Brasil porque nosso país é e terá de ser o ponto de apoio mais seguro e fiel à política de good-neighbourhood. (...) Sem o nosso país nada podem os Estados Unidos fazer na América. (...) Tenho para mim, e estou investigando, que na campanha contra nós já deve existir mão judia, pois a recomendação contra êles data de muitos meses e já há dois meses que me chegavam rumôres de que os judeus se estavam apercebendo das dificuldades consulares".

O ar que você respira não custa nada. Por isso é tão ruim.

Em 3 minutos você respira um metro cúbico de ar.

E recebe partículas de cloro, enxôfre, ferro, nitrogênio e outras impurezas.

Essa mistura fere os olhos, afeta a língua, ataca o sistema respiratório e destrói suas defesas orgânicas.

Nós achamos que o lugar dessa sujeira é aqui.

E não no seu pulmão.

Para evitar tudo isso, comece a fabricar seu próprio ar puro, na temperatura em que você quiser.

O Condicionador de Ar General Electric tem um filtro que segura a sujeira.

E o ar puro entra sem ruído nenhum, porque o motor trabalha silenciosamente.

A GE fabrica condicionadores de ar em várias capacidades diferentes, para refrigerar, aquecer, ventilar e fazer circular o ar em salas, salinhas e salonas.

Instalando Condicionador de

[illegible]

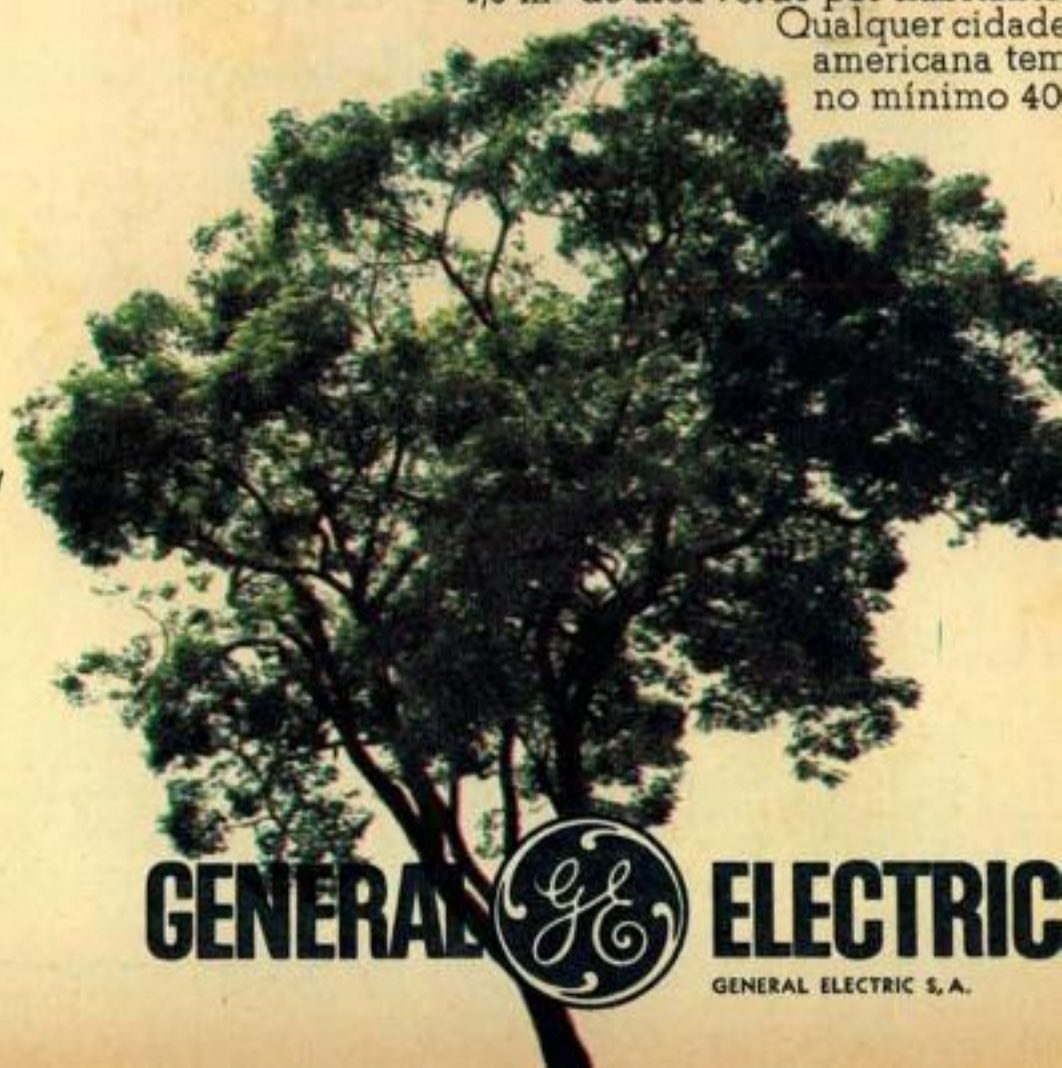
Chegará o dia em que as crianças serão proibidas de brincar ao ar livre, porque se respirará melhor nos ambientes protegidos pelo ar condicionado? No começo da dé[illegible] de 50 muit[illegible]

("Veja" de 6 de maio de 1970.)

O único barulho que você ouve é o ar entrando na sua sala: sssssss.

Ar GE no seu escritório e na sua casa, você fica livre da poluição e dos mosquitos, trabalha melhor e dorme melhor.

Agora que você leu tudo, procure respirar o menos possível, enquanto manda instalar seu Condicionador de Ar GE.

Uma cidade como São Paulo tem 4,8 m² de área verde por habitante. Qualquer cidade americana tem no mínimo 40.

Acapulco, México
Fotógrafo: Art Kane.

Sol escaldante.
Garôtas sorridentes.
Tilintar de copos.
Irresistível!
Martini Doce,
Tinto ou Sêco.
Irresistível!
Martini & Rossi.
Internacional.
Irresistível!
MARTINI
EXTRA DRY
MARTINI
VERMOUTH
SECCO
MARTINI & ROSSI
MARTINI, SOLA & C.
MARTINI
BIANCO
MARTINI
VERMOUTH
BIANCO
MARTINI & ROSSI
MARTINI, SOLA & C.
CONT. 1 LITRO - GRADI 16,5
MARTINI
MARTINI
VERMOUTH
MARTINI & ROSSI
MARTINI, SOLA & C.
CONT. 1 LITRO - GRADI 16,5
Da esquerda para a direita:
MARTINI "Tonic": em um copo alto, uma dose de Martini sôbre cubos de gêlo. Complete com água tônica e adicione uma fatia de limão • MARTINI "On The Rocks": sôbre cubos de gêlo, despeje Martini e acrescente uma casquinha de limão.

CARTAS

Moji, a melhor

Sr. Diretor: O n.º 105 de VEJA (9-9-70) publicou uma reportagem sôbre o caso da menina Elisa, "nome falso de Maria das Dores Socca, moradora na prosaica cidadezinha de Moji das Cruzes". Moji é uma cidade com 731 km², com 152 750 habitantes e é a 11.ª cidade do Estado de São Paulo. São 2 030 firmas em funcionamento, 19 agências bancárias, 172 indústrias e 1 000 granjas em franca produção de aves e ovos. Há muito mesmo, deixamos de ser prosaica cidadezinha.
Marcos Borenstein
Moji das Cruzes, SP

Não é fuga

Sr. Diretor: Na semana passada, um dos jornais de Pôrto Alegre publicou uma radiofoto mostrando um soldado armado em desabalada correria pelas ruas de Amã, com a legenda: "Um soldado da guarda do rei Hussein fugindo de guerrilheiros para salvar sua pele". VEJA n.º 108 (30-9-70) publicou a mesma foto com a legenda: "Amã, agora operações de limpeza". Afinal, o soldado persegue ou foge?
Oly Moreno
Pôrto Alegre, RS

VEJA está certa.

Antônio Silvino

Sr. Diretor: VEJA n.º 106 (16-9-70) diz que Antônio Silvino foi um "temido chefe político nordestino". Não é verdade. Êle foi um dos mais famosos cangaceiros, nascido em Afogados de Ingazeira (PE), no ano de 1875. Seu nome verdadeiro era Miguel Batista Morais e atuou durante quase trinta anos nos sertões do Ceará a Pernambuco, sendo cognominado "O Rifle de Ouro". Sua carreira criminosa terminou no dia 27 de novembro de 1914, em Lagoa de Lajes, (PE), quando foi prêso. Ficou na cadeia até 1937, quando, então, foi indultado pelo govêrno federal. Faleceu em agôsto de 1944. Nunca aprendeu a ler nem escrever.
Humberto Pires
São Paulo, SP

Soy poeta, señor

Sr. Diretor: Sou um poeta do Uruguai, autor de "Poemas Místicos", "A tentação", "Adam na Latinoamérica", entre outros. Faço parte de um movimento internacional da poesia mística e envio êste poema como confraternização com os leitores brasileiros: "Era uma decisão amadurecida/ Serpente/ No descontentamento/ Presságio alimentado pela amargura/ Voando no fogo da vitória/ Cão de guarda das promessas".
Amilcar Jesus Legazcue
Buena Orden, Uruguai

Ornamento, não

Sr. Diretor: Como presidente da Sociedade de Psicologia do RS, discordo de VEJA n.º 108 (30-9-70), no artigo sôbre o simpósio realizado em Pôrto Alegre, onde diz que os estudantes de psicologia "ornamentavam as galerias". Sou testemunha da singular seriedade e inteligência com que os estudantes encaram tôdas as atividades ligadas à vida profissional da classe. Os estudantes não ornamentavam as galerias, portanto.
Luís Antônio Meira
Pôrto Alegre, RS

Escrevam, por favor

Sr. Diretor: Sou estudante de jornalismo. Sei que as cartas publicadas nessa seção se referem a assuntos publicados na revista. Peço-lhe um favor especial: publique meu enderêço, fazendo uma chamada aos estudantes de jornalismo do Brasil e do exterior, principalmente Portugal, para uma troca de correspondência. Peço isto porque não me recordo de haver notado alguma amostra do que pretendo, na seção de "Cartas". O enderêço é: rua Augusta, n.º 724, apt.º 101, Recife (PE).
José Reinaldo Belo
Recife, PE

Ora, pois, pois. . .

Sr. Diretor: Como português que sou, tenho a petulância de fazer uma reclamação. A VEJA n.º 110 (14-10-70) publicou um verbête sôbre meus patrícios, que são, mui injustamente, motivos de galhofa e piadas. Disse a revista que o jornalista Fernando Nazaré, de Lisboa, mas que ora vive no Brasil, escreveu uma carta ao presidente Medici, pedindo que a Censura Federal proíba as piadas de portuguêses nos espetáculos artísticos e meios de comunicação de massa. Um amigo meu leu e comentou: "É mais uma piada de português". E tem razão, ora, pois, pois. O Nazaré poderia esperar mais um pouco, e não seríamos tão mal interpretados.
Elísio Armando de Araujo Sena
São Paulo, SP

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital.

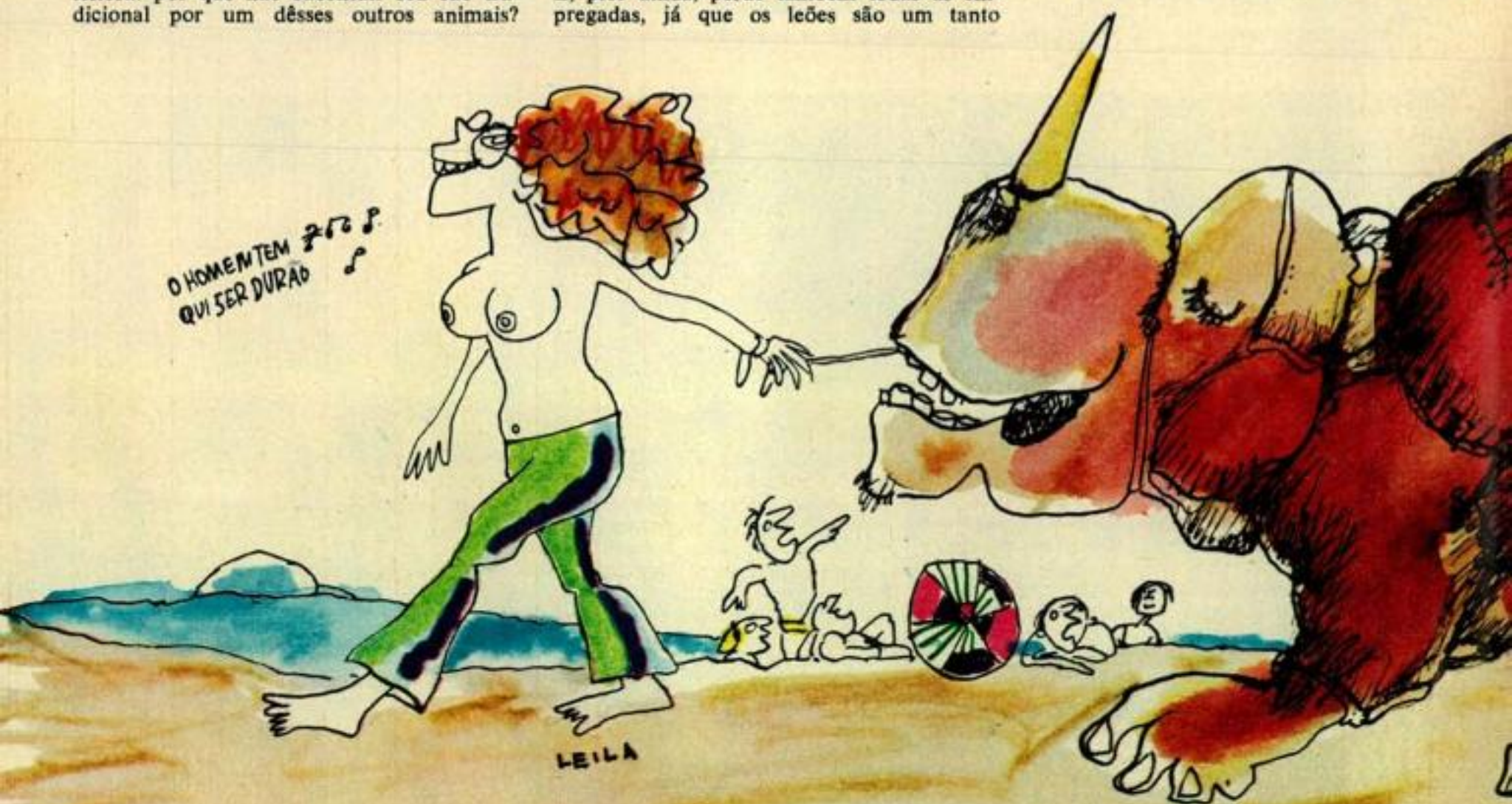
COMO ESCOLHER UM ANIMAL DOMÉSTICO

Não sei se é por causa da tão decantada solidão moderna que tôda casa brasileira tem, hoje, um animal de estimação. Se a mãe não tem, o pai tem, se não é o pai é o menino. Ou a vó tem. Geralmente o animal de estimação é um cachorro (os gatos perdem por pouco), a não ser no caso de umas poucas senhoras que já preferem ter **hippies** cabeludos, animal ainda não muito admitido nos **zoos** da burguesia.

Mas, na medida em que se tornaram mais populares, os cães foram sendo cada vez mais perseguidos e, por isso, estão mesmo, penso, em vias de extinção. As visitas não gostam dêles, a polícia não gosta dêles, e os síndicos, sobretudo, detestam êles. Basta ler qualquer **Regimento Interno** de edifício para verificar que o cão é um animal pràticamente prescrito do urbanismo atual. Mas foi justamente lendo o **Regimento Interno** do meu edifício que percebi que os síndicos, inimigos figadais dos cães, nada têm contra leões, tigres, ursos polares, elefantes e girafas. Assim sendo, pergunto eu à amável (ou mesmo grosseira) leitora: por que não substituir seu cão tradicional por um dêsses outros animais? Você não estará ferindo o **Regimento** e, possìvelmente, será o furor, o **góssip** da **saison.**

Peguemos, por exemplo, um leão. Ou melhor, você pega um leão, pois eu me pélo todo. Sabe de uma coisa? Examinando bem, não acho recomendável você ter um leão como animal doméstico. Bastaria o tamanho para torná-lo incompatível com a vida num apartamento **já-vi-tudo.** Porque, como o leão tem, em média, 2 metros e meio de comprido, o mínimo que poderia acontecer é êle ser obrigado a dormir com o rabo do lado de fora da janela e você estaria transgredindo outro capítulo clássico do **Regimento Interno:** o que proíbe "roupas ou **quaisquer outros** objetos nas janelas ou amuradas comuns do edifício". Eu sei, eu sei que você tem razão: mas vá provar a um síndico que rabo de leão não é objeto.

Além disso você vai se dar conta de que o ditado "Quem tem um leão perde um amigo" é bem verdadeiro. Geralmente o perde (perde-o ou perde êle) por via oral. E, pior ainda, perde também tôdas as empregadas, já que os leões são um tanto inclinados a não respeitarem o **lumpen proletariat.** Inda outro dia eu estava tomando meu tranqüilo **on the rocks** nos braços de uma amiga quando o mordomo veio lá de dentro esbaforido gritando: "Madame, o Voltaire comeu tôda a arrumadeira e agora está lá no quarto tentando pegar a cozinheira em cima do armário". O que uma cozinheira estaria fazendo em cima do armário àquelas horas eu não sei mas madame teve que se vestir e ir lá ameaçar Voltaire ("Se os triângulos tivessem um deus o deus teria três lados") de devolvê-lo à África e suas complicações sociais, caso êle não se comportasse com um mínimo de decência leonina. O leão, ameaçado de servir ao Poder Negro africano, acomodou-se. Enfim, prefira um tigre.

O tigre tem sempre um aspecto bem mais limpo do que o leão, coisa importante apenas, está visto, para quem aprecia limpeza. Mas — fator básico para jovens senhoras sem muitos recursos — um tigre vai bem com qualquer roupa. Sobretudo vestidos de listras. Os cuidados especiais a

serem tomados com essa espécie animal é que ela é muito mais apreciada do que a dos leões e, portanto, antes de dormir, você tem que guardar seu tigre cuidadosamente, em lugar bem seguro, de preferência cofre ou armário trancado. Jamais ponha um tigre em seu motor. Porque, embora os tigres não suportem o frio e precisem ser mantidos em fornos durante boa parte do dia, não convém colocá-los no motor devido ao tal monóxido inodoro, insípido, incolor e mortal. É bem verdade que também nos fornos muito tigre já foi encontrado torrado devido a lapsos de memória da dona. Mas, que fazer? São riscos.

Agora, quem não aprecia leão ou tigre, pode escolher, mais ou menos na mesma linhagem, um leopardo. Além de ser um bicho ágil e movimentado (é mais um **happening** do que um animal), essa mesma movimentação, combinada às curiosas manchas de seu corpo, fazem dêle um excelente alvo para treino de tiro, coisa tão necessária nos tempos que correm, quando ninguém sabe o momento em que teremos que defender nosso apartamento de armas na mão, ou de armas na mão atacar o dos outros, o que vem a dar na mesma.

Um conselho, porém: nunca compre um leopardo de segunda mão, por menor que seja o preço. E, ao comprar, escolha o animal não pela beleza do porte mas pelo caráter. Os leopardos de mau caráter se cansam fàcilmente de nossas brincadeiras (sobretudo atirar nêles de espingarda) e tendem a abocanhar pequenas partes de nossas pessoas (uma perna aqui, um braço ali, uma orelha acolá), sinal indisfarçável de que devemos nos desfazer dêle sem aviso prévio. Ah, ia me esquecendo — outro inconveniente de leões, tigres e leopardos é que mudam a pele uma vez por ano, ficando então ridículos e irritadiços.

Mas a escolha de animais domésticos é infinita e só mesmo a falta de imaginação burguesa a reduz a tão poucas variedades. Por exemplo: é comum amigos meus terem coleções de canários, pintassilgos ou periquitos. Na minha cobertura coloquei um casal de urubus e vocês não imaginam o sucesso. Pensei, antes, em comprar uma águia, mas um técnico avisou-me de que essas belíssimas aves precisam de um campo de pouso bem mais extenso e eu desisti. Se o seu terraço é grande, aproveite a idéia.

Para quem procura alguma coisa doméstica ainda mais bizarra, pergunto eu: e por que não um porco-espinho? O porco-espinho tem um ar extremamente original, faz a alegria das crianças, é muito mais feio do que qualquer buldogue e posso garantir que ainda se passarão muitos anos antes que apareça um síndico com imaginação bastante para enquadrá-lo na lei.

Os que sofrem de neurastenia ou paranóia de qualquer espécie precisam tomar cuidados especiais quando escolherem seu animal. A êles eu aconselharia bichos-da-sêda, cuja voz é quase inaudível (a não ser quando você se esqueceu de comprar alface e rouba dêles para dar às visitas), borboletas, de vôo silencioso, e mariposas, ligeiramente mais ruidosas. Quanto a pessoas que não suportam bichos que vivem pulando, voando ou fuçando em volta, o mais aconselhável é uma coleção de cacóis ou tartarugas, animais longevos e insensíveis às maiores ofensas.

Isso tudo no capítulo do bom senso. Porque, se você tá pouco ligando e quer um animal realmente sensacional, de extraordinária durabilidade, mas um tanto exibicionista, nada melhor do que um hipopótamo. Só tem uma coisa: adora água e, portanto, não é recomendável para paulistas da capital, mas facílimo de manter para quem mora em Ipanema. O último que vi tomava banho de mar na Montenegro e fazia um senhor sucesso. Pràticamente ninguém notou que a dona era a Leila Diniz, aquela que diz que o homem tem que ser durão*.

E ponto final, mas não menos importante na escolha dos animais domésticos, é sua utilidade depois de mortos. A êsse respeito os patos, por exemplo, são ideais. Em vida dão ao **living** (sem trocadilho) um ar rural profundamente tranqüilizador. (É claro que seria impossível você ter no **living** tôda a água que êles apreciam, mas, como são estúpidos, um espelho colocado no chão os satisfaz.) Depois de mortos, os patos, como sabe qualquer cozinheira, dão um excelente pato ao tucupi (bastando você ter o tucupi) ou servem como decoração maravilhosamente **pop** para a varanda. Os tigres, depois de mortos, podem ser prensados e transformados em belíssimos tapêtes. E um hipopótamo, bem estofado, é a coisa mais original que conheço como pêso para papéis.

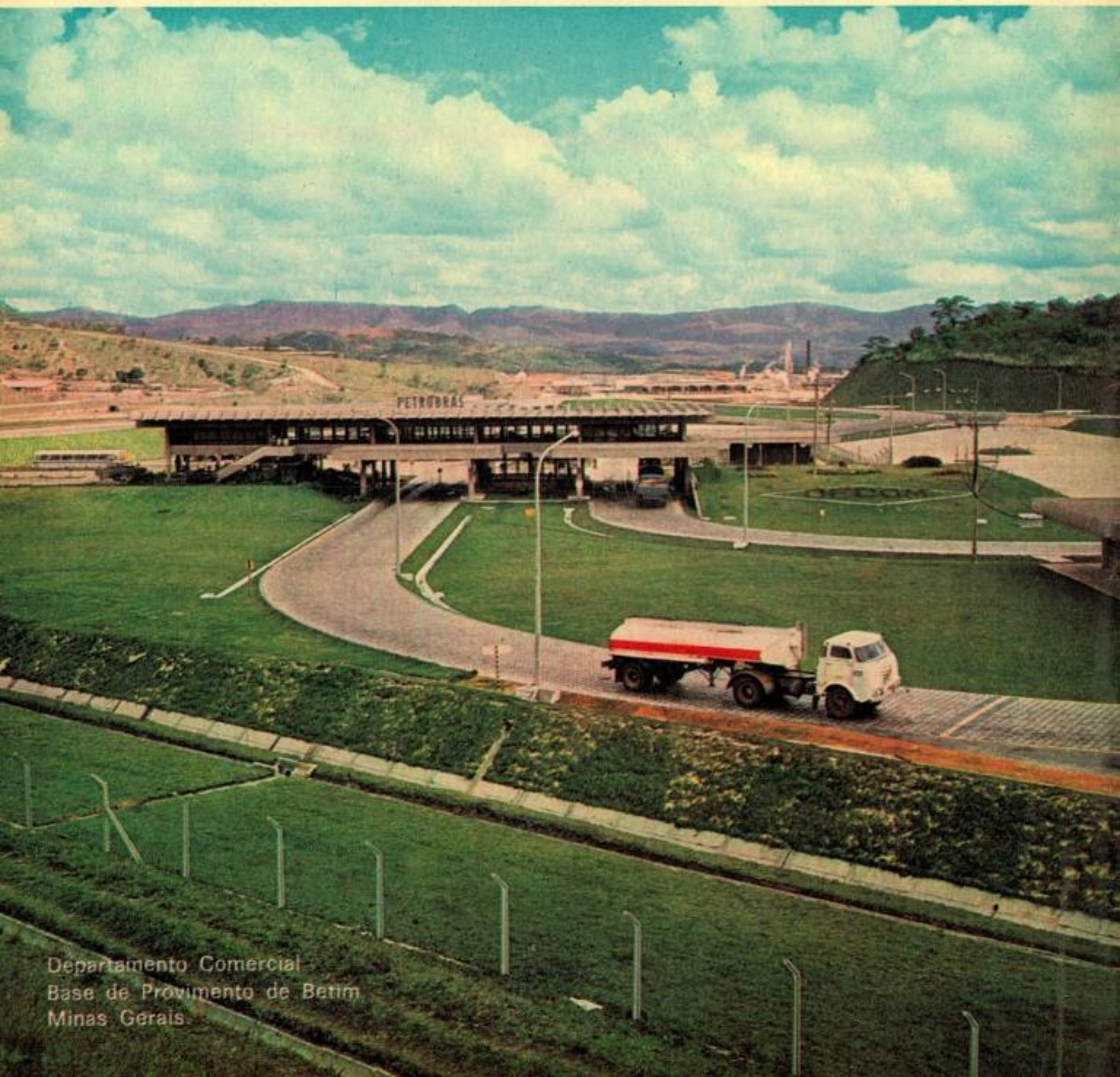
Millôr Fernandes

---

* *Leila, por sinal, usava um* top-less. *Eu notei. Senão, como estaria escrevendo?*

GRANDEZA POR AMOR A VOCÊ

Hoje, a maior emprêsa do Brasil. Poderosa, lucrativa. Geradora de novas indústrias, novos empregos, mais progresso, mais segurança. A solução brasileira: uma sociedade de economia mista. O Govêrno e Você. Pesquisando, produzindo, refinando e transportando petróleo e seus derivados. Participando da distribuição e da indústria petroquímica. Esta é a PETROBRÁS. Que nasceu de você e cresceu, em grandeza, por amor a Você e seus filhos. A PETROBRÁS é VOCÊ !

PETRÓLEO BRASILEIRO S/A
Jurisdicionada ao Ministério das Minas e Energia
Govêrno Federal

Departamento Comercial
Base de Provimento de Betim
Minas Gerais

Editôra Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Diretores: Edgard de Silvio Faria
Gordiano Rossi
Richard Civita
Roberto Civita

Conselho Editorial: Edgard Faria, Hernani Donato, Luís Carta, Mino Carta, Odylo Costa, filho, Roberto Civita, Victor Civita

Revista Semanal de Informação

REDAÇÃO
Diretor
Mino Carta

Redatores-chefes: José Roberto Guzzo, Sérgio Pompeu
Editôres: Sebastião Rubens Gomes Pinto, Ulysses Alves de Souza
Secretário de Redação: Henrique Caban
Chefe de Arte: George B. J. Duque Estrada
Editôres Assistentes: Almir Gajardoni, Antônio E. Teixeira, Carmo Chagas, Dorrit Harazim, Elio Gaspari, Geraldo Mayrink, K. Matsumoto, Leo Gilson Ribeiro, Luís Adolfo Pinheiro, Michel Cecilio, Paulo Henrique Amorim, Renato Pompeu, Sérgio Oyama, Silvio Lancelotti
Repórteres Especiais: Alceu Gama, Armando Salem, Dirceu Brisola, Fernando Semedo, Helio Gama Filho, Nilo Martins, Octavio Ribeiro
Redatores: Anthony de Christo, Antonio C. Augusto, Gulomar Smith de Vasconcellos, Hersch Schechter, Maria da Penha Della, Norma Freire, Pedro Cavalcanti, Tárik de Souza
Repórteres: Talvani Guedes (chefe), Eda Maria Romio, Eliana Machado, Elmar Bonas, Guilherme Veloso, J. A. Dias Lopes, Nello Pedra Gandara
Fotógrafos: Amilton Vieira, Carlos Namba
Arte: Ademar Assaoka, Américo Ietto Filho, Hélio de Almeida, José Bigatti, Pedro de Oliveira
Produção: Alexandre Daunt Coelho, Carlito Nucci, Mauricio Benassato
Colaboradores: Investimentos: Aloysio Biondi, **Livros:** Bruna Becherucci, **Medicina:** Irany Novah Moraes

Bureaux

Rio - Chefe de Redação: Nelson Silva / **Repórteres:** Bernardo de Mendonça, Danubio Rodrigues, Gastão F. Patusco Filho, Ismar Cardona Machado, Marcos de Sá Correa, Maria Helena Dutra, Oswaldo Amorim, S. Proença Leitão, Silvia Távora / **Fotógrafos:** Adhemar Veneziano, Antônio Andrade - R. do Passeio, 56, 11.º, fone: 222-9885, Telex: 031-451 — **Brasília - Diretor:** Pompeu de Sousa / Luís Guttemberg **(chefe)** / Evandro Paranaguá, J. Carlos Bardawil, Luís Humberto **(fotógrafo)** - Ed. Central, salas 1201 e 1208 - Setor Comercial Sul, fones: 43-4800, 43-4890, 43-4990, Telex: 041-254 — **Belo Horizonte** - Alberico Souza Cruz **(chefe)** / Paulo Roberto Amador - R. Espírito Santo, 466, salas 707 e 708, fone: 22-3720, Telex: 037-224 — **Pôrto Alegre** - Paulo Totti **(chefe)** / Gilberto Paulettl / Assis Hoffmann **(fotógrafo)** - Av. Otávio Rocha, 115, sala 511, fones: 24-4825 e 24-4778 — **Recife** - Renan S. Miranda **(chefe)** / Franklin Campos, José Saffioti Filho, Paulo Sotero / Clodomir Bezerra **(fotógrafo)** - R. da Concórdia, 153 - Ed. Cidade de São Salvador, salas 502 e 503, fone: 4-4957 — **Salvador** - Edgar M. Catoira — **Nova York** - Luiz Garcia - 11 W. 42nd Street, Telex: 423-063 — **Paris** - Alessandro Porro

Serviços Editoriais

Diretor: Roger Karman / **Documentação:** Antonio Zago, Carmen Craidy, Celso Ming, Dilico Covizzi, Irede A. Cardoso, João Guizzo, José Carlos Kfoury, Luna Alkalay, Maria Regina Viana, Ubirajara Forte / **Serviços Fotográficos:** Francisco Albuquerque **(gerente)**, Jussi Lehto **(supervisor)**, Jorge Butsuem, Regnier de Oliveira, João Batista Perilo **(fotógrafos)** / **Cartografia:** Francisco Beltran **(gerente)** / **Abril Press:** Samuel Dirceu **(gerente)**

Serviços Internacionais

Newsweek/Paris-Match/Associated Press/Matérias internacionais via Varig e Air France

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Diretor de Publicidade: Salviano Nogueira
Diretor Comercial, VEJA: Paulo Augusto de Almeida
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Gerente Comercial: Oscar Colucci
Gerente de Promoções: Sergio B. Rosa
Gerente de Publicidade, Rio: Ricardo Tadei
Representantes: São Paulo: L. A. R. Frota, Paulo Dias Pini, Pérsio Brait Pisani / **Rio:** Leopoldo Amorim / **Pôrto Alegre:** Rubens Molino **(gerente)** e Elconho Engel / **Belo Horizonte:** Sérgio Pôrto / **Curitiba:** Edison Helm / **Recife:** Antônio Lyra Filho

Diretor de Publicidade Internacional: L. Bilyk
Diretor de Relações Públicas: Hernani Donato
Diretor, Rio: André Raccah
Gerente, Brasília: L. Edgard Tostes
Diretor de Produção: Arno Langer
Assessor do Diretor Responsável: J. R. Franco da Fonseca

Diretor Responsável: Edgard de Silvio Faria

VEJA é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação: Av. Otaviano Alves de Lima, 800, fone: 266-0011, Telex n.º 021-553 / Publicidade: R. Augusta, 1846, tel.: 81-1800, caixa postal 2372 / Administração: R. Emilio Goeldi, 575, São Paulo / Preço do exemplar avulso: o constante na capa. Preço da assinatura: o mesmo do exemplar avulso, mais o frete registrado de superfície ou aéreo, multiplicado pelo número de edições do período desejado (máximo de um ano; mínimo de seis meses) / Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais / Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Em São Paulo: R. Brigadeiro Tobias, 773; no Rio de Janeiro: R. Sacadura Cabral, 141. Pedidos pelo Correio: caixa postal 945, São Paulo / Temos em estoque somente as últimas seis edições / Todos os direitos reservados / Impressa e distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.

Carta ao leitor

— Olha, consegui um voto para o Tiradentes, mas custa 50 cruzeiros. Vale a pena?

— Não, está muito caro. Por 500 cruzeiros e apenas 100 de sinal nós já instalamos um comitê pró-candidatura de Tomás Antônio Gonzaga em Belo Horizonte.

Êste diálogo foi mantido pelo telefone, na tarde de quinta-feira passada, entre o chefe da Sucursal de VEJA no Recife, Renan S. Miranda, e a redação de São Paulo. Eram os últimos retoques num trabalho de seis semanas para definir os contornos de um personagem insinuante, algo maldito, porém sempre utilizado: o cabo eleitoral.

Em busca de um desenho de traço preciso, Paulo Totti, chefe da Sucursal de VEJA em Pôrto Alegre, percorreu 1 000 quilômetros por cidadezinhas e lugarejos gaúchos habitados por cabos de gestos largos e palavras redondas. José Carlos Bardawil, repórter da Sucursal de Brasília, foi procurar espécimes em Goiás. O repórter especial Dirceu Brisola saiu de São Paulo para ver o comportamento de uma pequena cidade, Hidrolândia, quando batida pelos ventos eleitorais. A repórter Eda Maria Romio não precisou andar tanto: achou cabos em plena cidade de São Paulo, enquanto outro repórter, Marcos de Sá Correa, da Sucursal carioca, fazia o levantamento dos pequenos currais sobreviventes na Guanabara e Geraldo Hasse cuidava dos paranaenses. E Renan S. Miranda e a equipe do Recife não se limitavam aos cabos, iam também ao famoso Chico Heráclio, coronel de Limoeiro e cabo da Arena.

Em Minas, Durval Guimarães seguiu para Governador Valadares, perseguindo o lendário Adriano "Casca Grossa" Dias, e Alberico Souza Cruz, chefe da Sucursal, instalou em Belo Horizonte o comitê de Tomás Antônio Gonzaga, o inconfidente morto há quase dois séculos e agora ressuscitado como candidato por 100 cruzeiros de sinal, com cabo eleitoral e comitê de placa na porta.

Nem sempre foi fácil o encontro com êsses pitorescos personagens que se movimentam nas costuras das leis eleitorais. Sempre solícitos, porém, quando encontrados, na explicação de seus "trabalhos", que vão desde o oferecimento de lápis a crianças e camisas de-futebol a adultos até a entrega de cédulas de dinheiro cortadas ao meio, só completadas depois de aparecerem nas urnas, inteiras, as cédulas eleitorais.

O perfil do cabo eleitoral está na reportagem de capa, a partir da página 18 (texto final de Elio Gaspari e Almir Gajardoni). Atrás do retrato, como pano de fundo, desfilam algumas das imperfeições do sistema democrático, "o pior dos regimes, salvo os outros", segundo Churchill — na verdade, o único descoberto nos últimos 5 000 anos para permitir, de maneira relativamente correta, a expressão da vontade popular.

A foto da capa, apresentando o versátil e atencioso "Casca Grossa" vestido pela solene casaca que gostaria de guardar para os grandes dias, é de Célio Apolinário.

A casaca, como o prestígio dos cabos, foi alugada.

M.C.

Indice

ESPECIAL

Os profissionais do voto

AS OBRAS E AS GRAÇAS DOS CABOS ELEITORAIS

"Se o talento e a cultura elevada chegassem a ser um patrimônio de todos, como viveriam bem os poetas! Poderiam então ser sempre sinceros."

J. W. Goethe (Conversações com Eckerman — 25/2/1824)

Não vendo votos. Já falei que indico ao meu pessoal qual o homem que deve ser votado. O eleitor semi-analfabeto gosta muito disso. Geralmente não tem candidato certo e, como confia muito em mim, o meu trabalho é só dizer o nome. Contando o Recife todo, sou capaz de conseguir uns oitocentos votos. Cabo eleitoral com 2 000 votos é mentira. Arranjo receita. Levo parturientes à maternidade. De vez em quando consigo um emprêgo com os políticos." Wilson Erasmo Moreira Braga, ou "Moreira", ou "Primeiro-ministro", durante o carnaval pernambucano. Nas épocas de campanha, cabo eleitoral.

"Na última campanha dei 1 200 votos ao deputado Raul Bernardo Nélson de Senna. Êle não pagou o que havia prometido e ainda gastei três pares de sapatos andando de uma vila para outra. Muitos pensam que a vida de cabo eleitoral é moleza, mas a gente sofre muito. Mexer com político é fogo, êles embrulham muito a gente. Agora, para instalar comitê exijo dinheiro adiantado. Estou conversando para apoiar o doutor Nélson Scarano para deputado federal. Ouvi falar que é muito rico, mas me pareceu pão-duro no primeiro encontro que tive com êle. Pedi 260 cruzeiros para aluguel de sala numa vila e êle achou caro. Já trabalhei até para Juscelino Kubitschek. Êle reconheceu meu valor. Nomeou minhas duas filhas. Quando se aproxima a eleição penso comigo mesmo: desta vez vou encanar a perna, vou ganhar muito dinheiro." José Feliciano Gomes Filho, 67 anos, cabo eleitoral em Belo Horizonte por vocação e profissão.

"Eu só voto em quem Lica Pereira mandar. Êle dá o nome e eu faço a cruzinha. Arena é coisa do toureiro Brechó que estêve no arraial ano passado. Fora as cachaças e o calçado, de política só ganhei boas prosas. Brasília é a cidade onde moram os políticos graúdos, inclusive o doutor Israel Pinheiro. Estou comprometido com o Lica Pereira que pelo menos dá algum adjutório na eleição. Não sou comunista porque já ouvi falar que êles têm parte com o Sujo. Sou democrata, mas depende das concordâncias." Válter Caetano Soares, ou "Martinho", lavrador, título eleitoral número 18 171, da 2.ª seção de Ingaretá, distrito do município de Curvelo, a 300 km de Belo Horizonte.

CELSO APOLINÁRIO

"Martinho": "Arena é coisa do toureiro Brechó da tourada do ano passado"

"Já votei nas eleições passadas. Foi num colégio lá embaixo. Não sei em quem, mas na hora eu sei votar. Arena já ouvi falar mas não sei o que é. MDB? E êle não é da Arena? Nunca vi falar de nenhum político. Êsse negócio de votar de nôvo eu faço igual à vez passada. Quando chegar a hora mesmo eu resolvo lá no colégio. Tem sempre gente que ajuda a gente." José Manoel do Sacramento, biscateiro no bairro de Nova Descoberta, no Recife, eleitor número 28 671 na 39.ª seção da 6.ª Zona.

O ideal e o real — "Moreira", Feliciano, "Martinho" e Sacramento talvez não sejam os melhores exemplos de que "o homem é, por natureza, um animal político", conforme a definição do filósofo grego Aristóteles, que, quatro séculos antes de Cristo, exaltava os valôres da democracia. São, porém, alguns dos componentes de um fenômeno de proporções consideráveis e de legalidade escassa que, incrustado no processo democrático, acaba prejudicando seu momento mais solene.

A menos de um mês das eleições gerais de 15 de novembro, quando cêrca de 30 milhões de eleitores renovarão as câmaras de vereadores, as assembléias legislativas, o Congresso Nacional e o Senado Federal, os cabos eleitorais de todo o país vivem os momentos culminantes de suas carreiras. Nos pequenos lugarejos ou nos bairros modestos das grandes cidades, negociam com políticos astuciosos e conquistam eleitores ingênuos. É a grande época e o grande teste.

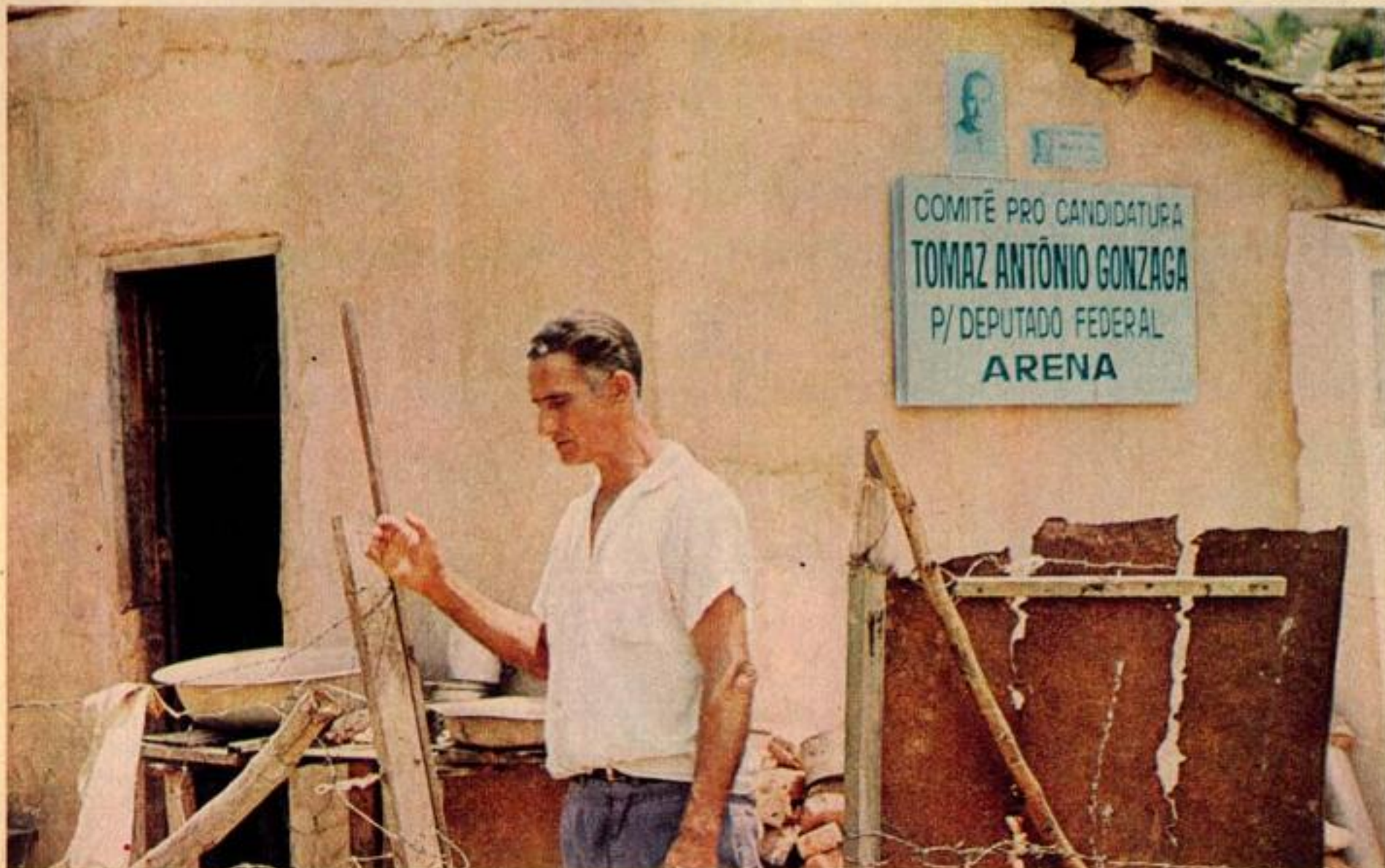
Quando as urnas forem abertas, além de anunciarem a popularidade dos candidatos, murmurarão a eficiência de seus auxiliares.

continua na página 19

ADHEMAR VENEZIANO

CLODOMIR BEZERRA

"Moreira" (acima), Pernambuco: "Não vendo voto". Félix, Rio de Janeiro: "A mola mestra, você sabe, é o capital"

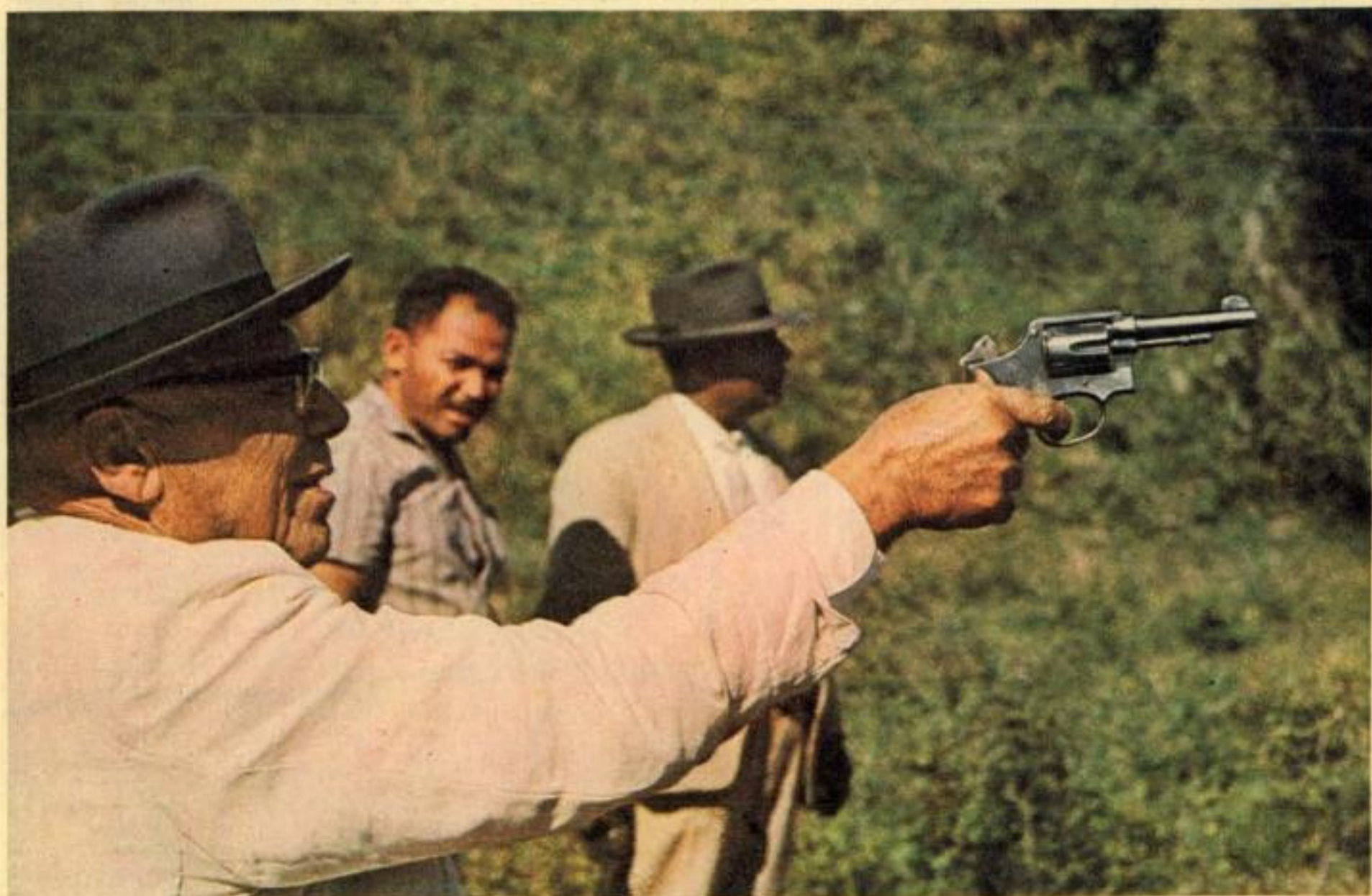
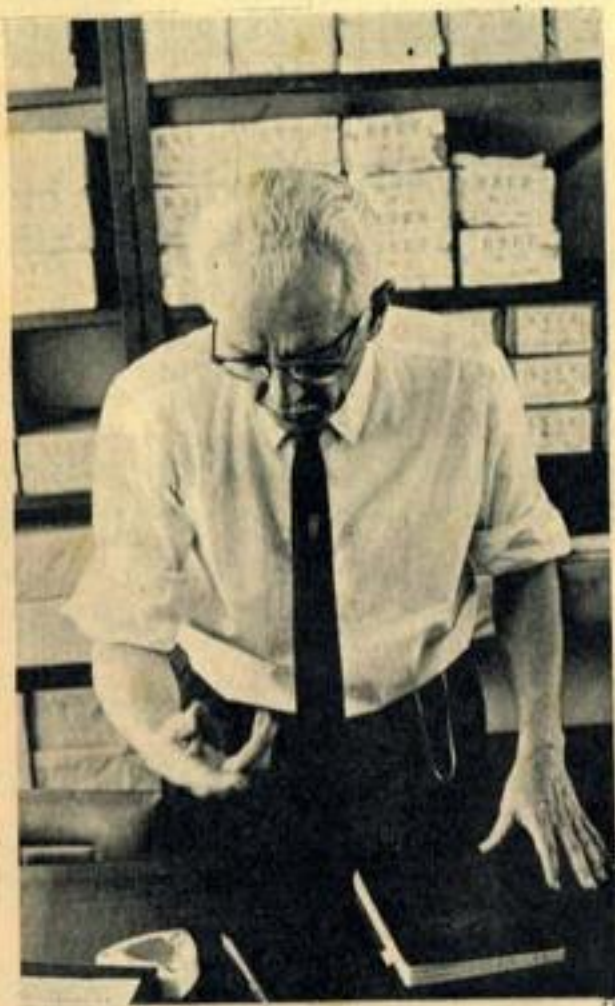
João Máximo (BH): com 100 cruzeiros de sinal, o Comitê do Inconfidente

GELIO APOLINARIO

GB — A funerária oposicionista de Milton Pereira tem urnas para mortos e votos para urnas

ADHEMAR VENEZIANO

Chico Heráclio (Limoeiro-PE): "Não compro voto, agrado. Mas quem me trai é cabra safado"

ABRIL PRESS

continuação da página 16

Para Péricles (495-429 a.C.), refinado estadista de Atenas, sua cidade possuía "um sistema político que não tem paralelo nas leis de nossos vizinhos". "Nosso sistema é denominado democracia porque é conduzido por muitos e não por poucos." Alva e precursora, a democracia ateniense florescia à sombra das elegantes colunas do Partenon sem contabilizar a multidão de escravos que era maior que os muito poucos eleitores. Milhares de anos depois, quando milhões de homens participam do "sistema denominado democracia", os simples discursos na praça tornaram-se insuficientes e as distâncias entre uma cidade e outra

Prof. Carvalho: a definição precisa

aumentaram tanto, que os cidadãos encontraram cada vez mais dificuldades para saber o que os eleitores querem e para anunciar o que êles oferecem. Para ajudar, surgiu o cabo eleitoral, uma figura fiel na apresentação e agitada no trabalho. Com muitos, poucos ou nenhum princípio, honrados ou absolutamente corrompidos, talvez reflitam as convicções e a honorabilidade comuns aos candidatos que apóiam e aos eleitores que conduzem.

Para Paulo Guerra, um dos candidatos da Arena pernambucana ao Senado, detentor do contrôle de cêrca de 72% dos municípios do Estado, "todo cabo eleitoral tem tendência para exercer liderança, mas, como geralmente não tem condições intelectuais e financeiras para ocupar o cargo político, é obrigado a permanecer como eterno auxiliar". Para o professor Orlando Carvalho, diretor da "Revista Brasileira de Estudos Políticos" e membro do Comitê Executivo do Conselho Internacional de Ciências Sociais de Paris, o cabo eleitoral, numa definição precisa, "é o educador das eleições. Êle tem que ensinar o eleitor a votar certo, no candidato e no sentido da lei".

Antes e depois — Ensinar, porém, é um verbo que não implica necessàriamente a obrigação de transmitir as informações corretas. Durante a República Velha, o coronel José Bezerra Galvão ensinou os "eleitores" de sua cidade a votarem e escreveu ao candidato que apoiava para o govêrno do Rio Grande do Norte: "Assisti às manifestações feitas ao senhor em Acari. Amanhã o senhor passará por Currais Novos. Ali não haverá foguete, banquete, falação e é provável que não lhe apareça ninguém com intuito de manifestação porque o senhor anda aqui atrás de voto e não de manifestações políticas. Tenho no meu município oitocentos eleitores que são seus de porteira aberta".

Em Limoeiro, hoje, o coronel Chico Heráclio não escreve ao candidato a governador de Pernambuco. Apóia o candidato Luís Magalhães para deputado federal e seu sobrinho Antônio Heráclio para estadual. É otimista: "Acho que arranjo uns 6 000 votos". Quando sua mão não tremia e tinha melhor pontaria e mais mocidade, conseguia 10 000. Do velho prestígio de coronel, Chico Heráclio guarda apenas alguns efeitos. Sofre uma minoria na Câmara (cinco vereadores para a sua Arena e sete para "os comunistas", segundo sua definição, do MDB) intolerável para fazendeiros e políticos de sua estirpe.

De coronel do sertão passou a grande cabo eleitoral. Os 6 000 votos do coronel continuam cobiçados e valiosos, mas, com a decadência da política que os imortalizou, golpeada pela cédula única, pelas estradas e pela ampliação do sistema de comunicações, tornou-se mais prático estimular as atividades de agentes mais modestos e relativamente eficientes.

Antônio Alves da Silva, misturando uma total indiferença ao ridículo, muita ousadia e um eterno sorriso, fêz carreira política sem possuir terras. Eleito vereador no Recife e apelidado de "vereador das arábias", ganhou em 1951 uma passagem para ir ao Rio e voltou com 10 000 metros de chita e 5 000 brinquedos. Distribuindo miçangas pela cidade conseguiu garantir uma razoável votação e o prestígio que "empresta" a candidatos. Para o Senado está apoiando Paulo Guerra e o comerciante Wilson Campos. Recebe uma "ajuda de custo", conforme sua definição, de 300 a 400 cruzeiros por mês.

A sorte de Lincoln — "O cabo eleitoral é muito importante. Foi essa gente que imortalizou os Kennedys e os Abraão Lincoln." Antônio Alves conseguiu do ex-deputado Osvaldo Lima Filho (cassado em dezembro de 1968) sua nomeação como guarda sanitarista, padrão G, do Departamento de Saúde Pública. Como reconhecimento ao protetor e por admiração a dom Helder Câmara, batizou seu segundo filho como Osvaldo Helder. O terceiro deveria chamar-se Juscelino Kubitschek de Oliveira Alves, mas sua mulher não aceitou o complicado sobrenome e ficou apenas Juscelino, como prova de eterna gratidão pelos 40 contos recebidos do ex-presidente "para comprar cobertores e tecidos para os pobres".

CELIO APOLINARIO

Alves da Silva: o pai de Juscelino

No fim, papéis — Em Belo Horizonte, José Feliciano Gomes Filho tem menos glórias para contar. Lembra-se, saudoso, do tempo em que o candidato a deputado federal Sebastião Paes de Almeida — que está para os cabos eleitorais como o príncipe florentino Lourenço de Médicis (1449-1492) estêve para os artistas do Quatrocentos — distribuía dinheiro pelo interior: "O 'Tião Medonho' era um sujeito legal. Com êle a gente não perdia tempo. Era só chegar e falar que estava precisando de tanto e o dinheiro saía logo". Acrescenta: "Na eleição de Israel Pinheiro, paguei do meu bôlso 500 contos de aluguel de sala e ainda não os recuperei". Com sua assinatura garranchuda e saltitante, chegou a assinar um ofício ao governador — com recibos anexos — pedindo a indenização, mas não obteve resposta. Depois de desfiar recordações

CELIO APOLINARIO

Feliciano: saudades de "Tião Medonho"

mais ou menos felizes, Feliciano faz o seu apêlo ao repórter de VEJA: "Como não saiu nada, o senhor poderia ajudar na minha mudança? Só 20 contos". O repórter deu. Feliciano não fêz mudança alguma, mas cabo eleitoral não pede dinheiro sem explicações: tem sempre, segundo a praxe, de declarar um motivo convincente.

Gonzaga, um candidato — Para cabos eleitorais como Feliciano, Arena e MDB não são coisas muito diferentes. Para outros, como João Máximo Filho, um mineiro alto, meio desconfiado e bastante prestativo, não são só os partidos que não têm distinções, mas também os candidatos e, de certa forma, a própria História, que êle não conhece. Na semana passada, depois de conhecer na Assembléia Legislativa, em Belo Horizonte, o emissário de um candidato a deputado federal, João concordou em montar um comitê eleitoral na sua casa da Vila Aparecida (rua Leopoldina, 17) com "placa bem vistosa". Pediu 500 cruzeiros, com um sinal de 100, passou recibo e prometeu duzentos votos. Em nenhum momento lhe ocorreu perguntar ao emissário, Alberico Souza Cruz, que é sobretudo o chefe da Sucursal de VEJA em Belo Horizonte, quais as virtudes do candidato, um certo senhor Tomás Antônio Gonzaga, que no fim do século XVIII se viu envolvido na Inconfidência Mineira e morreu no degrêdo em 1807. Ficou muito satisfeito quando soube que "padre Rolim garantiu 5 000 votos em Ouro Prêto" e comentou, sàbiamente: "Padre do interior tem muito voto".

Idealistas — Cabos eleitorais como Máximo e Feliciano talvez representem exemplos radicais de distorção profissional. Nem todos trabalham por dinheiro e alguns, inclusive, se dedicam por exclusivo amor a causas políticas. Aos 64 anos, Atilano Soares Leal vive numa casa térrea de tijolos pintados e cinco peças dentro dos seus 55 hectares onde pastam 25 cabeças de gado. É cabo eleitoral no interior do município de Santiago, Rio Grande do Sul. A localidade já se chamou Povinho, Povinho de São Xavier, Povinho de São Tiago, Povinho do Boqueirão e Santiago do Boqueirão, mas Atilano nunca mudou de paixão e de voto: "Desde quando eu combatia nas tropas do general Flôres da Cunha (durante as lutas entre ximangos e maragatos, na República Velha), que vi meu cavalo todo esburacado de tiros e levei uma coronhada pelas costas quando resistia a baioneta, entendi duas coisas: maragato é traiçoeiro e o govêrno precisa ser forte. O senhor nunca vai me enxergar com uma lista de vermelho no corpo. É côr de maragato".

A divisão verdadeira — Segundo Atilano, a continuação do ideal ximango é a Revolução e seu partido a Arena. Para o dia 15 de novembro tem dois candidatos: Hed Borges para deputado estadual e Lauro Leitão para federal. Sua eficiência é reconhecida na região e enfatizada por êle mesmo: "Não precisa nem contar os votos da mesa número 50 da 44.ª Zona Eleitoral. É só olhar a lista dos votantes que eu digo o resultado. Se comparecerem todos os 255 inscritos, candidato que eu apoiar tem 211 votos. Pode ter um ou dois a mais. A menos, não".

Espalhados por todo o Brasil e concentrados em tôrno das urnas, os cabos eleitorais cultivam como sacerdotes uma mistura de relações-públicas, porta-voz da comunidade, apadrinhado de poderosos, quebrador-de-galhos e atento observador político. Segundo Atilano Leal, o bom cabo deve seguir seis princípios:

1) Fazer duas espécies de amizade: com o pessoal da sua região e com os de cima.

2) Fazer sempre algo pelo povo. Desde providenciar um papel até conseguir um emprêgo.

3) Não dispondo de dinheiro, saber quem pode "quebrar o galho" na cidade.

4) Nunca dizer "não dá". Quando o eleitor pedir, a resposta é: "Vamos ver".

5) Chamar os chefões pelo primeiro nome. Às vêzes, ser arrogante com êles, quando na frente do eleitorado.

6) Ficar sempre bem informado. (Atilano tem um rádio de cinco faixas, recebe diàriamente os Diários Oficiais do Estado e da União e compra jornais do Rio e de São Paulo.)

Indispensáveis — Qualidades como essas são reunidas por pessoas das mais diferentes atividades. Em Madureira, um dos maiores subúrbios do Rio, um senhor idoso com um só braço e famoso pelo apelido, o banqueiro de bicho Natal, presidente de honra do Grêmio Esportivo e Recreativo Escola de Samba da Portela, é o meio mais seguro para se conquistar uma grande penetração junto aos eleitores. Na zona do garimpo do alto Paraguai, o candidato que tentar visitar a região sem o apoio de Artur Ferreira, um faiscador que vive numa casa de taipa, estará perdendo seu tempo.

O cabo eleitoral é sempre solícito. "Se um eleitor vem dizer que o filho está prêso, eu telefono para o delegado. Quer dizer, nós temos um acôrdo com o secretário da Segurança. Se o caso não fôr grave, o delegado solta" — diz, com segurança e muita gravidade profissio-

Manhas e truques do engenhoso cabo "Casca Grossa"

*Para se tornar o melhor cabo eleitoral do Vale do Rio Doce, Minas Gerais, Adriano Dias, "Casca Grossa", teve de fazer muita coisa: furar chapas, roubar urnas e títulos de eleitores, dar informações falsas aos caminhões que transportavam o eleitorado inimigo. Conseguiu até trocar "marmitas" * inimigas por "marmitas" suas, justificando: "Homem vota com marmita de homem, mulher com marmita de mulher. O contrário é feio e proibido".*

Antes de se tornar cabo eleitoral, "Casca Grossa" foi investigador de

* *Envelopes distribuídos aos "eleitores" de cabresto com as cédulas dos candidatos.*

"Casca Grossa": versos, piadas...

nal, Isaltino Marques Fontes, 75 anos, um negro alto, de carapinha branca, exibindo o sorriso de uma dentadura de dentes rigorosamente iguais.

Fortes e fracos — João Carneiro de Almeida, no Rio, é comendador e cidadão honorário da cidade. Seu reduto é um prédio de cinco andares no bairro de Todos os Santos. Êle se dedica a atividades assistenciais. Para os males do corpo possui ambulatório médico e gabinetes dentários com licença de funcionamento que receberam 130 000 pacientes no ano passado. Para os males da alma, o centro espírita Caminheiros da Verdade mantém uma equipe de 2 350 médiuns atendendo os 45 000 associados, se forem contados também os que estão com mensalidades atrasadas. Quando chegam as eleições, surgem os candidatos, mas João Carneiro é fiel ao seu velho amigo Antônio de Pádua Chagas Freitas. "Êle não faz promessa. Chega aqui, tira o paletó e conversa sem preocupação."

Pequenos favores — Segundo Augusto Brandão, chefe de gabinete do vice-governador de São Paulo e candidato ao Senado pela Arena, Hilário Torloni, "o importante para o cabo eleitoral é que sua vila e os que o conhecem saibam que êle fala com os políticos, que participa do processo eleitoral e que pode conseguir água ou luz para seu bairro". Essas reivindicações de pequenas comunidades dificilmente podem ser sentidas pelos candidatos. "Como é que um candidato nôvo pode se comunicar em 45 dias de campanha com 1 milhão e meio de eleitores numa área altamente politizada, que está abúlica?", pergunta o deputado Lopo Coelho, presidente da Arena carioca. A resposta parece ser: "Amparando-se em cabos eleitorais". Por isso, Mílton Azevedo Pereira, debruçado no balcão de sua Funerária Campinho, em Madureira, Rio, se comunica com os eleitores, como vem fazendo há quinze anos, em nome de seu candidato. Desta vez está trabalhando para Gilberto Rabelo, do MDB. Os vizinhos passam pela sua porta e êle lembra: "Olha o voto,

polícia, bombeiro e fiscal de loja. Convocado para a FEB, durante a Segunda Guerra Mundial, debatia-se no navio que o transportava para a Europa, entre o mêdo de morrer e o mêdo de desertar. Um dente de alho utilizado como supositório provocou-lhe febre de 41 graus, suficiente para que fôsse desembarcado em Fernando de Noronha. Livre dos perigos da batalha, tornou-se radialista e acabou animando os comícios de Ademar de Barros, em São Paulo, em 1946. Eleito Ademar, logo se transferiu para a Bahia, onde fêz campanha para Juraci Magalhães, e se tornou, verdadeiramente, um cabo eleitoral.

O SEGRÊDO — *Na semana passada, um candidato a prefeito de Governador Valadares (MG), cidade de 43 000 eleitores, ofereceu 6 000 cruzeiros a "Casca Grossa" para que trocasse o MDB pela Arena. Êle recusou, porque desta vez não está defendendo apenas um dinheirinho: está também garantindo o próprio emprêgo na rádio Ibituruna: o candidato que apóia é o proprietário da emissora.*

O seu programa "Na Toca do Casca Grossa" é transmitido todos os dias, das 7h30 às 8h30. Êle fala da falta de água, canta, declama versos parnasianos, conta velhas piadas e dirige alôs em profusão aos conhecidos. É um dos seus segredos para conquistar amizades e votos, mas não é o principal. "É com crianças que ganho votos e as eleições", garante. Isso êle aprendeu em 1962, perguntando na rua a um menino em quem ia votar. A resposta: "Lá em casa, papai e mamãe e cinco primos vão votar no doutor Ladislau". Era o adversário. "Casca Grossa" deu brinquedos para o menino dividir com os irmãos, e no dia seguinte recebeu a visita do pai agradecido que lhe garantia os sete votos da família.

CONSELHOS — *Eleição, "Casca Grossa" garante que nunca perdeu, mas já teve seus tropeços. Em 1966 apoiou, como candidato a deputado estadual, um radialista de Caratinga, com promessa de condução, casa, comida, 500 cruzeiros e outras gratificações. Só conseguiu receber 200 cruzeiros e acabou expulso da cidade.*

Êle resume assim sua filosofia de cabo eleitoral: "Não trabalhar de graça, cobrar sempre adiantado e não aceitar promissórias. Quando comprar votos, ficar com a metade das cédulas para entregar depois da eleição. Amar as crianças e pedir os votos dos pais. Ser amigo dos ricos e fortes para não sofrer perseguições. Elogiar seu candidato e espalhar boatos sôbre o adversário. Ser solidário com os pobres, mas só ajudá-los com dinheiro do candidato. Não embarcar em canoa furada; se não der para desembarcar, culpar o comandante (candidato) pelo naufrágio".

... e brinquedos para ganhar votos

FOTOS DE CÉLIO APOLINÁRIO

ASSIS HOFFMANN

Atilano Leal: nunca diga "não dá"

dona Maria". Quanto ao seu candidato, diz: "Não conhecia mas vi que é boa pessoa. Homem de dinheiro, que quer fazer política por idealismo. O sogro dêle é dono do sabão Português".

O lado do trabalho — Alguns quilômetros da funerária, no bairro do Cachambi, Félix da Costa Lima tem argumentos mais complicados e faz propostas mais diretas: "Eu quero o bem do povo. Apóio o MDB porque tem elementos do PTB lá dentro. Êles olham para o lado do trabalho, que é a viga mestra da nação. Apóio os candidatos que estão com os trabalhadores. Faço também por amizade".

"E se eu fôsse candidato, o senhor me apoiava sem me conhecer?", pergunta Marcos de Sá Correa, de VEJA.

"Depende. A mola mestra, você sabe, é o capital. Voto eu não garanto. Oriento a campanha. Depois você diz quanto vale meu serviço."

A orientação, os truques e a colaboração dos cabos eleitorais talvez sejam muito necessários para uma boa campanha. Um dêles, Fernando Antônio Neves, ex-dono de circo e empreiteiro de obras, talvez exagerando, proclama: "Quem diz que é capaz de ganhar eleição sòzinho ou não é bom político ou não quer ganhar".

Um candidato de poucas virtudes e pouca fama talvez necessite dramàticamente de espertos cabos eleitorais. Muitos dêles talvez sonhem com um ajudante como Sebastião Lôbo, cabo eleitoral e político de virtudes propaladas em Goiás que, conforme explicou a VEJA, "gostava de usar mulheres na eleição porque elas convenciam melhor os eleitores e ainda anulavam muitas vêzes os votos dos inimigos manchando as cédulas de batom".

A questão da cultura — Apesar das delícias dêsse jardim do Éden das fraudes eleitorais, muitos candidatos dispensam a ajuda prestimosa dos cabos. Para Edgard Vasconcelos, deputado estadual em Minas Gerais, ex-sociólogo da FAO, "os cabos eleitorais representam o que o apóstolo São Paulo chamava de um pequeno fermento que corrompe a massa". Diz Vasconcelos: "Lecionando durante 25 anos na Universidade Rural de Viçosa consegui criar um tipo diferente de eleitor. São os meus ex-alunos. Recebi votos em 216 municípios, dados exatamente por êles. Deram-me 35% da votação total".

Certamente, muitos candidatos não possuem a liderança intelectual de Vasconcelos nem eleitores letrados como os seus.

No mesmo interior mineiro onde os agrônomos votam em Vasconcelos, Paulo Sérgio Sobrinho trabalha religiosamente para o candidato José Targino. Tem 21 anos e aos catorze sofreu um atropelamento. Saiu do estado de coma com um distúrbio mental. "Fiz promessa para Nossa Senhora e disse que carregaria uma cruz assim que deixasse o hospital." Ficou bom, mas precisava de 30 cruzeiros para comprar a madeira da cruz. José Targino os deu e êle lhe conseguiu cem votos. Desde então carrega cruzes (agora está se preparando para levar a terceira, a Aparecida) e consegue votos.

Se o escritor alemão Goethe (1749-1832), quando velho, se queixava a seu jovem secretário Eckerman de que a falta de talento e de cultura prejudicava a sinceridade dos poetas, muito mais motivos encontram os políticos e candidatos, mesmo sem digressões literárias, para justificar a falta de nível e o excesso de cabos eleitorais como "Casca Grossa" em suas campanhas.

LUIZ HUMBERTO

Lôbo: batom de mulher anula voto

Quando a democracia nasceu, seus principais adversários já apontavam na falta de cultura do povo o mal que deveria enfraquecê-la: "O povo não pode sequer saber o que faz. Como podem ser esclarecidos os que nunca foram ensinados nem observaram coisa alguma que seja boa ou apropriada?" Essa frase, de aparência intemporal, foi registrada pelo historiador grego Tucídides no século V a.C.

Thomas Carlyle (1795-1881), político e escritor inglês, séculos depois, ironizava a própria idéia da eleição: "A noção de que a liberdade de um homem consiste em dar seu voto num tribunal eleitoral e dizer: 'Vêde agora, que também tenho a vigésima milionésima parte de um palrador no Parlatório Nacional', é uma das mais divertidas".

Harold Nicolson, o brilhante e sofisticado diplomata inglês da primeira metade do século, quando disse a mr. Flaxman, seu cabo eleitoral nas eleições de 1935, que não aceitaria votos dados em função de falsas promessas, ouviu dêle a seguinte resposta: "Mas, seguramente, mr. Nicolson, o senhor não supõe que uma eleição geral seja algo como uma assembléia de sacristia?" Harold Nicolson elegeu-se.

Através dos tempos, eleitores, políticos e candidatos dançam e discutem numa ciranda viciosa na qual, às vêzes, para uns, "os governantes não são melhores porque os votantes são primários", enquanto, para outros, os eleitores "são primários porque os governantes são incapazes". De tempos em tempos, essa ciranda, em côro, celebra as eleições. Segundo alguns, as componentes duvidosas são suficientes para que os resultados mereçam desprêzo. Para outros, como o professor Leslie Lipson, da Universidade de Berkeley, "uma eleição é conduzida tanto para educar o público como para confiar podêres oficiais a determinados homens. Essa é a grande finalidade do sistema eleitoral — e é bastante".

No Brasil de muitos "Martinhos", Sacramentos, "Cascas Grossas" e Paulos Sérgios, de eleitores de pouca consciência e de cabos eleitorais de poucos escrúpulos, apesar de tôdas as dificuldades, o sistema eleitoral tem conseguido cumprir as duas finalidades que o professor Lipson estabeleceu. Graças às eleições e ao regime democrático, coronéis como Chico Heráclio perderam os grandes podêres de que dispunham no passado e até mesmo os cabos eleitorais têm suas carreiras políticas limitadas a pequenas ilegalidades. ○

Em Hidrolândia, o voto é uma tradição

Quem chegasse a Hidrolândia — 8 200 habitantes, 40 quilômetros de Goiânia — na semana passada não conseguiria adivinhar, sob a calmaria de suas ruas sem calçamento ensombrecidas por velhas mangueiras, as tramas que vão sendo armadas por alguns de seus moradores: Sebastião "Quim" Mendonça, Luís Batista da Silva e seus irmãos Ricardino (o prefeito), Aleixo, Orlando e Antônio, João Leão de Carvalho, Florence Fortes, os Chaves. Êles são os donos da política municipal e cada vez que chega a hora de uma eleição é preciso passar em revista o eleitorado de cada um, reformular acôrdos, estabelecer apoios, trocar influências.

As posições foram assumidas há muitos anos, ainda no tempo dos velhos partidos, o PSD e a UDN. O MDB e a Arena são seus descendentes diretos e os chefes de Hidrolândia ainda não parecem familiarizados com a nova nomenclatura. "Aqui em Hidrolândia a Arena perdeu eleições durante muitos anos", diz o prefeito Ricardino Batista da Silva. E quando alguém observa que a Arena é um partido nôvo, êle corrige: "A Arena não, a UDN".

AS LEIS DO COMPORTAMENTO *— Essa bizarra fórmula de herança, ao lado de uma excessiva valorização da fidelidade eleitoral, é a linha mestra do comportamento dos 3 112 eleitores de Hidrolândia (dois terços estão na zona rural).*

João Leão garante que quase todos "votam fechado", isto é, na chapa completa do partido. Na sua fazenda há doze eleitores e todos votam como êle mandar. Na região que êle domina há cem eleitores e "só uns seis votam contra". Em Nova Fátima e adjacências, 380 votos são controlados por Luís Batista da Silva, irmão do prefeito Ricardino, pelo menos 80% do eleitorado da zona. Em Oloana, lugarejo também conhecido por Rasga Saia (um dia as mulheres dali fugiram de uma briga e, escondendo-se no mato, rasgaram as saias), dominam os arenistas Chaves. Na região do rio Bonito influem os emedebistas Hermínio Machado e José dos Santos. Na zona urbana, o grande chefe é o ex-prefeito Waldemar "Quim" Mendonça, da Arena, que mobiliza quinhentos votos seguros. Os grandes eleitores do MDB, Antônio Correia e o farmacêutico José Siqueira, êste ano desinteressaram-se da campanha.

Êsses chefes mantêm, no município, um rigoroso regime de fidelidade que oferece poucas surprêsas. "Aqui, quem é Arena é Arena, e quem é PSD é PSD", diz o prefeito Ricardino, misturando nomes novos e velhos, como sempre. "De voto variado mesmo, no máximo uns vinte", profetiza.

Nenhum dêles admite a hipótese de receber dinheiro por seus votos. Nem chegam a trocar acusações envolvendo questões dessa ordem, pois as posições são rigorosamente partidárias, assumidas já em tempos distantes, algumas até herdadas dos antepassados. O presidente do diretório do MDB, João Leão de Carvalho, 68 anos, sempre foi homem do PSD. "Votava por amizade", explica. "Meu pai votava no doutor Pedro (assim os goianos chamam o ex-senador e chefe pessedista Pedro Ludovico) e isso vai de pai para filho."

FOTOS LUIZ HUMBERTO

O simples abc do voto: escolher um chefe (como Luís Batista da Silva, acima) e obedecer

OUTRAS INFLUÊNCIAS *— Se não negociam seus votos por dinheiro, os chefes políticos do interior não hesitam em lançar mão de fraudes para vencer uma eleição. É a opinião do juiz de Direito de Hidrolândia, João Leoni Taveira: "Há uma grande tendência dos chefes políticos para a fraude eleitoral. Parece mesmo que êles só consideram feio perder a eleição e provàvelmente poucos relutam em mandar alguém votar com título alheio ou cometer outras irregularidades". Houve no município oito casos de impugnação de candidatos a vereador (cinco do MDB e três da Arena), todos por falsificação do registro partidário. E os que estão por cima sempre manobram para fortalecer sua posição. O delegado de polícia de Hidrolândia foi nomeado, segundo alguns, por injunções políticas. Até 1965, o João Porfírio "mexia com roça e com política, era da UDN". Agora, quando lhe perguntam se ainda cuida de política, responde sorrindo: "Não, agora eu só puxo para a Arena".*

A FÔRÇA JOVEM *— Há quem acredite que desta vez o eleitorado urbano não vai seguir tão à risca as ordens dos chefes. Uma pequena pesquisa feita pelo repórter de VEJA Dirceu Brisola, com os treze alunos já eleitores do ginásio de Hidrolândia, não dá razão aos otimistas. Sete declararam ter partidos (quatro do MDB e três da Arena), onze vão votar em chapa fechada de um ou outro partido. As justificativas apresentadas para a preferência partidária são confusas. O MDB é preferido porque "é melhor", "é honesto", "porque é um movimento democrático que trabalha para o bem comum, como o Íris Resende (prefeito cassado de Goiânia) trabalhou". A Arena foi preferida porque "tem bons candidatos", "é o partido do presidente da República" e até "sem motivo nenhum".*

Os que não declararam preferência partidária alegaram: "quem é político é muito fubá (chato)" e "não dá pé fazer política em Hidrolândia, dá uma cachorrada (confusão)".

REVIRAVOLTA *— O eleitorado continuará votando de acôrdo com os chefes, mas, apesar disso, os vitoriosos serão outros. A longa série de vitórias do PSD, interrompida em 1964, parece transferida para a Arena, cujos dirigentes só temem, agora, uma ameaça: a cédula oficial, que vai obrigar o eleitor a escrever o nome ou o número dos seus candidatos e certamente anulará muitos votos, uns 40% pelo menos, segundo profecia de João Leão: "Não tem mais de 60% de eleitores que sabem escrever direitinho, não senhor".*

880 465?!

Durante a semana passada a renda per capita dos habitantes de Pôrto Alegre subiu sem que fôsse necessário nenhum esfôrço da economia. Simplesmente diminuíram o número das capitas. De um dia para o outro, com a divulgação dos resultados do Censo, 145 535 pôrto-alegrenses foram tragados pela voracidade dos computadores, deixando despovoadas as colunas otimistas das estatísticas estimativas que calcularam a população da cidade como sendo de 1 026 000 habitantes. Milhares de pessoas desapareceram sem que houvesse mortes. Contudo, não deixou de haver um discreto clima de desgraça. A cidade saiu da honrosa lista das que têm "mais de 1 milhão de habitantes", e com isso seus vereadores perderam 333 cruzeiros mensais de vencimentos.

Insatisfeito, como pôrto-alegrense, como vereador e como candidato a deputado, Cleon Guatimozin encaminhou um requerimento à mesa da Câmara pedindo a recontagem dos dados apurados pelo Censo. O deputado Lauro Leitão assegura que um edifício de duzentos apartamentos não foi recenseado: "Os recenseadores não trabalharam como deviam".

Enquanto protestam, os pôrto-alegrenses torcem para que o genocídio estatístico atinja a cidade de Salvador e assim a capital gaúcha, mesmo reduzida, possa receber definitivamente, e sem contestação, o título de "quinta maior cidade do país".

Plínio rides again

Esperando o apoio de Deus, da Pátria e da Família — que em 1938 não atenderam a outro dos seus apelos, impedindo que o Brasil vivesse, pela aventura integralista, a experiência do fascismo —, Plínio Salgado, aos 75 anos, está de nôvo entre nós. É candidato à reeleição para a Câmara Federal, pela Arena paulista. Apresenta velhas idéias e divulga um perfil submetido a uma cuidadosa cirurgia plástica pelo método do bico-de-pena.

A vaia fatal

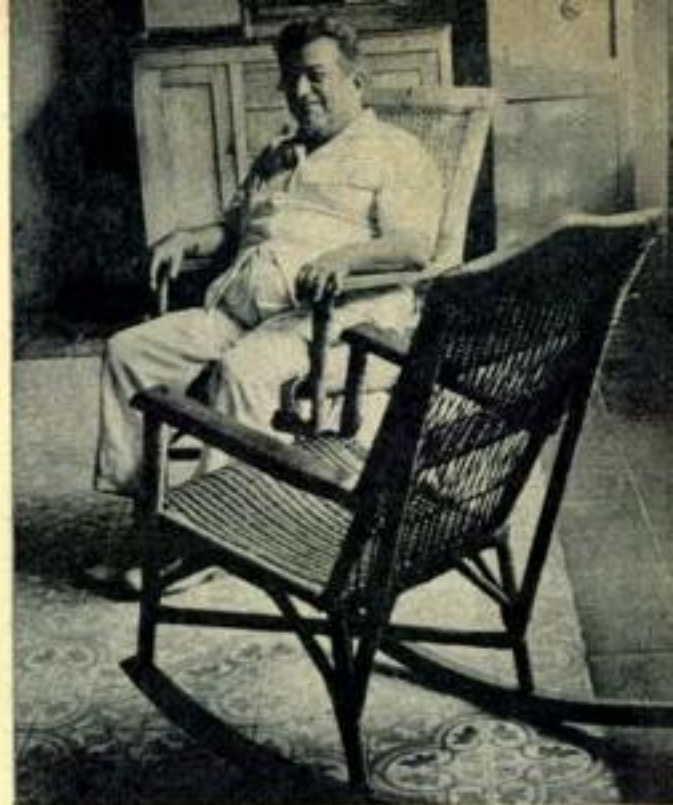
A multidão do bairro de Coronel Borges, em Cachoeiro do Itapemirim (ES), não apreciou o comício de Raimundo Araújo de Andrade, ex-prefeito da cidade e candidato à reeleição para deputado federal. Os muitos aplausos que Raimundo esperava foram substituídos por algumas vaias.

Horas depois, do banheiro dos empregados de sua casa da praça Jerônimo Monteiro, vieram dois novos ruídos inesperados. O deputado matara-se: um tiro no peito, outro na cabeça. Deixou viúva, quatro filhos e suplente.

O fantasma do Che

A passagem do dr. Ramon por Tefé, pequena cidade da Amazônia, a meio caminho entre Manaus e a fronteira com o Peru, no vale do Solimões, foi providencial para a cura de uma infecção que afligia seu Jorge Resala, um comerciante libanês de 58 anos, dono de seringais e representante das classes empresariais, com mais de quinhentos afilhados.

O dr. Ramon saiu de Tefé vestido de oficial-médico peruano num avião da FAB, deixando lembranças também para Isabel Bacelar, moreninha de olhos verdes, filha do vice-prefeito: "Era um gringo de pouca barba que usava roupas cáqui e gostava de crianças. Tomamos banhos na praia em frente ao convento. Naquele tempo eu era muito capeta, custei a criar juízo".

Depois de sua partida, ninguém em Tefé falava em dr. Ramon. "Reconheci pelas fotografias das revistas e jornais, depois", diz seu Resala. "Ninguém tem dúvida, não. Branco, barba rala. Era êle." "Sentava nessa cadeira aí. Gozado, não me lembro que falasse de política." As fotos que ilustraram o reconhecimento foram as da morte de dr. Ramon, ou, como se tornou mais conhecido, Che Guevara.

Resala, a cadeira do "Che"...

...e Isabel que foi capeta...

FOTOS RBP

Seu Resala não gosta de que duvidem de sua história: "O que é que eu tenho a ganhar com ela?"

Os movimentos lendários de Guevara antes de seu fim na Bolívia incluem agora também a pequena cidade de Tefé. Houve quem o visse vestido de padre numa churrascaria de Curitiba, quem o reconhecesse em Mato Grosso e também quem garantisse que êle morrera ao mesmo tempo no Vietnam e em São Domingos. Só depois de morto, quando seus companheiros de aventura romperam parcialmente o véu de mistério, é que se soube que dr. Ramon, depois de ter estado no Congo, desembarcou no aeroporto de Viracopos, de onde teria partido com destino a Corumbá. Nessa trilha, talvez seja possível que êle fôsse pousar em Tefé, a caminho da morte. O

O caprichoso anúncio da campanha de Plínio, o perfil retocado e o retrato real

As armas da campanha

Amaral Neto, da Arena, gaba-se de já ter tocado na juba do leão do imperador Selassié. Os candidatos do MDB ao Senado vão comer feijoadas no subúrbio. Ainda assim, o eleitorado da Guanabara permanece apático. O que parece ser exceção, pois nos demais Estados começam a acontecer as coisas de sempre; no Rio Grande do Sul, graças ao debate entre os partidários do governador Peracchi Barcellos (que vão presenteá-lo com um apartamento) e o candidato do MDB Paulo Brossard, os programas do TRE têm mais audiência que o Festival Internacional da Canção. Em Pernambuco, o MDB sofreu violências, mas no Rio Grande do Norte atiraram cascas de laranja no governador eleito pela Arena, quando falava num comício. Entre ridículos, graças e valentias, os candidatos começam a conquistar seus ouvintes.

MT: estilo bucólico

Um churrasco alegre no interior de Mato Grosso. O senhor de cabelos grisalhos, alto e elegante, preside à festa, sorridente, distribuindo pedaços de carne e abraços, chamado por muitos de compadre e por outros de "tio Filinto". É nesse estilo bucólico que Filinto Müller, cuiabano de setenta anos, revolucionário de 1924, se mantém como uma das figuras mais expressivas da política de Mato Grosso, que representa no Senado da República desde 1947. Morando no Rio, Filinto Müller não se esquece dos seus cabos eleitorais, compadres e amigos, a quem escreve longas cartas em que recorda cuidadosamente pais, filhos, netos e parentes dos destinatários. Na campanha dêste ano, o seu sistema é pràticamente igual ao das anteriores. Viagens pelo interior do Estado, visitas e a hospedagem em Cuiabá sempre no mesmo apartamento do velho hotel Centro-América, que Filinto não trocou pelos novos e mais confortáveis que surgiram na cidade.

Mudanças — Muita coisa, porém, mudou na política de Mato Grosso nestes últimos anos. Os 227 000 eleitores que votaram nas últimas eleições são hoje 370 000, que continuam dispersos pelo 1,2 milhão de quilômetros quadrados do segundo Estado da Federação (em tamanho). A Arena reúne os antigos membros da UDN e do PSD, mas o uso das sublegendas manteve pràticamente inalterada a extinta divisão partidária. Neste ano, para traduzir a nova unidade do partido do govêrno, as cúpulas políticas baralharam as cartas e compuseram uma estranha seqüência: o candidato a suplente de Filinto Müller (ex-PSD) ao Senado é Italívio Coelho (ex-UDN), irmão de Lúdio Coelho, candidato udenista ao govêrno do Estado, em 1965, derrotado pelo pessedista Pedro Pedrossian, e cunhado do atual candidato Rachid Saldanha Derzi (ex-UDN) ao Senado, cujo suplente é o ex-governador João Ponce de Arruda (PSD), adversário de Derzi em eleições anteriores.

Família unida — As inovações nesse quadro contraditório são apenas aparentes. Na verdade, as mesmas e antigas famílias continuam dominando a política situacionista em Mato Grosso por meio de parentes e aliados. Os Corrêas da Costa, por exemplo, fizeram sua estréia no poder estadual com o capitão Antônio Corrêa da Costa, nomeado para o govêrno por carta imperial em 1831; os Ponces tiveram o seu coronel Generoso Ponce, primeiro-vice-presidente da província na época da guerra do Paraguai, presidente e senador anos depois; os Müllers governaram o Estado por poucos meses em 1935, com Fenelon Müller, irmão de Filinto, e depois por muitos anos, com Júlio Strubling Müller, interventor de 1937 a 1946.

CARLOS NAMBA

Filinto Müller: peregrinando em busca do quarto mandato

Entre essas famílias, a par de divergências políticas, as uniões também foram freqüentes e todos sabem em Mato Grosso que os Müllers são parentes dos seus piores adversários políticos, os ex-udenistas Corrêas da Costa. Alguns políticos temem que a aproximação ostensiva de ex-inimigos, figurando uns como suplentes dos outros, possa irritar uma parte do eleitorado, desconfiada com essa súbita pacificação.

Apesar disso, o governador Pedro Pedrossian garante que a vitória da Arena vai ser tranqüila em todo o Estado.

Velhos problemas — Embora a maioria dos políticos concorde em que a Arena vai vencer as eleições para a Assembléia — o MDB apresentou apenas doze candidatos contra 42 da Arena para as dezoito vagas de deputado estadual —, muitos duvidam de que a Arena eleja os dois senadores. O único candidato da oposição ao Senado é Plínio Barbosa Martins, ex-prefeito de Campo Grande, irmão do deputado cassado Wilson Barbosa Martins. O prestígio de Plínio preocupa os candidatos da situação, principalmente nos centros urbanos do sul do Estado.

Outro problema que continua desafiando os líderes políticos, especialmente os da situação, é o da abstenção eleitoral. O deputado José Cerveira, presidente da Assembléia Legislativa, calcula que neste ano talvez 120 000 eleitores, quase um têrço do total, deixem de comparecer às urnas. Êle baseia sua opinião pessimista na ausência de eleições municipais e na baixa densidade demográfica do Estado (em algumas regiões os eleitores estão a 130 ou 150 quilômetros do local de votação).

Campanha tranqüila — Apesar dessa perspectiva pouco animadora, ou talvez por isso mesmo, a campanha prossegue tranqüilamente, mesmo nas cidades mais desenvolvidas, onde as disputas entre as facções sempre são mais acirradas. Os velhos adversários originários dos antigos partidos aparecem unidos diante do eleitorado. A oposição não tem utilizado argumentos violentos, e mesmo as tradicionais acusações contra o senador Filinto Müller não são veiculadas em Mato Grosso. Lá, a pitoresca passagem de Filinto por Buenos Aires,

fugindo da repressão aos rebeldes de 1924, quando teve de trabalhar um ano como motorista de praça, é muito mais conhecida do que as duras denúncias do jornalista David Nasser ("Falta Alguém em Nuremberg") e velhos casos de brutalidade contra presos políticos que muitos atribuem ao então chefe da polícia de Vargas, na época do Estado Nôvo. Um velho conhecedor da política mato-grossense atribui essa condescendência a uma exagerada tendência para a criação de "heróis" e a um orgulho por figuras que projetem o nome do Estado no plano nacional.

Poupado das acusações mais incômodas, o velho senador continua sua paciente peregrinação pelo Estado, confiando nos seus métodos de comprovada eficácia, nos amigos e na máquina do ex-PSD, para obter seu quarto mandato de senador e manter sua posição de homem-chave na política de Mato Grosso.

RS: boa audiência

Que é melhor de ver na televisão: o Festival Internacional da Canção ou o horário gratuito do TRE? Quinta-feira da semana passada, na redação do jornal gaúcho "Fôlha da Tarde", em Pôrto Alegre, venceu o horário do TRE: enquanto fala o candidato do MDB ao Senado, Paulo Brossard, a redação emudece, os gráficos param a composição e todos se põem a ouvir atentamente. Paulo Brossard faz uma denúncia: uma comissão de arenistas está arrecadando dinheiro na indústria e no comércio para dar um apartamento de presente ao governador Peracchi Barcellos. Falando logo depois, no horário da Arena, João Dentice, ex-chefe da Casa Civil de Peracchi Barcellos, confirmou a coleta de fundos para o presente. E no dia seguinte os jornais de Pôrto Alegre publicaram extensos "A pedidos", em que a comissão arrecadadora argumentava: "A pobreza não deve envergonhar ninguém. Feliz do povo cujos governadores permanecem pobres a seu serviço". E explicava que a campanha está sendo feita com a emissão de quatro séries de cautelas (cada série tem cinqüenta cautelas): A, B, C e D, nos valôres, respectivamente, de 3 000, 2 000, 1 000 e 500 cruzeiros.

O bom Ibope — Os arenistas ficaram até satisfeitos: a denúncia teria funcionado como um "boomerang", provando que o governador "é, antes de tudo, um desprendido". Mas, quando Paulo Brossard voltou à televisão, para falar sôbre "o teto ao governador", o Festival Internacional da Canção mais uma vez perdeu audiência.

Fazendo as contas, o candidato do MDB mostrou que as cautelas vão render 325 000 cruzeiros. "Mas que teto, hein, coronel?" (Peracchi Barcellos é coronel reformado da Brigada Gaúcha.) Disse não saber de nenhum apartamento, em Pôrto Alegre, que custasse tanto. "Com 325 milhões antigos, o coronel não vai comprar um teto. Vai é trocar de palácio." Depois de uma pausa, para que a ironia fôsse gozada pelos telespectadores, lembrou que um irmão do presidente Castelo Branco foi demitido do seu cargo simplesmente porque ganhou um automóvel de presente.

Paulo Brossard não deixou de fornecer mais uma notícia aos seus ouvintes: Peracchi Barcellos será nomeado ministro do Tribunal de Contas, quando terminar seu mandato, juntamente com o senador Mem de Sá. E aqui novamente a ironia na pergunta: "Mas então o coronel, depois de quatro anos de govêrno, ao invés de prestar contas vai para o Tribunal de Contas?"

Cortez Pereira e senhora: vaias e cascas de laranja

RN: a reação verde

Nas arenas de touros, só o vermelho é usado para provocar e irritar. Na arena política, contudo, outras côres podem produzir os mesmos resultados. Na semana passada, comparecendo a um comício da Arena na Cidade da Esperança — vila de 1 900 casas em Natal —, o governador eleito do Rio Grande do Norte José Cortez Pereira irritou-se ao ver que muitos assistentes carregavam galhos de árvores e bandeiras verdes. E começou seu discurso com uma advertência pouco hábil: "O verde já morreu. O povo deve tomar consciência de que êste fanatismo está morrendo".

Os galhos agitaram-se. As bandeiras foram erguidas. E o governador passou a ser vaiado e alvejado com cascas de laranja. Cortez Pereira tentou dominar o tumulto: "Estou acompanhado pela primeira-dama do Estado. Quero respeito". Conseguiu mais vaias e mais cascas de laranja. Ameaçando utilizar sua "autoridade de governador de Estado", conseguiu finalmente pronunciar um pequeno discurso e até ganhar algumas palmas. Mas Djalma Marinho (deputado federal) e Clóvis Mota (vice-governador), ambos candidatos a deputado, preferiram cancelar seus discursos.

Verde, vermelho e azul — No Rio Grande do Norte, a antiga União Democrática Nacional, comandada pelo senador Dinarte Mariz, sempre foi dona da política. Quando o então deputado Aluísio Alves quis ser governador, em 1960, Dinarte preferiu a candidatura de Djalma Marinho. Aluísio Alves mudou-se para o Partido Social Democrático, iniciou uma campanha agressiva, usando o verde (esperança) como símbolo, e conseguiu eleger-se. Mariz usara bandeiras azuis e vermelhas, côres tiradas dos nomes dos candidatos a governador e vice-governador — Djalma Marinho e Vingt Rosado —, e desde então as campanhas políticas se tornaram verdadeiramente coloridas.

Em 1966, pessedistas e udenistas juntaram-se na Arena, mas a divisão entre aluisistas e dinartistas persistiu. Com o Ato Institucional n.º 5, em dezembro de 1968, Aluísio Alves foi cassado e Dinarte Mariz passou a comandar a Arena, tal como comandara a UDN. Presente à campanha, por intermédio de seu filho Henrique Eduardo Alves, candidato a deputado federal pelo MDB, Aluísio Alves transferiu para a oposição a fôrça do verde que o governador Cortez Pereira pretendia morto.

Explicações — No dia seguinte ao comício fracassado, alguns jornais noticiaram que o governador Cortez Pereira fôra apedrejado. Imediatamente, o presidente da Arena Rondon Pacheco telefonou para Natal, em busca de notícias precisas. Na quinta-feira, no final da tarde, também por telefone, informava a assessôres do presidente Emílio Garrastazu Medici que o incidente já fôra contornado. E no mesmo dia viajou para Minas.

Para os emedebistas do Rio Grande do Norte, o incidente tem fácil explicação: as casas da Cidade da Esperança

continua na página 28

Apresentamos um sócio do Touring, preocupadíssimo com seus documentos.

Saia de casa para licenciar seu carro, tirar ou renovar carteira de habilitação, providenciar transferência, baixa de reserva de domínio, mudança de endereço, de côr do carro, tirar passaporte, fôlha corrida, carteira de identidade, registros, documentos internacionais para viagens de carro, etc...
Não é brincadeira!
Agora, imagine-se sócio do Touring.
O Touring tem um departamento que faz todos êsses serviços para você, gratuitamente.
Você economiza tempo, despachante e, além disso, tem outras vantagens que vão desde o famoso socôrro mecânico até excursões e advogado de graça.
Você ainda não é sócio do Touring?
Que pena!

Quem tem carro precisa do Touring.

continuação da página 26

começaram a ser construídas durante o govêrno de Aluísio Alves e foram concluídas no govêrno do monsenhor Valfrido Gurgel, um correligionário de Aluísio. Diz um candidato oposicionista: "Natural que o prestígio de Aluísio ali continue grande". Investindo contra o verde, Cortez Pereira contrariou a sabedoria de uma máxima incorporada à política brasileira pelo presidente Garrastazu Medici: ao invés de atirar pedras no passado, usá-las para construir o futuro.

PE: graça e excesso

Sábado à tarde, 10 de outubro. A perua côr pérola atravessa o caminho estreito que separa em duas faixas o verde dos canaviais da usina Estreliana, interior de Pernambuco. O motorista, José Tabosa da Silva, 31 anos, está acompanhado de dois menores, um dêles locutor. "Hoje, em Gameleira, grande comício do MDB! Para senador: José Ermirio de Moraes." Tabosa havia se afastado da estrada, querendo cortar caminho pelas terras da usina. Deveriam chegar em tempo para o comício marcado em Gameleira, município de 12 000 habitantes. O locutor continua a propaganda. De repente, Tabosa vê pelo espelho uma Rural se aproximando em alta velocidade. Tabosa freia. Dois homens descem da Rural, o mais velho com um revólver. Dá um tiro para o alto e em seguida estoura dois pneus da perua de propaganda. Tabosa é puxado para fora e recebe uma violenta bofetada na orelha. A porta de trás é aberta, os dois menores se encostam num canto, o amplificador do alto-falante é quebrado a coronhadas de revólver. O motorista é jogado de volta ao volante e o velho grita: "Você só vai trocar os pneus fora da minha terra!"

Na tarde seguinte, na cidade de Ribeirão, o delegado municipal do MDB, Laércio Gomes de Oliveira, foi prêso por um sargento reformado da polícia quando orientava alguns populares em como votar na cédula única. Os oposicionistas reagiram telegrafando para o presidente do MDB, Oscar Passos, e para o ministro da Justiça, relatando os acontecimentos, e obtiveram do governador Nilo Coelho a promessa de afastar tôdas as autoridades policiais que promovam coação eleitoral. O partido fêz também uma representação no Tribunal Regional Eleitoral contra os dois agressores do motorista Tabosa, um dêles o conhecido usineiro José Lopes Siqueira, dono da usina Estreliana e famoso pela sua violência.

As calamidades — Mas nem tudo é drama na atual política pernambucana,

SOLANO JOSÉ

José Tabosa: campanha pouco alegre

marcada por alguns tons burlescos de mistura com os excessos. Na semana passada, o deputado estadual Joaquim Coutinho, referindo-se ao péssimo nível dos pronunciamentos feitos na televisão pela maioria dos candidatos dos dois partidos, dizia: "Pernambuco foi vítima ùltimamente de três grandes calamidades: a sêca no sertão, as cheias na capital e o guia eleitoral".

Aurino Valois, deputado federal, é um dos que parecem confirmar o veredicto de Coutinho. Na semana passada, fêz um apêlo desesperado: "Votem em mim, porque senão eu vou morrer".

PR: lição do tempo

Um programa eleitoral, na semana passada, quase termina em briga no estúdio da TV Iguaçu, Paraná, quando o líder do MDB na Assembléia, deputado Olivir Gabardo, entusiasmou-se e foi além dos quinze minutos que lhe cabiam. Dênis Carvalho da Rocha, candidato do MDB que viajara 600 quilômetros para falar durante quinze minutos, não pôde se pronunciar. Ficou furioso e só não brigou com Gabardo porque o pessoal do estúdio apaziguou os ânimos. O interêsse dos políticos pela televisão revela que êles aprenderam uma lição muito importante: o tempo dos comícios já passou. A Arena paranaense já acha que êles prejudicam a campanha, pois os candidatos não podem se comunicar totalmente com as lideranças locais.

Richa: pobre de dinheiro, rico de voto

ADÃO NASCIMENTO

Rica de votos — Nesta fase ainda meio distante das eleições, os dois partidos correm frenèticamente pelo interior, realizando reuniões em cinemas, salões e câmaras municipais. A oposição não espera ganhar, mas simplesmente melhorar sua posição no Estado. "Nossa campanha é pobre de dinheiro, mas está rica em votos", diz um boletim do comitê do deputado José Richa, candidato ao Senado. Richa foi um dos primeiros a aprender e está inovando a técnica de campanha, viajando de trem sòzinho pelo interior, sem aparato, o que lhe tem trazido bons resultados e muita preocupação para os arenistas, que estão começando a vê-lo como uma séria ameaça aos seus candidatos para o Senado.

GB: a Arena ganha?

Na semana passada, numa conversa com jornalistas em Brasília, o deputado Rondon Pacheco, presidente da Arena, comentou que esperava uma "surprêsa agradável" para seu partido nas eleições da Guanabara, em novembro. Segundo disse, a Arena carioca teria condições de eleger os três senadores e talvez conseguir maioria para suas bancadas estadual e federal. Um mês antes das eleições, num Estado em que a oposição tem os dois governadores, o atual e o eleito, e dois terços da Assembléia Legislativa, essa afirmação de Rondon Pacheco poderia parecer vazia de sentido, se não começassem a circular, na mesma semana, rumôres de que os dirigentes do MDB estariam preocupados com os resultados das próximas eleições.

As dificuldades atuais do MDB carioca se explicam pelas tendências do eleitorado, dividido em três correntes principais: o udenismo (cêrca de 35% do eleitorado), o trabalhismo (pouco mais de 30%) e o populismo (pouco mais de 20%). Estas duas últimas correntes são muito próximas e, em 1965, na eleição para o govêrno da Guanabara, Negrão de Lima conseguiu reuni-las, elegendo-se com 580 000 votos (51% do eleitorado).

Foi dentro dêsses esquemas que o MDB, em 1966, conseguiu se afirmar como partido majoritário, reunindo parcelas dessas três correntes. De 1966 em diante, porém, as cassações desmonta-

continua na página 30

A 23 de outubro de 1970.

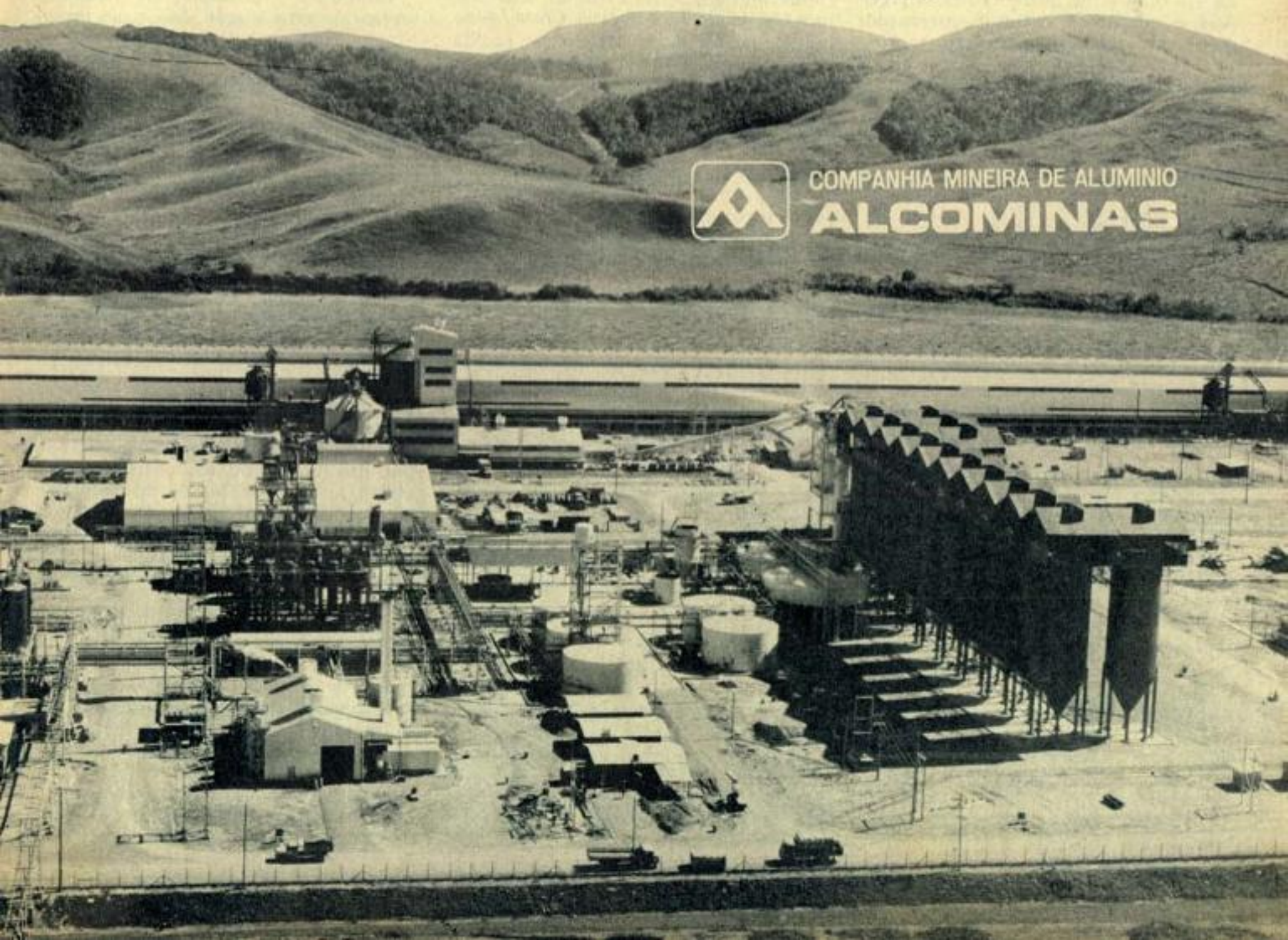
Poços de Caldas, capital brasileira da bauxita, com a inauguração da ALCOMINAS, se transforma, nesta semana, na capital econômica do país. Com uma produção inicial de 25.000 toneladas anuais de alumínio, a ALCOMINAS exercerá um papel decisivo na economia brasileira, fortalecendo o esfôrço criativo da indústria nacional nos setores da arquitetura, eletricidade, transportes, embalagens e produtos de consumo.

ALCOMINAS

Resultado dos esforços de investidores nacionais e internacionais e contando com a participação do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, a ALCOMINAS significa 25.000 toneladas de independência.

23 de outubro: dia ALCOMINAS — o nôvo alumínio brasileiro.

COMPANHIA MINEIRA DE ALUMINIO
ALCOMINAS

continuação da página 28

ram todo o esquema trabalhista dentro do partido, o que permitiu a ascensão de Chagas Freitas à liderança. A facção udenista também foi atingida com as cassações de Mário Martins e Raul Brunini e a deserção de Amaral Neto para a Arena.

Hora do teste — Tôdas as acomodações que se seguiram a essas mudanças dentro do partido não foram testadas junto ao eleitorado. E, atualmente, o MDB não apresenta candidatos realmente representativos de nenhuma das outras correntes do eleitorado carioca. E essas tendências, se não forem atraídas pela oposição, podem votar com a Arena, segundo raciocínio dos arenistas: o trabalhismo, aliciado por recentes medidas do govêrno federal, de apêlo popular; o udenismo, levado pela crescente popularidade do presidente Medici — em que se identificariam, mais do que na campanha cautelosa da oposição, esforços de reabertura política. Outros, diante dessa indefinição do eleitorado, prevêem, para as próximas eleições de novembro na Guanabara, grande porcentagem de votos em branco. Se qualquer dessas previsões se confirmar, o futuro governador do Estado receberá um cargo honroso mas nada invejável: sem os dois terços na Assembléia que justificaram a sua indicação pelo presidente Medici, terá certamente de fazer acôrdos com a Arena, o que afetará a composição de seu secretariado. O

SUPLENTES

Para quê?

Por que alguém se sujeita às despesas, canseiras e imprevistos de uma campanha eleitoral, para se tornar simplesmente suplente de senador? Não pode ser ambição. Atualmente, os suplentes só podem assumir o mandato em caso de morte, renúncia ou nomeação do titular para um ministério. Nem por desejo de aparecer: não são êles que dão o tom à campanha, nela figurando num modesto plano secundário.

Antônio Tito Costa, 46 anos, advogado, candidato a suplente de senador pelo MDB de São Paulo (chapa de Franco Montoro), dá suas razões: "Considero a suplência um cargo mais importante do que se imagina. O suplente deve em primeiro lugar ajudar na campanha, precisa ser um homem conhecido e respeitado para trazer os votos de áreas determinadas". Essa razão determinou, pelo menos, a escolha de dois candidatos a suplente, no Rio Grande do Sul: Mário de Almeida Lima, na chapa do emedebista Paulo Brossard, e Heitor Galant, na chapa do arenista Tarso Dutra. Ambos pertenciam ao antigo Partido Libertador e seus titulares desejam assegurar-se os 130 000 votos libertadores que, normalmente, definem as eleições gaúchas.

ABRIL PRESS

Antônio Tito Costa: ganhar votos

Otto Cyrillo Lehmann, companheiro de chapa de Orlando Zancaner (Arena-SP), tem ambições maiores: "Pretendo organizar uma verdadeira equipe de consultores, que darão sua opinião sôbre os problemas que aparecerem em seus campos de atividade". Odylo Costa, filho, dá à candidatura de José Sarney, no Maranhão, o prestígio de imortal da Academia Brasileira de Letras. Em Minas, os candidatos a suplente dão equilíbrio à campanha da Arena: um vem do antigo PSD (Último de Carvalho) e figura na chapa do udenista Magalhães Pinto; o outro vem da antiga UDN (Monteiro de Castro) e figura na chapa do pessedista Gustavo Capanema. Garantia de que ninguém vai trair ninguém, na hora da campanha.

Mas há os que se candidatam por simples amizade. Francisco Brito de Lacerda, companheiro de José Richa, no Paraná, está desencantado com a política. Candidatou-se para ajudar o amigo, mas impôs condições: "Primeiro, não investir um tostão na campanha; segundo, não prejudicar as atividades particulares". Até agora resistiu, mas êle já sente que não respeitará suas próprias imposições. Como o também paranaense Mílton Menezes, companheiro de Aciolly Filho (Arena), que dá uma simples razão para sua candidatura: "Eu não queria ficar de fora". O

Otto Cyrillo Lehmann: uma assessoria

ABRIL PRESS

PARÁ

O prazer de pagar

Pagar impôsto não é, seguramente, um prazer. Mas pagar o mesmo impôsto duas vêzes é dissabor a que ninguém se submete. Ao pretender cobrar o impôsto predial de centenas de contribuintes que considerava relapsos, a Prefeitura Municipal de Belém (PA) foi surpreendida, na semana passada, com a visita de reclamantes furiosos, todos exibindo recibos que provavam estarem em dia com o Fisco.

Pensou-se, a princípio, em falha do serviço de arrecadação. Mas uma investigação mais cuidadosa mostrou que os recibos eram falsos. Os contribuintes realmente tinham pago, mas a Prefeitura jamais havia recebido. Nove funcionários haviam juntado suas habilidades e instalado duas máquinas autenticadoras sob os guichês de recebimento de impostos. E passaram a enriquecer o próprio patrimônio, às custas do patrimônio público.

Para deixar bem claro que o crime não compensa, o prefeito Mauro Pôrto — 33 anos, capitão reformado do Exército — deseja puni-los com todos os rigores legais: iniciou inquérito administrativo, mandou cópia das denúncias ao procurador geral do Estado para que sejam processados criminalmente, ofereceu representação à Subcomissão Geral de Investigações do Estado, denunciando-os por enriquecimento ilícito (pelo menos 600 000 cruzeiros foram desviados), e ainda solicitou ao ministro da Justiça a suspensão dos seus direitos políticos, com base no Ato Institucional n.º 5 (é a primeira vez que um prefeito solicita tal providência).

Quando foi nomeado prefeito, em março dêste ano, o capitão Mauro Pôrto mandou fazer o levantamento dos contribuintes devedores. Dizendo-se sem preocupações quanto à conquista de popularidade, determinou a cobrança do que, aparentemente, era devido ao erário. Se o rigor do prefeito não enriqueceu a Prefeitura, serviu, pelo menos, para mostrar que os moradores de Belém não fogem do pagamento dos impostos realmente devidos. O

IGREJA/ESTADO

Guerra e paz

Discreto como sempre, o "L'Osservatore Romano", o jornal do Vaticano, comentou sábado que o papa Paulo VI acompanha com "preocupação e ansiedade" os assuntos da Igreja Católica no Brasil.

A informação surgiu juntamente com a notícia de que a Juventude Operária Católica está organizando manifestações de protesto, em várias cidades européias, contra supostas "perseguições, repressões e torturas no Brasil, e as dificuldades enfrentadas pelas organizações católicas que trabalham no campo apostólico e educacional nesse país". E termina com um voto de confiança aos bispos brasileiros, que "falarão novamente se os fatos o exigirem".

À sombra dêsse diplomático e significativo apoio, a comissão central da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) divulgou no mesmo dia um relatório das conclusões a que chegou após dois dias de exame da situação da Igreja no Brasil. O documento resultou de longas discussões em que vários textos eram elaborados e modificados, ora em função da excessiva cautela, ora em função da agressividade excessiva. Para alguns observadores soou como uma dura queixa apresentada pelas autoridades eclesiásticas ao govêrno revolucionário. De qualquer forma, parece ter sido a primeira tomada de posição por parte do órgão máximo da Igreja no Brasil, a CNBB, diante dos últimos episódios envolvendo padres e policiais.

Visão geral — Sem abandonar o tom respeitoso e confessadamente construtivo, os bispos demonstram o empenho de colocar os aspectos considerados fundamentais da crise. E deixam claro que suas discussões não se detiveram apenas nos episódios recentes de prisão de membros da JOC e invasão da sede do Ibrades (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento).

Êsses fatos, na opinião dos bispos, apenas vieram "somar-se aos numerosos casos de sacerdotes e leigos encarcerados em claro desatendimento das condições estabelecidas pela legislação do país".

Após reconhecer as realizações do govêrno no campo do desenvolvimento, o documento reprova "o clima crescente de insegurança". "O terrorismo da subversão", diz êle, "não pode ter como resposta o terrorismo da repressão." E aponta a Igreja como uma de suas vítimas. Declara ainda dois princípios essenciais: a autoridade incontestável da Igreja no "julgamento do que é realmente conforme o Evangelho" e sua disposição de cumprir "à custa de qualquer sacrifício" a linha de ação definida pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, encíclica "Populorum Progressio" e conclusões da assembléia dos bispos latino-americanos, realizada em Medellín, Colômbia, em 1968.

A paz superior — Se as relações entre a Igreja e o govêrno dependessem apenas dos entendimentos entre as suas mais altas autoridades, é de crer que tudo andaria na mais perfeita paz.

Dia 12, quando o presidente e seus assessôres retornaram da viagem ao norte do país, o bispo dom Aloísio Lorscheider (detido dia 7 durante a invasão do Ibrades) recebeu no Rio um telefonema do palácio do Planalto, convidando-o para comparecer a Brasília no dia seguinte. Atendido sem nenhuma espera, retornou ao Rio autorizado a transmitir aos demais bispos que o presidente Emílio Garrastazu Medici lamentava o episódio e tomaria providências para que tais fatos não se repetissem.

Assessôres seus teriam dito a dom Aloísio que o govêrno considera o Ibrades uma instituição isenta e útil ao desenvolvimento nacional. Um dêles, referindo-se à apreensão de números do "Pravda" naquele Instituto, como "material subversivo", disse: "O SNI também assina êsse jornal".

Confirmando essa disposição de entendimento do presidente, Júlio de Rosen, assessor da Casa Civil, participou da reunião da CNBB durante uma hora e meia e atendeu à primeira reivindicação dos bispos: embora os leigos da JOC permanecessem incomunicáveis, dom Vicente Scherer pôde avistar-se com os padres presos.

Os rebanhos — Depois de o presidente haver demonstrado essa disposição de bons entendimentos, a queixa do episcopado em seu manifesto parece indicar que ainda existem pontos de atrito. Talvez o êxito das intenções cordiais das cúpulas seja às vêzes impedido pelo comportamento das bases.

A Igreja tem o exemplo no seu próprio seio. As amigáveis conversações com o govêrno, ocorridas em maio, durante o Congresso Eucarístico de Brasília, contrariaram claramente alguns dos seus setores mais radicais. E o recente pronunciamento de dom Jaime de Barros Câmara provocou protestos de vários grupos de padres, que se confessavam agredidos nas condições mínimas para realizar trabalhos ditados pela própria linha oficial da Igreja.

Alguns bispos esperavam ainda resultados mais concretos do encontro com o emissário do govêrno. Além disso, devem ter pesado na decisão do episcopado os episódios recentes de prisões de padres, em que os órgãos de segurança demonstraram não estar perfeitamente sintonizados com a linha oficial de cordialidade. Assim, os bispos parecem ter chegado à discutível conclusão de que o melhor é colocar as questões de princípio, e que cada um cuide do seu rebanho.

Bispos e cardeais reunidos na CNBB. Da esquerda para a direita, Avelar Brandão, Gaudêncio Ramos, Vicente Scherer, Jaime Câmara, Eugênio Sales e José Newton: busca da paz definitiva

A missão da JOC segundo o seu presidente

Henrique Del Ryo, um espanhol moreno e magro de 28 anos, é o presidente da JOC (Juventude Operária Católica) internacional. Coordena os 125 movimentos de evangelização da juventude operária (dirigidos por leigos, sob a orientação de padres, os assistentes) existentes em 85 países. Chegou ao Brasil no fim do mês passado e teve seus documentos e bagagens apreendidos durante batida policial na casa da JOC no Rio, onde se hospedava.

ANTONIO ANDRADE

Entrevistado pelo repórter Bernardo de Mendonça, diz Del Ryo que as prisões de jocistas e os demais episódios que agora envolvem o movimento no Brasil decorrem de uma incompreensão — que pode ser solucionada — em relação aos objetivos e campo de atuação da JOC. Seu depoimento:

VEJA — Como, quando e por que surgiu a Juventude Operária Católica?

DEL RYO — *A JOC nasceu a partir de Joseph Cardijn, sacerdote belga, filho de um mineiro e de uma empregada doméstica. Sua idéia fundamental é a de que todos os trabalhadores tomem consciência de sua dignidade como personagem. Por dignidade entendemos, necessàriamente, a afirmação do homem em tôdas as suas dimensões: física, social, intelectual e espiritual. Que o homem seja capaz de perguntar (e pensar sôbre) o porquê da sua existência. Queremos dizer que todos os homens são capazes de tomar responsabilidade sôbre sua própria vida. Embora pensasse no movimento desde 1912, só em 1925 Joseph Cardijn conseguiu reunir o primeiro grupo de oito jovens. Dois dêsses jovens morreram num campo de concentração na Alemanha. Um dos que sobreviveram é meu amigo e vive ainda hoje em Bruxelas, como militante ativo aos 65 anos.*

VEJA — Como a JOC pode ser situada dentro da Igreja? Que papel o movimento desempenhou e desempenha em suas transformações?

DEL RYO — *A JOC é um movimento que motivou a Igreja a se pôr mais em função do operariado. Inverteu um esquema fundamental: não é um movimento da Igreja dirigido aos trabalhadores. Êles são a própria Igreja, que por isso é interpelada no seu interior. Os militantes jocistas encarnam a síntese do cristianismo, porque, durante as 24 horas de cada dia, não separam a fé do trabalho; a esperança, das diversões e do lazer; o amor, da família. Dentro da Igreja, a JOC exige um compromisso maior com os problemas fundamentais do homem, especialmente do operariado.*

VEJA — Em que planos podem ser situados êsses problemas fundamentais?

DEL RYO — *Segundo os inquéritos realizados anualmente pelos jocistas junto aos trabalhadores, a constatação fundamental é a de que êles não têm condições concretas de realizar suas aspirações. Isso porque, no mundo, existem cêrca de 180 milhões de desempregados; cêrca de 80 milhões de emigrados forçados pelas condições econômicas, sociais e políticas; e o índice de analfabetismo ainda é bastante elevado. Nós, jovens, hipotecamos o nosso futuro, porque a formação que recebemos não nos prepara para a crítica e a autocrítica, mas, simplesmente, para nos amoldarmos à situação. Os jovens trabalhadores ainda estão mal informados sôbre a realidade econômica, política, social, cultural e religiosa. Portanto, não estão preparados para se integrar às estruturas de decisão que afetam sua vida.*

VEJA — Que soluções propõe a JOC?

DEL RYO — *Tenho duas respostas para isso: o que faz a JOC e o que não é missão da JOC. O que o movimento faz é formar os jovens para que êles mesmos sejam capazes de enfrentar suas vidas. Procura dar-lhes consciência dos valôres fundamentais para a incorporação à sociedade, como, por exemplo, o sentido de honradez, de generosidade, de amizade, de confiança em si mesmo. Além disso, um sentido de esperança, de que é possível viver hoje, no século XX, a aventura do amor e da confiança nos outros. O que não é missão da JOC é substituir qualquer grupo político ou sindical. Isso seria substituir a massa. A JOC, como movimento, não tem soluções técnicas para os problemas. Simplesmente provoca os jovens trabalhadores a tomar responsabilidade na sociedade que lhes pertence.*

VEJA — Êsses objetivos têm sido cumpridos?

DEL RYO — *De 1925 até hoje, graças à ação da JOC, milhões de jovens em todos os países tiveram a oportunidade de dar um sentido à sua vida e têm sido elementos positivos para a construção de uma nova sociedade. O movimento os prepara para essa opção, não a controla nem dita.*

VEJA — O trabalho desenvolvido na Europa é o mesmo que se desenvolve na América Latina? Haveria níveis distintos de atuação?

DEL RYO — *O trabalho é fundamentalmente o mesmo, no que diz respeito a suscitar no homem a descoberta e realização de suas aspirações. Há, porém, diferenças de mentalidade e de realidade. Com relação ao tempo livre, por exemplo, o que se pergunta nos países desenvolvidos é como aproveitá-lo para realizar-se como pessoa humana. Nos países subdesenvolvidos, a questão é como ter tempo livre, ou ainda — no caso dos desempregados — como ter ocupação para poder sobreviver. O nível de consumo nos países desenvolvidos provoca o amortecimento dos jovens. A tomada de consciência é mais fácil nos países subdesenvolvidos porque os jovens podem perceber, claramente, onde está a falta de respeito à sua dignidade: salários, favela, desemprêgo, etc.*

VEJA — Como está a JOC na América Latina?

DEL RYO — *Na América Latina, a JOC tem dirigentes muito bons e militantes muito generosos, mas sofre uma grande incompreensão por parte das autoridades, que às vêzes se transforma em perseguição. Julgam-na sem conhecê-la, por coisas escritas e não pela ação das pessoas que a compõem.*

VEJA — Um bispo brasileiro, dom Sigaud, em entrevista a VEJA (n.º 110), afirma que a JOC coordenava primitivamente a campanha contra o govêrno brasileiro no exterior. Isso não seria motivo para o descontentamento das autoridades?

DEL RYO — *Nos têrmos em que a acusação é feita, discordo plenamente. Está claro que, como família internacional, estamos obrigados a informar o que se passa com os jocistas em qualquer parte do mundo. Mas nos limitamos apenas a informar fatos que julgamos verdadeiros e comprovados. Não coordenamos nenhuma campanha contra nenhum país.*

SUBVERSÃO

Prisão? Seqüestro?

Quase duas semanas depois de ocorrida, a estranha prisão de três môças acusadas de subversão, detidas por desconhecidos armados quando saíam da penitenciária Talavera Bruce, em Bangu, com um alvará de soltura do Superior Tribunal Militar (VEJA n.º 110), continua sendo uma história de mistério e ao mesmo tempo provocando reações surpreendentes. Enquanto familiares das môças (Márcia Savaget Viana, Marijane Vieira Lisboa e Marta Lúcia Kaglabrum) conseguiam informações de que elas estão detidas num quartel do I Exército, o procurador geral do STM, Jaci Guimarães, afirmava em parecer que o caso era de polícia e não da alçada do Tribunal Militar, já que elas certamente teriam sido seqüestradas por membros da organização subversiva a que pertenciam, a Ação Popular.

E considerava inócua a representação do advogado das três, Modesto Silveira, solicitando providências junto ao STM.

Apesar disso, na reunião secreta de quarta-feira passada, o STM examinou o assunto e decidiu requisitar em caráter de urgência informações das autoridades militares. Outras reações inesperadas: a Ordem dos Advogados do Brasil desagravou Modesto Silveira por ter sido impedido de exercer sua função (êle estava presente no momento da prisão). Na solenidade, realizada na sede da OAB no Rio, Modesto Silveira declarou que só recebia o desagravo como "uma resposta ao agravo cometido contra a Justiça Militar". E três môças, também acusadas de subversão e prêsas em Bangu, se recusam a sair da prisão apesar de terem, desde o dia 6, alvará de soltura do STM. O

CRIME

O estrangulador

José Paz Bezerra e sua amante: a vida íntima com um maníaco sexual

Era um excelente copeiro. Ùltimamente, porém, mostrava algumas atitudes estranhas. Além de um nervosismo fora do comum ("parecia elétrico", diz sua patroa) e de trejeitos afeminados cada vez mais freqüentes, queria a todo custo um jaleco vermelho para trabalhar. Mas seus patrões, um casal abastado de São Paulo, jamais imaginariam que o rapaz que se esmerava ao arrumar a mesa para o jantar e se dirigia a êles sempre de mãos postas, como se estivesse rezando, fôsse o estrangulador de mulheres procurado pela polícia paulista há mais de três meses, responsável por cinco mortes recentes e duas no ano passado.

Duas semanas atrás, o perfil do estrangulador, identificado como José Paz Bezerra, 25 anos, começou a surgir mais nítido do que os discutíveis retratos falados elaborados pela polícia, e acabou se confundindo com o do eficiente copeiro. No dia 7 dêste mês, êle desapareceu levando 20 000 cruzeiros em jóias. Na polícia, a cozinheira da casa e amante do copeiro contou que êle era o estrangulador. Diante da descrença geral, mostrou peças de roupas e bijuterias que ganhara de presente do amante e que foram reconhecidas por parentes de algumas das mulheres mortas.

O pedido de ajuda — Maria Aparecida de Oliveira, 37 anos, uma mulher magra, feia, de voz enérgica e aparentando certo nível de instrução (antes de ser doméstica foi dona de uma marcenaria no interior de São Paulo e fêz um curso de puericultura), sabia dos crimes do amante já há mais de dois meses. "Um dia êle apareceu com um jornal e mostrou-me a notícia de uma das mortes. Disse que êle era o responsável. Ajoelhou-se aos meus pés chorando e pedindo que eu o ajudasse. Êle olhava para as mãos e chorava."

Desde 1966 os dois viviam juntos mas ela alega que não conhecia detalhes do passado do amante. Ignorava que êle usava uma série de nomes falsos, que teve passagens pela polícia no Rio por assalto a mão armada e que desertou do Exército, fatos descobertos durante a busca ao criminoso nos últimos dias.

Ela também notou uma mudança de hábitos em José: "Êle ficou com mania de vermelho. Comprava vestidos vermelhos para mim e só usava camisas dessa côr". Ainda mal refeita da surprêsa de ter sido mulher do estrangulador, Maria Aparecida explica: "Eu acho que êle matava por causa da mãe. Êle me disse que quando era pequeno via a sua mãe andar com homens". Um diagnóstico aparentemente simplista mas que é confirmado pelo psiquiatra Paulo Gaudêncio, de São Paulo. Êle acompanhou o caso pelos jornais e acredita que o sadismo de José só pode ser explicado ou por um ódio profundo pela mãe ou por um grande amor deformado pelo ciúme. O

AMILTON VIEIRA

ARTE SACRA

Maus negociantes

No severo curriculum dos seminários brasileiros parece estar faltando um curso de arte sacra. Embora o assunto possa parecer um tanto frívolo para circunspectos estudantes de teologia, êle seria sem dúvida de grande utilidade. Freqüentemente, párocos mais ou menos ingênuos têm sido vítimas do seu desconhecimento do valor das imagens que repousam sôbre seus altares. Semanas atrás, com grande destaque e um tom levemente escandaloso, a imprensa gaúcha noticiava uma campanha dos moradores de Santo Amaro do Sul contra o padre da cidade, acusado de vender obras de arte para comprar objetos que lhe pareciam mais necessários, como um jipe usado. E agora, em Pernambuco, o padre Francisco Teófilo da Rocha, que durante alguns dias substituiu o vigário titular de Jaboatão, padre Paulo Crêspo, foi denunciado por um jornal local por vender imagens da igreja para comprar uma Rural Willys.

Na verdade, o pecado do padre Teófilo não foi a ambição, mas a ingenuidade. Em troca de um donativo de 500 cruzeiros, deu a dois visitantes duas imagens do batistério da igreja, sem saber que tinham mais de trezentos anos. Mais que o dinheiro, o padre parece ter se sensibilizado com outro gentil oferecimento: os dois propunham substituir as imagens (da Virgem e de Santa Ana) por uma mais adequada ao local: um São João Batista novinho e bem grande, batizando o menino Jesus. O padre Teófilo acaba de deixar a batina por motivos particulares, mas sua infeliz transação continua dando problemas para o padre Crêspo. Êle enviou cartas aos jornais do Recife inocentando seu substituto "para evitar explorações" e está custeando a viagem de alguns policiais para tentar recuperar as imagens. Uma delas foi encontrada na Bahia. Tinha sido vendida a um antiquário de Salvador por 7 000 cruzeiros. O

Muito temperamento. Arranca resoluto,
desenvolve com firmeza. Preciso nas curvas,
audacioso nas retas.
É assim o Chevrolet Opala De Luxo 71.
Repare seu nôvo e arrojado estilo, sua bem
definida personalidade. Veja a beleza da no-
va grade com faróis emoldurados, e a elegân-
cia do painel traseiro.
Dentro, um a-
purado acaba-
mento acentua
o confôrto.
GM
BRASIL
É um Chevrolet Opala De Luxo, luxo co
tôdas as implicações da palavra.
E êle tem refinamentos mecânicos també
Pedais maiores, por exemplo. E freios ma
potentes.
Opções? Há muitas à sua escolha.
Motor de 4 cilindros e 80 HP, ou de 6 cili
dros e 125 HP.
Teto de vinil, espelhando o bo
gôsto dos novos interiores e com
binando com as novas côres e
ternas, em particular as metálica
Venha ver êstes e outros r
quintes do Opala De Luxo 197
num Concessionário de Qualida
de Chevrolet.
CHEVROLET 71
1971
1971
Opala De Luxo.
Êste é o modêlo 1971,
que Você poderá ver
no Salão do Automóvel,
em novembro de 1970.
TEMPERAMENTO

BAHIA

O que é hippie?

Depois de haver mandado prender 350 hippies, o delegado de Costumes de Salvador, Gutenberg Alves Oliveira, confessa: "Não sei o que é hippie. Ninguém nunca conseguiu fazer-me entender o que seja. Para mim, sempre foi sinônimo de vagabundo".

Embora o simplismo contraditório dessa confissão pudesse explicar por si só o combate que os hippies vêm sofrendo ùltimamente na capital baiana, o delegado Gutenberg diz que teve outros motivos para iniciá-lo. O primeiro dêles, político: num aparelho subversivo descoberto no bairro de Itapoã, no ano passado, havia hippies entre os terroristas. E, como se isso já não bastasse, surgiram também as reclamações de moradores do bairro da Barra, local preferido pelos hippies. Apesar de dispostos a não desmentir a tradicional hospitalidade da terra, os baianos não conseguiam se acostumar ao espetáculo diário oferecido pela turminha do "paz e amor": os banhos de mar sem roupa e o amor feito no gramado do jardim, à luz do dia. Alguns, entre os detidos, defendem-se com um argumento que lhes parece lógico: "Não fazemos nada, por isso não podemos ser presos". Mas o delegado responde: "Justamente por não fazer nada é que vocês são presos. A ociosidade habitual é crime previsto em lei".

Hippies da Bahia: 350 presos num ano

Na sua opinião, a maioria dos hippies é homossexual, e chega a essa condição pelo uso excessivo de tóxicos. Mas, apesar dessa crença radical, diz haver recuperado alguns dêles por um método simples: "Perco meia hora em conversa com cada hippie detido". Entre os recuperados por êsse método ultrarápido está uma menina que fôra prêsa quatro vêzes e agora começa a trabalhar como modista.

Mas, até chegar a essa reintegração na sociedade, alguns hippies praticam seus últimos atos contestatórios, dizendo raivosamente ao carcereiro: "O senhor não sabe ver o céu". ○

GÁS ENGARRAFADO

A CHAMA

É hora do recreio: cadernos de lado, por instantes! Aquêle cheirinho agradável, de coisa gostosa, bem cozida, quentinha, toma conta da conversa. Hummm! lancheiras a tira-colo, corre a meninada! Quadro que se pinta diàriamente, pelo Brásil afora. Gente pequena, com os olhos no futuro, dando os primeiros passos na vida. A escola primária, o alicerce de todo amanhã! As companhias distribuidoras de gás liquefeito, entram nas escolas também. Com muito calor e muita luz! Cooperam para a formação do "Brasil grande" de amanhã, aquecendo panelas, dando energia. Assim, braços dados com o progresso, as companhias marcham com os homens de hoje, fornecendo a chama que alimenta, sempre!

associGÁS
associação
brasileira
dos distribuidores
de gás
liquefeito de
petróleo

A CHAMA DA VIDA

ALAGOAS GÁS - BAHIANA BRASILGÁS - COPAGAS - FOGÁS - GASBEL - GÁS DO PARÁ - GAÚCHA DE GÁS - GAZÔNIA - HELIOGÁS - LIQUIGÁS - MINASGÁS - NORTE GÁS BUTANO - ONOGÁS - PAULISTA DE GÁS - PETROGAZ - PIBIGÁS - PLENOGÁS FUGANTI - SERGIPE GÁS - SUPERGASBRÁS - ULTRAGAZ

QUE ALIMENTA

INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

ITAÚ AMÉRICA

RUA BOA VISTA, 176 - SÃO PAULO

AGÊNCIAS

ALAGOAS
Maceió
AMAZONAS
Manaus
BAHIA
Ilhéus*
Salvador:
  Centro
  Cidade Alta*
CEARÁ
Fortaleza
DISTRITO FEDERAL
Brasília
ESPÍRITO SANTO
Vitória
GOIÁS
Anápolis
Goiânia:
  Campinas*
  Centro
GUANABARA
Abolição
Aeroporto
Assembléia
Benfica
Bonsucesso
Botafogo*
Campo Grande
Castelo
Centro
Copacabana:
  Pôsto 4
  Pôsto 6
Flamengo
Gávea
Ipanema
Jacarépaguá*
Madureira
Méier
Muda
Penha
Riachuelo
São Cristovão
São José
Tijuca
Visconde de Inhaúma
MARANHÃO
São Luis
MATO GROSSO
Campo Grande
Corumbá
Cuiabá*
MINAS GERAIS
Andradas
Belo Horizonte:
  Calafate
  Centro
  Parque Industrial
  Tupis
Governador Valadares*
Itamoji
Itaú de Minas
Juiz de Fora
Monte Santo de Minas
Nova Era
Passos
São Sebastião do Paraíso
Uberlândia
PARÁ
Belém
PARAÍBA
Campina Grande
João Pessoa:
  Centro
  Duque de Caxias
Patos
PARANÁ
Andirá
Apucarana
Arapongas
Borrazópolis
Califórnia
Cambé
Cambira
Cascavél
Cianorte
Cornélio Procópio
Curitiba:
  Centro
  Monsenhor Celso
  Portão
Engenheiro Beltrão
Faxinal
Goioerê
Guarapuava
Itaguagé
Ivaiporã
Jandaia do Sul
Jardim Alegre
Londrina
Mandaguari
Marialva
Maringá
Marumbi
Nova Fátima
Paranaguá
Ponta Grossa
Rancho Alegre
Ribeirão do Pinhal
Rolândia
Santa Mariana
São Pedro do Ivaí
Sertaneja
Umuarama
Uraí
PERNAMBUCO
Recife:
  Conde Boa Vista
  Boa Viagem*
  Dantas Barreto
  Sertã
RIO GRANDE DO NORTE
Natal
RIO GRANDE DO SUL
Canoas*
Caxias do Sul
Novo Hamburgo*
Pelotas*
Pôrto Alegre:
  Centro
  José Montaury
  Vig. J. Inácio
São Leopoldo*
RIO DE JANEIRO
Duque de Caxias
Niterói
Nova Friburgo
Nova Iguaçú
Petrópolis
São João do Miriti
Três Rios*
SANTA CATARINA
Blumenau*
Florianópolis*
Itajaí*
Joinville*
SÃO PAULO
Aguaí
Águas de Lindóia
Águas da Prata
Americana
Amparo
Andradina
Araçatuba
Araraquara
Araras
Assis
Atibáia
Auriflama
Avaré
Barretos*
Baurú
Bebedouro
Botucatu*
Bragança Paulista
Buritama
Campinas:
  Bonfim
  Centro
Campo Limpo
Capivari
Caraguatatuba
Catanduva
Cordeirópolis
Cosmópolis
Cruzeiro
Cubatão
Descalvado
Fernandópolis
Franca
Guaratinguetá
Guarujá
Indaiatuba
Itanhaém
Itapetininga
Itapira
Itú
Jaboticabal
Jacareí
Jaguariúna
Jaú
José Bonifácio
Jundiaí:
  Centro
  Ponte São João
Leme
Limeira
Lins*
Lorena
Louveira
Marília
Mirante do Paranapanema
Mogi Guaçú
Mogi Mirim
Nova Europa
Orlândia
Ourinhos
Pedreira
Penápolis
Pindamonhangaba
Pinhal
Piracicaba
Pirapòzinho
Pirassununga
Poloni
Pôrto Ferreira
Presidente Epitácio
Presidente Prudente
Ribeirão Prêto
Rio Claro
Salto
Santos:
  Centro
  Mercado
  Praia
  Ponta da Praia*
São Carlos
São João da Boa Vista
São José dos Campos
São José do Rio Prêto
Serra Negra
Sertãozinho*
Socorro
Sorocaba
Sumaré
Tatuí
Taubaté
Valinhos
Vargem Grande do Sul
Vinhedo
GRANDE SÃO PAULO
Agência Central
Adolfo Pinheiro
Água Raza
Alto de Pinheiros
Alto de Pompéia
Alto de Vila Maria
Alto do Ipiranga
Angélica
Avenida Paulista
Barão
Barra Funda
Barueri
Bom Retiro
Brás
Brigadeiro
Boa Vista
Butantã
Cambuci
Casa Verde
Celso Garcia
Consolação
Cléria
Cotia*
Diadema
Dom José
Estados Unidos
Franco da Rocha
Galeria Metrópole
Glória
Guarulhos
Higienópolis
Hipódromo
Interlagos*
Itaim
Itapevi
Jabaquara
Jardim América
Jardim Paulista
Jardim da Saúde
Jumana
Lapa
Liberdade
Lins de Vasconcellos
Luz
Maracatins
Marechal Deodoro
Mauá
Mercado
Mogi das Cruzes
Moinho Velho
Nove de Julho
Orfanato
Oriente
Osasco
Oswaldo Cruz
Pamplona
Parque São Luca
Paula Souza
Paulista
Penha
Pinheiros
Piratininga
Praça Ramos de Azevedo
Praça da República
Praça Roosevelt
Quitanda
Rebouças
Reprêsa Santo Amaro
Rudge Ramos
Santa Efigênia
Santa Rosa
Santana
Santo Amaro
Santo André
São Bento
São Bernardo do Campo:
  Centro
  Mal. Deodoro.
São Caetano do Sul
São Gabriel
São João
Senador Queiroz
Silva Bueno
Silva Jardim
Suzano
Tatuapé
Utinga
Vila Alpina
Vila Formosa*
Vila Gomes Cardim
Vila Guilherme
Vila Leopoldina
Vila Maria
Vila Matilde
Vila Madeiros
Vila Monumento*
Vila Prudente
Vila Sonia*
25 de Março
SERGIPE
Aracajú*
Em instalação*

COMPANHIA SUL AMERICANA DE INVESTIMENTOS, CRÉDITO E FINANCIAMENTO

Carta Patente 31
C.G.C. 61.186.350

BALANCETE LEVANTADO EM 5 DE OUTUBRO DE 1970

ativo

	Cr$	Cr$
DISPONÍVEL		
Caixa	3.338,54	
Bancos	916.982,62	
Banco Central do Brasil - Circ. 59	96.528,76	1.016.849,92
REALIZÁVEL		
Acionistas Capital a Realizar	2.498.397,50	
Banco Central do Brasil - C/ Aumento Capital	2.501.602,50	
Devedores p/ Financiamento — Consumidor	34.416.630,79	
Devedores p/ Aceites Cambiais: — Consumidor ou Usuário	313.039.066,71	
Títulos e Valôres Mobiliários	961.175,87	
Devedores p/ Financiamento — FINAME	412.586,32	
Devedores Diversos	6.269.128,56	360.098.588,25
IMOBILIZADO		
Imóveis, Móveis e Utensílios, Instalações, Almoxarifado e Nova Tradução Monetária	449.450,56	449.450,56
RESULTADO PENDENTE		8.843.117,18
		370.408.005,91
CONTAS DE COMPENSAÇÃO		
Valôres em Garantia e Outras Contas		338.255.199,23
TOTAL		708.663.205,14

passivo

		Cr$	Cr$
NÃO EXIGÍVEL			
Capital	10.000.000,00		
Aumento de Capital	5.000.000,00	15.000.000,00	
Reservas, Provisão e Corr. Monetária		12.833.583,51	27.833.583,51
EXIGÍVEL			
Responsabilidades p/ Aceites		308.826.319,00	
Financiamento — FINAME		370.435,07	
Conta Corrente — Vinculada		39.845,41	
Outros Créditos		7.842.720,51	317.079.319,99
RESULTADO PENDENTE			25.495.102,41
			370.408.005,91
CONTAS DE COMPENSAÇÃO			
Depositantes de Valôres em Garantia e Outras Contas			338.255.199,23
TOTAL			708.663.205,14

Presidente:
Luiz Pinto Thomaz
Diretor Superintendente:
Américo Oswaldo Campiglia

Diretores Gerentes:
Antonio Geraldo Toledo de Moraes
Carlos de Souza Toledo

Expedito Lamy
Randolpho Cruz de Vasconcellos

Walter dos Santos — T.C.C.R.C. SP 36.043

INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

ITAÚ AMÉRICA

RUA BOA VISTA, 176 - SÃO PAULO

BANCO ITAÚ AMÉRICA S. A.

Carta Patente 8.208
C.G.C. 60.701.190

BALANCETE ENCERRADO EM 5 DE OUTUBRO DE 1970

ativo

	Cr$	Cr$	Cr$
DISPONÍVEL			89.576.558,15
REALIZÁVEL			
Empréstimos			
À Produção	352.539.664,71		
Ao Comércio	198.963.947,31		
A Atividades não Especificadas	153.395.231,32		
A Entidades Públicas	802.192,09		
A Instituições Financeiras	-o-		
Em Letras Hipotecárias	-o-	745.601.036,03	
OUTROS CRÉDITOS			
Banco Central — Recolhimentos	86.517.722,42		
Cheques, Documentos e Ordens em Compensação ou a receber	72.225.830,17		
Adiantamentos sôbre Cambiais e Contratos de Câmbio	12.202.903,63		
Acionistas — Capital a Realizar	365.897,75		
Correspondentes no País	3.165.040,46		
Matriz, Departamentos e Correspondentes no Exterior em Moeda Estrangeira	19.513.876,47		
Matriz, Departamentos e Correspondentes no Exterior em Moeda Nacional	-o-		
Departamentos no País	351.853.256,23		
Outras Contas	50.616.709,61	596.561.241,24	
VALORES E BENS			
Títulos à ordem do Banco Central	128.456.540,43		
Outros Valores	16.166.602,45		
Bens	19.876.517,19	155.602.660,07	1.498.964.937,34
IMOBILIZADO			
Imóveis de uso, Reavaliação e Imóveis em Construção		71.579.856,77	
Móveis e Utensílios e Almoxarifado		28.761.848,87	
Instalação da Sociedade		-o-	100.341.705,64
RESULTADO PENDENTE			56.941.402,25
CONTAS DE COMPENSAÇÃO			1.379.392.618,95
TOTAL			3.105.217.222,34

passivo

	Cr$	Cr$	Cr$
NÃO EXIGÍVEL			
Capital:			
De Domiciliados no País	89.930.460,00		
De Domiciliados no Exterior	69.540,00	90.000.000,00	
Aumento de Capital		-o-	
Correção Monetária do Ativo		12.723.491,45	
Reservas e Fundos		23.283.857,44	126.007.348,89
EXIGÍVEL			
Depósitos			
À Vista e a Curto Prazo			
Do Público	848.933.358,49		
De Domiciliados no Exterior	273.068,61		
De Entidades Públicas	47.539.001,23		
A Médio Prazo:			
do Público			
— a prazo fixo ... 3.182,24			
— c/ correção monetária ... 1.030.549,44	1.033.731,68		
De Entidades Públicas	-o-	897.779.170,01	
Outras Exigibilidades:			
Cheques e Documentos a Liquidar	-o-		
Cobrança efetuada em trânsito	-o-		
Ordens de Pagamento	75.211.388,17		
Correspondentes no País	22.834.706,11		
Matriz, Departamentos e Correspondentes no Exterior em Moeda Estrangeira	12.881.749,99		
Matriz, Departamentos e Correspondentes no Exterior em Moeda Nacional	3.006,40		
Departamentos no País	349.027.647,78		
Outras Contas	25.979.982,57	485.958.480,57	
Obrigações (Especiais)			
Recolhimentos por conta do Tesouro Nacional	2.500.226,15		
Redescontos e Empréstimos no Banco Central	49.153.197,43		
Depósitos Obrigatórios — FGTS	28.397.260,35		
Obrigações por Ref. Repasses Oficiais	28.897.597,82		
Outras Contas	29.177.678,43	138.134.809,88	1.522.882.520,86
RESULTADO PENDENTE			77.034.852,84
CONTAS DE COMPENSAÇÃO			1.379.392.618,95
TOTAL			3.105.217.222,34

Presidente do Conselho:
Herbert V. Levy - Licenciado

Diretor Presidente:
Eudoro Villela

Diretores Vice-Presidentes Executivos:
Aloysio Ramalho Foz
José Carlos Moraes Abreu
Luis de Moraes Barros

Diretor Geral:
Olavo Egydio Setubal
Diretores Gerentes:
Abelardo Teixeira
Francisco Finamore
Hamido de Siqueira
João Baptista Leopoldo Figueiredo
Luiz Carlos Ferreira Levy
Manoel José de Carvalho
Mario Tavares Filho

Diretores Conselheiros:
Herculano de Almeida Pires
Hermann Moraes Barros
J. Mairo de Vâsconcelos
Rubens Martins Villela

Walter Leite da Silva — T.C.C.R.C. SP 20.348

BANCO FEDERAL ITAÚ DE INVESTIMENTO S. A.

Carta Patente 1.036/66
C.G.C. 61.537.644

BALANÇO ENCERRADO EM 30 DE SETEMBRO DE 1970

ativo

	Cr$	Cr$
DISPONÍVEL		
Em depósito no Banco do Brasil		7.043.715,51
REALIZÁVEL		
Empréstimos c/ Correção Monetária	300.000,00	
Devedores p/ Responsabilidades Cambiais	79.165.875,09	
Devedores p/ Financiamento — FINAME	618.697,35	
Ações e Obrigações	51.573.815,75	
Acionistas — Contas de Capital a Realizar	1.418.974,50	
Letras de Câmbio	70.380.658,29	
Títulos da Dívida Pública	76.210.262,21	
Outros Créditos	15.777.929,09	300.446.142,85
IMOBILIZADO		
Móveis e Utensílios		465.526,48
CONTAS DE RESULTADOS PENDENTES		
Comissões	-o-	
Despesas Gerais	-o-	
Impostos	-o-	
Juros e Correção Monetária	-o-	-o-
CONTAS DE COMPENSAÇÃO		
Fundo Bankinvest — Decreto-Lei 157	86.448.775,45	
Fundo Federal de Investimentos	213.946.276,44	
Valôres Caucionados	12.722.487,57	
Títulos Caucionados	78.377.038,74	
Outras Contas	11.177.505,75	402.672.083,95
TOTAL		710.628.468,79

passivo

	Cr$	Cr$
NÃO EXIGÍVEL		
Capital	35.000.000,00	
Aumento de Capital	-o-	
Fundo de Reserva Legal	7.684.581,40	
Fundo de Amortização de Móveis e Utensílios	43.899,28	
Fundo de Reservas Especiais	15.000.000,00	57.728.480,68
EXIGÍVEL		
Títulos Cambiais c/ Paridade Cambial — Res. 63	750.460,80	
Depósito a Prazo Fixo c/ Correção Monetária	221.195.517,65	
Dividendos a Pagar	1.561.705,31	
Refinanciamento — FINAME	470.944,20	
Outros Créditos	26.210.543,37	250.189.171,33
CONTAS DE RESULTADOS PENDENTES		38.722,83
CONTAS DE COMPENSAÇÃO		
Fundo Bankinvest — Decreto-Lei 157	86.448.775,45	
Fundo Federal de Investimentos	213.946.276,44	
Depositantes de Valôres em Garantia	91.069.527,19	
Outras Contas	11.177.504,87	402.672.083,95
TOTAL		710.628.468,79

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA DE "LUCROS E PERDAS" EM 30 DE SETEMBRO DE 1970

débito

	Cr$	Cr$
DESPESAS GERAIS		
Honorários do Cons. de Admin.	26.312,50	
Despesas Diversas	2.699.090,82	2.725.403,32
Gastos de Material		101.993,38
Sub-Total		2.827.396,70
IMPOSTOS		1.393.812,97
DESPESAS DE JUROS E CORREÇÃO MONETÁRIA		15.084.218,80
DESPESAS DE COMISSÕES		1.306.571,29
AMORTIZAÇÃO DO ATIVO		
Transferido p/fundo de amort. de móveis e utensílios		11.632,96
Sub-Total		20.620.634,15
FUNDO DE RESERVA LEGAL		227.490,15
FUNDO DE RESERVAS ESPECIAIS		5.400.000,00
DIVIDENDOS AOS ACIONISTAS		1.561.705,31
PERCENTAGEM DE ACÔRDO COM O ART 12.º § 12.3 DOS ESTATUTOS		755.269,09
SALDO QUE PASSA PARA O TRIMESTRE SEGUINTE		38.722,83
TOTAL		28.722.790,53

crédito

	Cr$	Cr$
SALDO NÃO DISTRIBUÍDO NO TRIMESTRE ANTERIOR		82.073,25
REVERSÃO DO FUNDO DE PREJUÍZOS EVENTUAIS		1.465.000,00
RENDAS		
RECEITA DE JUROS E CORR. MONETÁRIA	4.626.260,50	
COMISSÕES RECEBIDAS OU DEBITADAS	10.329.811,09	14.956.071,59
RENDA DE VALÔRES MOBILIÁRIOS		11.773.040,21
OUTRAS RENDAS		435.705,40
TOTAL		28.722.790,53

Vice-Presidente:
Herbert V. Levy - Licenciado

Diretor Presidente:
Eudoro Villela
Diretores Vice-Presidentes Executivos:
Aloysio Ramalho Foz
José Carlos Moraes Abreu
Luis de Moraes Barros

Diretor Geral:
Olavo Egydio Setubal
Diretores Gerentes:
Abelardo Teixeira
Francisco Finamore
Hamido de Siqueira
João Baptista Leopoldo Figueiredo
Luiz Carlos Ferreira Levy
Manoel José de Carvalho
Mario Tavares Filho

Diretores Conselheiros:
Herculano de Almeida Pires
Hermann Moraes Barros
J. Mairo de Vâsconcelos
Rubens Martins Villela

Walter dos Santos — T.C.C.R.C. SP 36.043

O continente se agita

Peru, Chile, Bolívia: um bloco esquerdista na América?

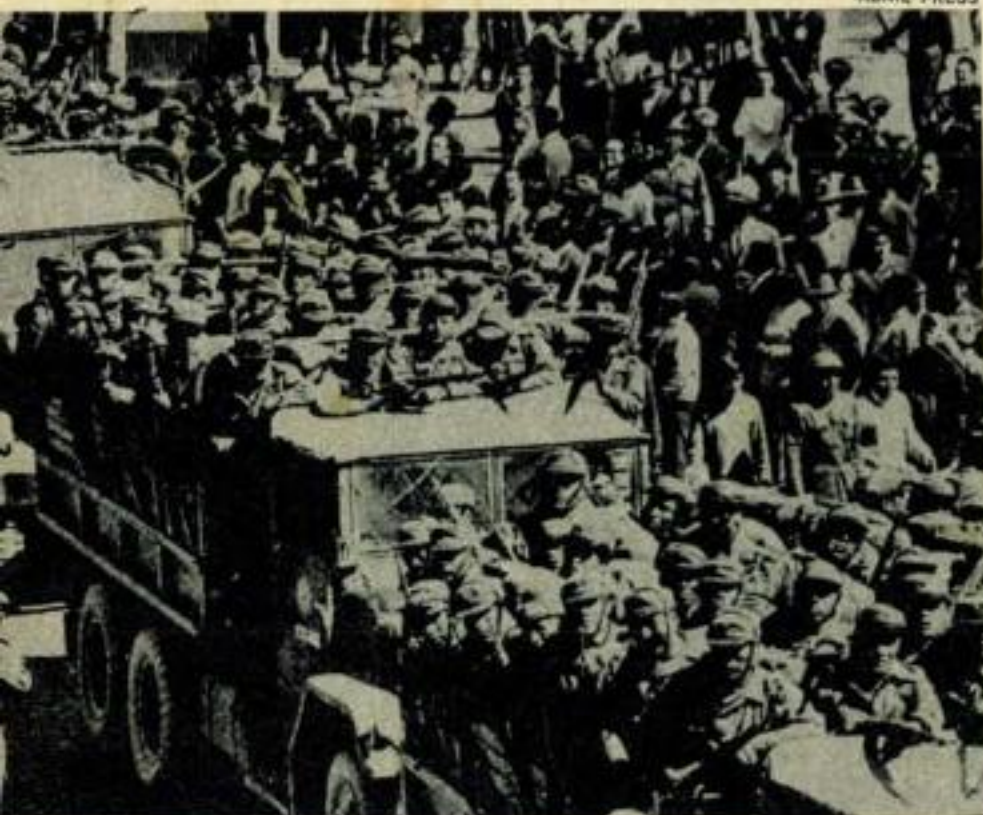
Quando as tropas do general peruano Velasco Alvarado tomaram de surprêsa a refinaria de Talara, de propriedade da Standard Oil, em outubro de 1968, o interêsse despertado nos Estados Unidos foi extremamente reduzido. Antes de comentar o assunto, inclusive, a revista "Newsweek" se sentiu obrigada a dar uma justificação a seus leitores por ter abandonado temas mais importantes como Vietnam e segregação racial, em troca do que parecia na época "um simples vaivém de barris de petróleo e alguns milhares de dólares num remoto país andino". Na semana passada, entretanto, a revista "Time" apareceu com sua principal reportagem dedicada à América Latina. E dessa vez não houve necessidade de explicar a ninguém a importância do assunto.

Nos últimos dois anos, o nacionalismo peruano se estendeu a mais dois países do continente. Primeiro à Bolívia, onde vegetou durante um ano sob o comando hesitante do general Ovando Candia, antes de assumir o aspecto mais radical de agora, sob a liderança do general Juan José Torres. Em seguida o Chile, com a eleição do socialista Salvador Allende. Para os Estados Unidos, o caso chileno é inegàvelmente o pior. Já não se trata apenas de possíveis problemas em tôrno de alguns milhares de dólares, mas da ascensão de um líder marxista que pretende contestar todos os pontos da política de Washington no continente latino-americano. Trata-se, além disso, do terceiro caso de rebeldia no curto espaço de três anos e já se fala — talvez apressadamente — na formação de um bloco hostil aos Estados Unidos, que funcionaria mais tarde como foco de contágio para tôda a América Latina.

Êsse temor é justificado pela instabilidade e pela pobreza de opções de vários países vizinhos ao "bloco". Ao norte do Peru, o Equador, governado pelo velho caudilho Velasco Ibarra, não parece, de nenhuma forma, capaz de oferecer segurança. Eleito cinco vêzes e derrubado três, Velasco perdeu, recentemente, mais uma vez, o apoio popular, e já não pode se apresentar em público sem provocar tumultos sangrentos. Ao sul da Bolívia, o Paraguai, dominado pela ditadura de Alfredo Stroessner, é notável apenas pela absoluta mediocridade de idéias econômicas e políticas. Sòmente na vizinhança direta do Chile, a Argentina poderia representar um contrapeso à hipotética expansão do bloco esquerdista. Na semana passada, entretanto, o govêrno de Buenos Aires voltou a cair num de seus períodos de perplexidade cíclica.

Ao tomar o poder, o presidente Marcelo Levingston teve a idéia de consultar os antigos presidentes do país, na esperança de que algum dêles apresentasse uma solução política melhor do que as suas. Mas, como a série de consultas excluía Perón — e os peronistas até hoje são o centro de todos os problemas argentinos —, a chamada dos ex-presidentes nasceu destinada ao fracasso. No auge da desorientação, Levingston chegou mesmo a pedir a colaboração do general Onganía — que êle mesmo derrubou há quatro meses. O resultado de tudo isso veio na última quarta-feira, com a queda do Gabinete e a abertura de uma nova crise política.

Como de hábito, nas horas intranqüilas dêstes últimos quinze anos, fala-se na volta iminente de Perón. E agora, em vez de retornar diretamente a Buenos Aires, Perón — que já se proclama também nacionalista de esquerda — poderia se estabelecer em Santiago, de onde comandaria a oposição. Até agora, é verdade, tanto a volta de Perón quanto a formação de um bloco de esquerda no continente não passam de hipóteses mais ou menos distantes. Mas no próximo dia 3 de novembro um presidente marxista deverá tomar posse no Chile. E, a partir dêsse fato, as hipóteses mais distantes tornam-se sùbitamente plausíveis na América Latina.

ABRIL PRESS

A Bolívia passa ao esquerdista Torres...

GERALDO GUIMARAES

... e o Chile recebe o marxista Allende

ABRIL PRESS

General Torres: à espera de um acôrdo

ABRIL PRESS

Povo em La Paz: à espera de um rumo

Bolívia: depois do golpe, os primeiros problemas

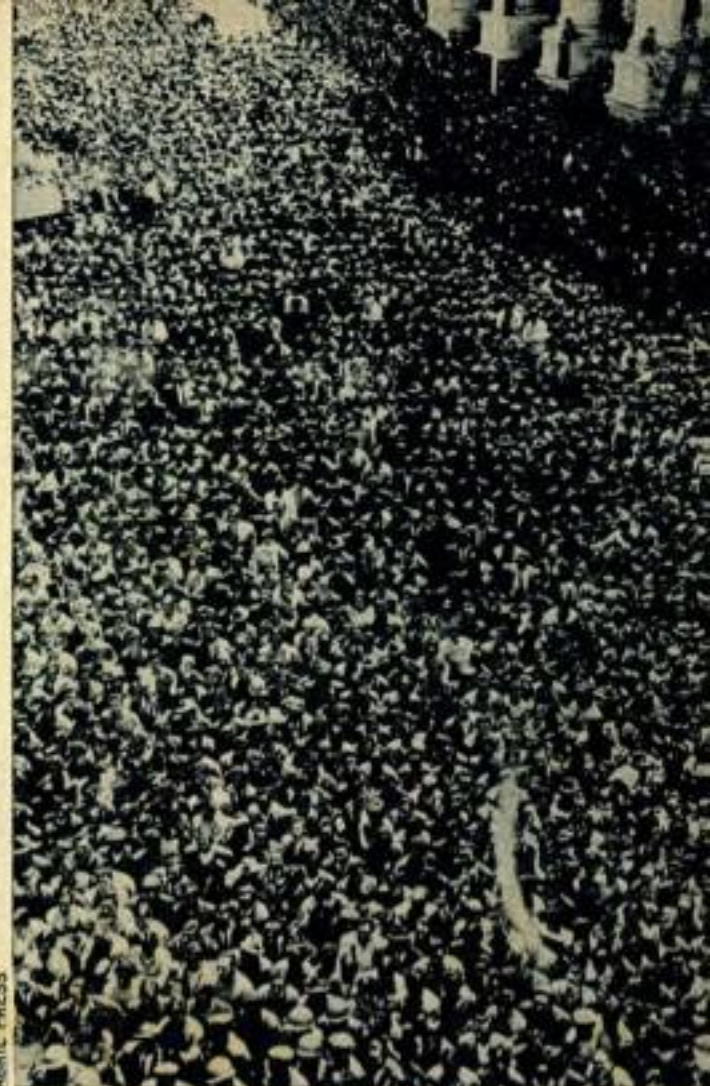
Simples troca de guarda palaciana, como afirmam os guerrilheiros bolivianos, ou mudança de dirigentes dentro de um mesmo regime, como declarou o porta-voz do Departamento de Estado americano, o fato é que a ascensão do general Juan José Torres não alterou de imediato a visão que o mundo tem da política na Bolívia. Os guerrilheiros prosseguem sua campanha nas selvas de Teoponte, lançando os desafios verbais de hábito ao govêrno central. Os Estados Unidos, por outro lado, continuam fornecendo a sua ajuda econômica e militar de quase 13 milhões de dólares (Cr$ 60 milhões) por ano. Depois dos dias vertiginosos da semana anterior, La Paz recai num estado de expectativa que pode se estender indefinidamente.

Na semana passada, as duas facções obtiveram apenas vitórias menores. Os estudantes e a Central Obrera Boliviana, controlada pelo esquerdista Juan Lechín, conseguiram permissão para queimar tôdas as fichas pessoais do Serviço Nacional de Investigações Criminais. Além disso, obtiveram dois decretos favoráveis: o primeiro autoriza a volta ao país de alguns padres que tinham sido expulsos por suspeita de colaboração com as guerrilhas. O segundo revoga um decreto dos tempos de Ovando que considerava a greve de fome — protesto comumente usado na Bolívia — como tentativa de suicídio e, portanto, punível pela lei. Para contrabalançar, Torres nomeou um gabinete com vários elementos conservadores. O ministro da Defesa é o general David La Fuente, membro de uma das juntas que disputou o poder com o próprio Torres. Para o Ministério das Finanças, foi escolhido Antonio Sanchez Losada, elemento que, segundo afirmam os sindicalistas da COB, "viveu tanto tempo no estrangeiro que nem sequer fala mais corretamente o espanhol".

Devolução — Do antigo grupo de ministros esquerdistas do ex-presidente Ovando Candia, sobreviveu apenas Mercado Ortiz, num posto equivalente ao de primeiro-ministro. Não tanto por ter apoiado Torres, mas por sua capacidade como planejador econômico. De fato, tantas foram as pessoas que se solidarizaram com o general Torres, no momento do golpe — e depois dêle —, que mesmo com a melhor boa vontade seria impossível nomear todos. Para consôlo de Torres, é verdade, alguns problemas menores já se resolveram de maneira inesperadamente fácil.

Na semana do golpe, vários jornais, entre êles "Hoy", de La Paz, tinham sido tomados pelos empregados, que pretendiam transformá-los em cooperativas. Mas, ao constatar o lamentável estado das finanças de "Hoy", os empregados apressaram-se a devolvê-lo ao antigo proprietário, Mario Vargas. Foi o próprio Vargas, então, que se recusou a receber de volta o jornal. Depois de muitas negociações, os empregados aceitaram a dispensa de oito redatores que se tinham excedido durante a crise e, em troca, o legítimo dono resignou-se a assumir novamente a indesejável propriedade do jornal.

Simplismo — Os acôrdos necessários para resolução dos maiores problemas da política boliviana, no entanto, parecem muito longe de qualquer conclusão. O centro da controvérsia, como sempre, são as nacionalizações e os prisioneiros políticos. Em matéria de nacionalizações, Torres começou uma política ambivalente. Prometeu o "retôrno ao país dos recursos básicos explorados por companhias estrangeiras" ao mesmo tempo em que se comprometia a respeitar o acôrdo — considerado pouco nacionalista pelas esquerdas — entre o general Ovando Candia e a Gulf Oil Company. Nos últimos meses de seu govêrno, Ovando concordara em pagar mais de Cr$ 365 milhões pelas instalações da Gulf. (Segundo cálculos dos próprios americanos, todos os outros investimentos de companhias americanas na Bolívia não alcançariam, na melhor das hipóteses, Cr$ 190 milhões.)

Quanto ao caso de anistia dos prisioneiros políticos, o general Torres tem mostrado reserva. "A situação de Régis Debray", afirmou êle, "não pode ser encarada de maneira tão simplista, diante das imensas implicações do problema na área militar." Mas é justamente de uma maneira simples — ou simplista — que Juan Lechín e seus subordinados da Central Obrera Boliviana encaram o problema. A lista de suas exigências, submetidas ao govêrno de Torres, inclui a imediata liberação de todos os presos políticos, inclusive Régis Debray e seu companheiro de guerrilhas, o argentino Ciro Bustos. A pressão que Juan Lechín pode exercer cresceu sùbitamente na semana passada, com a decisão do govêrno de impedir a volta ao país do ex-presidente Victor Paz Estenssoro. Com Estenssoro na Bolívia, as fôrças sindicais se dividiriam entre êle e Juan Lechín, permitindo que o govêrno agisse mais livremente.

Alívio — De uma maneira ou de outra, no entanto, o general Torres parece ter conquistado fôrça suficiente para dominar os sindicatos e o Exército sem sustos exagerados. Na última semana, os estudantes voltaram às aulas, os trabalhadores aos seus empregos e La Paz reencontrou sua calma. Sòmente na segunda-feira um acidente um pouco maior veio perturbar a marcha do nôvo govêrno, quando o ex-ministro do Trabalho, Samuel Gallardo, deu uma entrevista falando da amizade entre o general Rogelio Miranda — líder da facção militar que se opôs a Torres — e o general Alejandro Lanusse, comandante-chefe das Fôrças Armadas argentinas. Essa amizade não era segrêdo para ninguém: em junho passado, os dois se condecoraram

mùtuamente em uma cerimônia pública. Mas, por algum motivo, a entrevista desagradou uma facção de militares bolivianos e o govêrno julgou prudente duplicar a guarda do quartel de Miraflores. O resto da semana foi totalmente pacífico, com exceção dos transtornos normais a que estão sempre sujeitos os habitantes de La Paz. Na noite de quarta-feira, uma série de oito explosões abalou a cidade e muita gente saltou da cama pensando num nôvo golpe de Estado. Mas logo se verificou que eram apenas atentados terroristas e, aliviada, a população voltou a dormir. O

Chile: antes da posse, os últimos acôrdos

Salvador Allende: com o Estatuto aprovado, não existem mais obstáculos

Com a aprovação maciça dos deputados chilenos, na última quinta-feira, o Estatuto de Garantias da Democracia Cristã passou a figurar pràticamente na Constituição — e, ao mesmo tempo, desapareceu o último obstáculo que separava Salvador Allende da presidência. Neste sábado, o Congresso deverá referendar a sua eleição e dezessete dias depois, a 3 de novembro, Allende substituirá Eduardo Frei como presidente do Chile. Os acôrdos partidários entram agora em sua última fase. O presidente Frei apenas aguarda o momento de transmitir o poder. E já se fala inclusive no nôvo Gabinete, cujo núcleo seria constituído por três comunistas, três socialistas e três membros do Partido Radical. No comêço da semana, quando Felipe Herrera renunciou inesperadamente à presidência do Banco Interamericano de Desenvolvimento (leia também a página 55), deu-se como certa a sua presença no nôvo Ministério. Herrera, que já foi professor de economia na Universidade de Santiago e ministro da Fazenda do Chile, representaria o elemento moderador, encarregado de desfazer com seu prestígio a desconfiança dos outros países do continente.

Mas, pelos mesmos motivos que provocariam alívio nos Estados Unidos ou na Argentina, o nome de Herrera provoca hostilidade nos meios comunistas chilenos, onde êle é conhecido como "Mr. Dollar". E, no fim da semana, a possibilidade de sua nomeação já estava consideràvelmente reduzida. De qualquer modo, entretanto, a Unidade Popular não terá grandes dificuldades em escolher seus ministros. Até agora, seu maior problema tem sido o de lidar com o apoio às vêzes favorável, às vêzes incômodo, que lhe deram os extremistas de esquerda do MIR — Movimiento de Izquierda Revolucionaria. Na última segunda-feira, Salvador Allende decidiu-se por um rompimento definitivo. Enquanto Victor Toro, líder do MIR — com cinco ordens de prisão decretadas —, circulava pelas faculdades acusando Salvador Allende de stalinista, o jornal comunista "El Siglo" lançava os comentários de praxe sôbre "aventureiros irresponsáveis, pagos pela direita".

Guarda-costas — Supor que algum chileno de direita tenha considerado a idéia de oferecer dinheiro ao líder do MIR parece um exagêro evidente. Não é menos verdade, no entanto, que a atuação de Victor Toro só serviu, até agora, para aumentar a prevenção dos militares contra as esquerdas. Com efeito, desde o comêço de setembro, o MIR iniciou uma série de atentados a bomba e desordens diversas. Dez dias atrás, desejando homenagear a memória de Che Guevara, Victor Toro resolveu organizar um comício no centro de Santiago. O discurso foi feito no alto do pedestal que sustenta a estátua eqüestre do general Baquedano, herói da guerra do Pacífico, especialmente pintada de vermelho para a ocasião. Imediatamente os chefes das três Armas protestaram e foi êsse incidente, em última análise, que forçou o rompimento de Allende com o MIR.

Eduardo Frei: aguardando o sucessor

As fôrças conservadoras, por outro lado, também têm enfrentado problemas com as fôrças da ordem. Dias atrás, foram presos três terroristas de direita, quando pretendiam dinamitar uma ponte numa rodovia de alta velocidade perto de Santiago. Os três eram universitários e trabalhavam em contato com um capitão-de-fragata aposentado, dentro de uma organização que já provocara mais de vinte atentados bem sucedidos. Ao lado dêsse terrorismo real, o Chile ainda tem de enfrentar os boatos de todos os dias. Um senador democrata-cristão, por exemplo, afirmou na semana passada que quarenta instrutores húngaros, especialistas em milícias populares, estavam prontos para embarcar para o Chile no momento em que Eduardo Frei deixar o govêrno.

A Unidade Popular contra-atacou imediatamente, com uma história do mesmo calibre. Segundo o diretor da polícia civil, Rolando Castillo, entraram no país, nas últimas semanas, 533 cidadãos americanos. "Provàvelmente agentes da CIA", declarou Allende, que, por conta própria, ainda acrescentou "sessenta exilados anticastristas dispostos a tudo, inclusive ao assassinato." Em matéria de homicídios, aliás, Salvador Allende tem preocupações bem definidas. "A oligarquia sem pátria", repetiu êle mais uma vez na semana passada, "não vacilará em cometer assassinatos." "No plano pessoal", acrescentou com generosidade, "isso não teria grande importância." Mas, por via das dúvidas, não dispensa, quando sai, a companhia de vários guarda-costas bem escolhidos. O

OLD EIGHT
EXTRA
RESERVA PESS
PRODUÇÃO LIMIT
FABRIZIO FASANO

Trudeau: entre sucessos e seqüestros

CAMERA PRESS

CANADÁ

Pequim e Montreal

Não é todo dia que os políticos empregam, ao mesmo tempo, os princípios das quatro operações da aritmética. Na semana passada, porém, os dirigentes do Canadá dedicaram-se com aplicação a essa experiência: somaram à sua diplomacia um país de 700 milhões de habitantes, multiplicaram as possibilidades do seu comércio exterior com o reconhecimento da China Comunista, dividiram suas preocupações entre Pequim e Montreal e tentaram diminuir as exigências dos seqüestradores de Quebec.

Ao reconhecer Pequim como "o único govêrno legal da China", na última têrça-feira, o Canadá usou o melhor momento psicológico para seu importante passo diplomático — e roubou parcialmente o brilho e a importância das comemorações do 25.º aniversário da ONU. O reconhecimento da República Popular da China e a promessa de realizar, no prazo de seis meses, a troca de embaixadores entre Pequim e Ottawa tiveram imediatamente uma série de conseqüências. A primeira delas — e talvez a mais melancólica — foi a saída dos diplomatas da China Nacionalista de Ottawa e Montreal: o govêrno de Formosa, com a decisão do primeiro-ministro Pierre Trudeau, rompeu relações com o Canadá no mesmo dia, enquanto apontava o regime comunista chinês como "a maior ameaça individual à paz e à segurança mundiais". Em Ottawa, entretanto, os dirigentes canadenses nem chegaram a se importar com as naturais reclamações de Formosa. E o ministro do Exterior, Mitchell Sharp, antes de embarcar para Nova York, anunciava que seu país votará a favor da substituição da China Nacionalista pela China Popular na ONU.

A atitude canadense deixa os Estados Unidos pràticamente sem apoio de grandes nações na sua política de desconhecer o regime de Pequim — a Rússia, a Inglaterra e a França, além de 45 outros países, já reconhecem a China Popular. E a Itália e a Bélgica, ainda na semana passada, confessavam suas esperanças de, dentro em breve, também estabelecerem relações diplomáticas com Pequim, aumentando assim as possibilidades de, até 1975, diplomatas comunistas chineses estarem se sentando na assembléia da ONU, nas cadeiras atualmente ocupadas por Formosa.

Não seria impossível, assim, que até mesmo os Estados Unidos viessem, futuramente, a rever sua atitude diante de Pequim. Tal disposição interessa à comunidade comercial e industrial americana que opera na Ásia e, recentemente, Washington já permitiu que as subsidiárias de emprêsas americanas no exterior negociem material não estratégico com a China. Quanto ao Canadá, vai se beneficiar duplamente: além de vender seus excedentes de trigo para a China, poderá comercializar os produtos das indústrias sediadas no seu território, quase tôdas subsidiárias de firmas americanas.

Caso crônico — Se no campo externo Trudeau somava pontos com sua diplomacia, dentro de casa a situação prosseguia com a mesma tensão da semana anterior, quando membros da Frente de Libertação de Quebec (FLQ) — que não reconhece Ottawa como govêrno legal de todo o Canadá e deseja a separação de Quebec do resto do país — seqüestraram o adido comercial britânico em Montreal e o ministro do Trabalho de Quebec, Pierre Laporte. Durante tôda a semana houve reuniões entre representantes do govêrno federal e da FLQ em busca de um difícil acôrdo: Ottawa quer uma diminuição das exigências dos seqüestradores (a liberdade de 23 membros da FLQ presos, Cr$ 2 350 000,00 em ouro, e a identificação de um informante) enquanto os separatistas exigem o cumprimento de tôdas as suas condições.

Até o final da semana, não se chegou a nenhum acôrdo. Pierre Trudeau suspendeu sua programada viagem à Rússia, decretou a lei marcial em todo o Canadá, ocupou militarmente as cidades de Montreal e Quebec e considerou fora da lei a FLQ, enquanto os seqüestradores silenciavam diante da proposta governamental de libertar cinco ao invés de 23 prisioneiros. Com o seqüestro entrando progressivamente no rol dos casos crônicos, parecia claro que terroristas e políticos canadenses não aprenderam a fazer contas pela mesma cartilha. O

FRANÇA

O best-seller

"O general está vendendo mais do que Papillon." A informação é de Marcel Jullian, diretor da editôra parisiense Plon, que em apenas três dias vendeu 400 000 exemplares do primeiro volume das "Memórias da Esperança" — obra político-autobiográfica que Charles de Gaulle começou a escrever no seu retiro de Colombey-les-deux-Églises logo após ter deixado a presidência da República em abril de 1969. Talvez mais do que o conteúdo polêmico do livro (que cobre os quatro anos mais dramáticos da história contemporânea francesa, de 1958 a 1962), foi a engenhosidade sem

PARIS-MATCH

De Gaulle (com a mulher Yvonne) no retiro de Colombey: método-choque

falhas da operação de lançamento que mais chamou a atenção do público. Nesse sentido, De Gaulle conseguiu destronar o mestre até então incontestável dos sucessos de livraria na França (Jean-Jacques Servan-Schreiber, autor de "O Desafio Americano") empregando o método-choque da surprêsa.

Entre o dia 11 de julho, quando Marcel Jullian foi a Colombey buscar o manuscrito, e as 8h12 do dia 7 de outubro, quando um comunicado da Plon anunciou que o livro já se encontrava nas principais vitrinas da França, 1 500 pessoas (tipógrafos, revisores, paginadores, encadernadores, transportadores) tiveram entre as mãos as 250 000 cópias iniciais das "Memórias". Ainda assim, nada transpareceu dessas 75 toneladas de segrêdo gaulliano. O general também instruiu seu editor para que nenhum jornal ou personalidade recebesse de antemão trechos ou exemplares do volume.

Condescendência — Dessa forma, quando os franceses foram surpreendidos com seu esperado livro de cabeceira à venda, não hesitaram em pagar Cr$ 25,00 pelo privilégio de ler, junto com os críticos, as metáforas e truísmos do general sôbre a guerra e a paz na Argélia, sôbre sua ascensão ao poder, sôbre os rumos da Europa e do mundo sob sua liderança. O lançamento do livro — coincidência? — ocorreu 24 horas após a chegada de Georges Pompidou em Moscou e acabou roubando boa parte da repercussão que teria a viagem triunfal do atual presidente da França. Como única condescendência a seu sucessor (cujo nome é citado apenas quatro vêzes, e sempre sem adjetivos, ao longo das 314 páginas das "Memórias") o general incluiu Pompidou entre os dezessete privilegiados que receberam uma cópia autografada do livro. Os outros são o papa, Nikita Kruschev, a rainha da Inglaterra, o conde de Paris, a viúva de Dwight Eisenhower, Harold MacMillan, Couve de Murville, Michel Debré, André Malraux e os membros de sua família.

O êxito total da "operação surprêsa" fêz com que jornalistas e fotógrafos tomassem novamente de assalto Colombey-les-deux-Églises (quatrocentos habitantes, uma farmácia, uma escola primária, dois bares e — apesar de seu nome — uma só igreja), onde o general De Gaulle, aos 79 anos de idade, vive pràticamente isolado do mundo com sua mulher Yvonne. Sua mansão fica a meia distância entre a praça e o cemitério, onde está sepultada Annie, a filha mais velha do casal De Gaulle, que morreu com vinte anos sem nunca ter sido normal. E é justamente a Fundação Annie de Gaulle, para crianças excepcionais — instalada no castelo de Vercoeur, perto de Paris —, que receberá diretamente todos os direitos autorais do último livro do general. ○

CAMERA PRESS

Legionários franceses no deserto chadiano: a guerrilha voltou com armas novas

ÁFRICA

Um golpe na Legião

Para turistas à procura de novas paisagens, o marco final de sua aventura no Chade, no centro da África, é Faya Largeau, capital da província do norte. Além da cidade — pouco mais que um poeirento mercado de camelos, ao longo da estrada que se afunda no deserto —, uma guerrilha persistente e cada vez mais violenta continua a opor, entre dunas de areia e oásis, rebeldes chadianos a legionários franceses. Na semana passada, êsse confronto chegou ao pior ponto desde seu início, dois anos atrás: onze soldados franceses foram mortos numa emboscada armada pelos rebeldes da Frolinac — Frente de Libertação Nacional do Chade —, 60 quilômetros ao norte de Faya Largeau, quartel-general dos 1 500 homens da Legião Estrangeira, enviada ao Chade em 1968 pelo general De Gaulle para socorrer o decadente regime do presidente François Tombalbaye.

As baixas francesas vieram relançar abruptamente o problema do Chade, onde a guerrilha parecia ter sido banida pela Legião. Três meses atrás, inclusive, 150 legionários haviam sido recambiados para a França, e o govêrno chadiano, aparentemente, recuperava o contrôle do país. Dos 3 500 mortos que a guerra fêz até agora, sòmente trezentos pertencem às tropas regulares do Chade. Contra o armamento moderno, helicópteros e aviões de observação North Atlas da Legião Estrangeira, os rebeldes possuíam, em sua grande maioria, apenas lanças, arcos e flexas. Um em cada dez, entre êles, conseguia obter velhos rifles da Segunda Guerra Mundial, pagando Cr$ 250,00 a unidade nos mercados da África central.

Dessa forma, a repentina ofensiva de uma rebelião que se considerava controlada só pode ser atribuída à adesão de novas tribos, anteriormente refugiadas na Líbia, que faz fronteira com o norte do Chade. Os recém-chegados teriam trazido consigo armas mais modernas, de procedência soviética, que foram somar-se ao conhecimento dos segredos da região — único ponto favorável no arsenal dos guerrilheiros. E, enquanto no Chade a guerra ganha nôvo impulso, em Paris a oposição recarrega suas baterias contra os Campos Elíseos. Para os opositores, "possuir um Vietnam africano" é um privilégio que a França não pode mais se permitir. ○

Rigor científico

Em Brazzaville, capital do Congo ex-francês, onde freqüentemente o ruído dos tambores confunde-se com as notas da "Internacional", interpretada em ritmo africano, o regime socialista do presidente Marien Ngouabi procura tornar-se mais científico e menos tropical. Na semana passada, com uma seriedade mais ou menos deslocada no exuberante cenário africano, foram tomadas várias medidas para combater a "degradação de costumes e a alienação cultural", denunciadas pela JMNR — Juventude do Movimento Nacional da Revolução. As "festas-surprêsa" e os "clubes da alegria" — que promoviam à sua maneira a integração congolesa, através de ruidosas bacanais — foram proibidos, e o Conselho Municipal de Brazzaville passou a controlar a venda de bebidas e o funcionamento dos bordéis. De fato, segundo um alarmado comunicado oficial o con-

sumo de álcool quintuplicou em sete anos e a porcentagem de doenças venéreas entre os jovens é de 40%. Quanto à cultura, o govêrno instituiu a "Semana da Canção Revolucionária". Objetivo: lutar contra a "despersonalização do congolês". Dessa forma, o socialismo de palavras de Marien Ngouabi passa agora aos atos. Já no mês passado, a rádio nacional interrompia bruscamente a transmissão da "Voz da Revolução" para anunciar a existência de um complô econômico fabricado pela Sociedade Industrial e Agrícola do Niari — SIAN —, representante de interêsses franceses no Congo. Logo depois dessa declaração, um decreto governamental nacionalizava a companhia — que, aproveitando a liberalidade do regime em relação às emprêsas particulares e capitais estrangeiros, continuava a ignorar a existência de um regime socialista em Brazzaville, desde dezembro de 1968.

Para forçar o govêrno a agir contra os movimentos grevistas em suas plantações, a SIAN havia decidido fechar temporàriamente suas portas a partir do início dêsse mês. Como a medida colocaria em perigo a produção de açúcar do país, Ngouabi revelou concretamente suas intenções de seguir o caminho já percorrido pelo socialismo argelino: constituição de um setor nacionalizado forte e regras rígidas para o setor privado.

Dois trunfos — No entanto, para os preocupados capitais europeus no Congo, os últimos acontecimentos demonstram uma perigosa coincidência com o aumento da influência da ala radical do partido único nas decisões do govêrno. Seu líder, o secretário de Estado Claude-Ernest Ndalla, maoísta convicto e membro influente da JMNR, auxiliou em 1968 Marien Ngouabi, então simples capitão, a afastar do cenário político o ex-presidente Massemba-Débat. O atual chefe do Congo aceitou na época seu apoio, mas, sàbiamente, tentou neutralizar sua influência. E, já em fevereiro de 1969, Ndalla foi afastado de Brazzaville, ganhando um pôsto de honra — e longínquo — como embaixador em Pequim.

Essa política, entretanto, provocou graves reações internas, e em dezembro do mesmo ano — com a volta de Ndalla — os maoístas do Congo retomaram a ofensiva. Pouco depois o país adotava a bandeira vermelha como emblema e os "princípios marxistas-leninistas" como doutrina oficial. Simultâneamente, foi formado um todo-poderoso bureau político, com Ndalla como primeiro-secretário e membros radicais constituindo a maioria. Mas, embora a influência de Pequim progrida no Congo, o presidente Ngouabi ainda dispõe de dois trunfos — prestígio no Exército e discreta simpatia por Mao Tsé-tung —, que lhe permitem continuar na chefia do govêrno. O

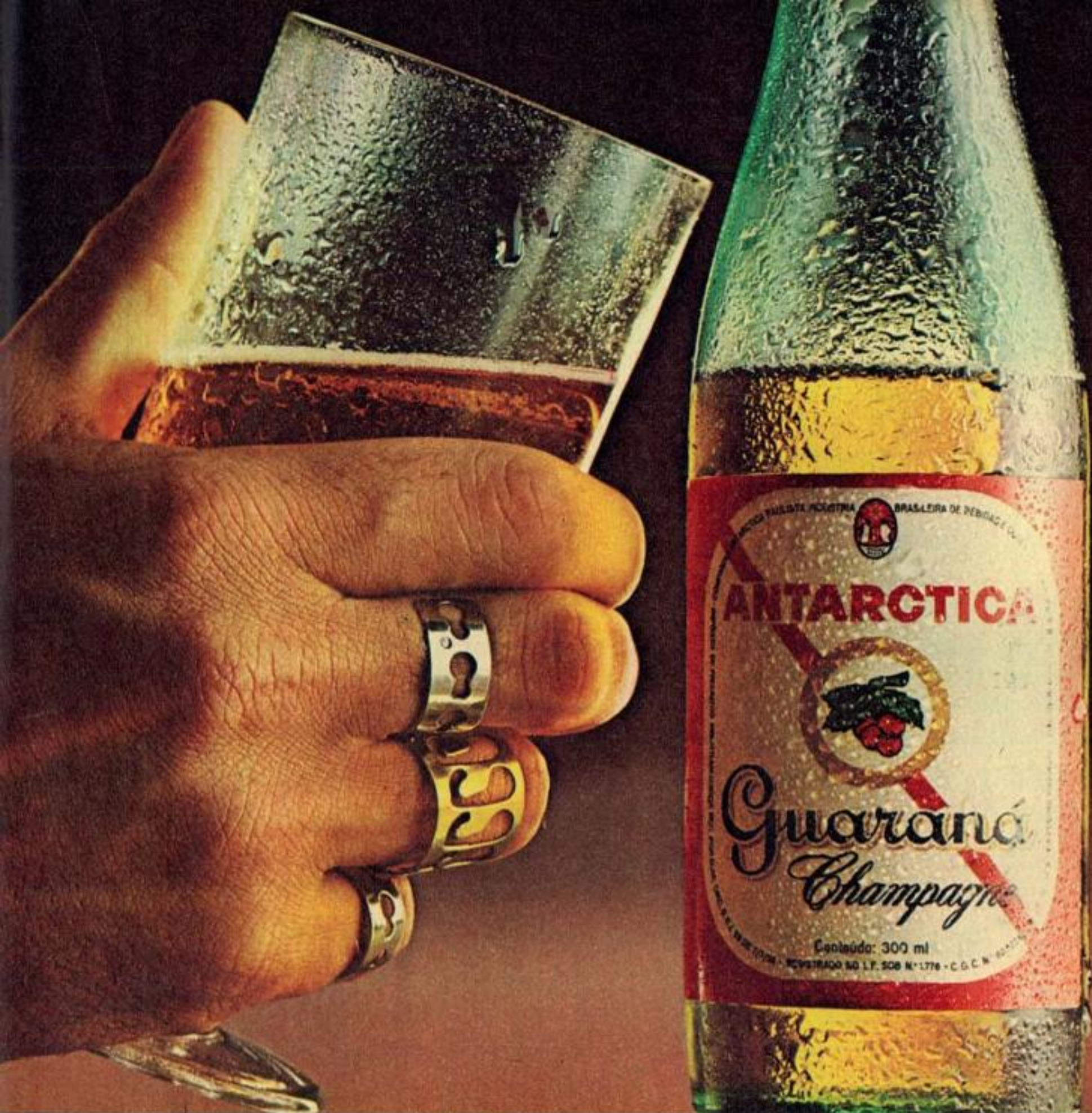
RÚSSIA

A vez da Aeroflot

Tôdas as vêzes que o turbo-hélice Antonov-24, da Aeroflot, decola de Batumi, cidade russa localizada a 16 quilômetros da fronteira turca, para um vôo de menos de uma hora, até o balneário de Sotchi, no mar Negro, os passageiros confiam que chegarão sem sustos ao destino. Na última quinta-feira, porém, a tranqüilidade de 43 passageiros e da tripulação de cinco membros não durou mais do que dez minutos. E, a partir daí, o destino deixou de ser Sotchi para se tornar, dependendo do caso, o cemitério, o hospital, o hotel e a prisão. Tudo começou quando dois lituanos de origem judia, Brazinskas Korovejo, de 46 anos, e seu filho Algerdas, de dezoito anos, resolveram realizar o 13.º seqüestro aéreo num país socialista — e o primeiro de um avião da Aeroflot, a companhia de aviação comercial soviética. Mal o aparelho deixou Batumi para trás, pai e filho, armados com cinco revólveres de vários calibres, dois fuzis de cano serrado, três granadas e farta munição, levantaram-se de suas poltronas e iniciaram uma decidida marcha pelo corredor em direção à cabina de comando.

Ao notar êsse movimento ostensivo, a aeromoça Nadedja Kurcerko postou-se à porta da cabina. Os lituanos não tiveram dúvidas: dispararam suas armas contra Nadedja, que se tornou o primeiro tripulante de um avião comercial no mundo a morrer num seqüestro. Em seguida, os dois homens entraram na cabina e ordenaram ao comandante do Antonov-24 que mudasse o rumo para a cidade turca de Trabzon, 170 quilômetros ao sul de Batumi, também nas margens do mar Negro. O pilôto iniciou algumas acrobacias com o avião, numa tentativa de confundir os seqüestradores, para depois dominá-los. Essa decisão foi não só inútil como quase desastrosa. Os seqüestradores passaram a dar tiros em tôdas as direções. E o pilôto, já ferido e sem outra alternativa, finalmente cumpriu as determinações dos seqüestradores — sem mesmo pedir permissão às autoridades turcas, pousou no aeroporto de Trabzon.

Quando as portas do Antonov-24 se abriram, os seqüestradores foram os primeiros a sair, deixando atrás de si a aeromoça morta, dois tripulantes e dois passageiros feridos. Entregaram suas armas à polícia turca, pediram asilo político e — antes de serem levados à prisão — falaram que tinham intenção de chegar mais tarde a Israel. Ambulâncias transportaram os feridos para um hospital, enquanto os passageiros restantes eram encaminhados para um hotel da cidade, já que o aparelho estava sem condições de retornar à Rússia. Na sexta-feira, a Turquia informava que os seqüestradores seriam julgados pelas leis do país — provàvelmente, serão condenados por homicídio voluntário. Como consôlo, porém, poderão se vangloriar de terem conseguido contrabandear para dentro do avião um verdadeiro arsenal, justamente a poucos quilômetros de uma das mais bem guardadas fronteiras soviéticas. O

O avião da Aeroflot no aeroporto de Trabzon: conforme o caso, quatro destinos

Tem uma idade em que v. sabe: o forte tem que ser v., não a bebida.

O Saloon estava repleto de gente e fumaça.

Então êle entrou.

Num instante houve uma confusão geral. Homens correndo, mulheres gritando, garçom se atirando atrás do balcão. E revólveres cuspindo fogo. Seis contra êle. Os seis morreram.

Êle guardou o revólver com muita calma. Foi para o bar.

Os outros só olhando. O garçom, disfarçado de John Wayne pra ninguém reconhecer, veio solícito e com um sorriso forçado. Silêncio absoluto.

Aí êle falou: "Um Guaraná Champagne Antarctica". Ouviu-se um murmúrio de admiração. Que coragem! Pedir Guaraná ali no Saloon! Todos se mantiveram a uma distância respeitosa. Todos, menos as mulheres: um beijo, dois beijos, três beijos...

The end.

Agora, saia do cinema, vá a um bar e faça o mesmo. Peça seu Guaraná Antarctica de cabeça erguida. Mostre que o forte é você. Beba o que você gosta: Guaraná Champagne Antarctica, o refrigerante puro, porque é natural.

Os beijos virão depois.

ANTARCTICA

ESTADOS UNIDOS

Para cobrar depois

Êle é como uma sombra emergindo inesperadamente do passado dos Kennedys. Acompanhado por homens ambiciosos, navega decididamente pelas águas estagnadas da política americana, com batidos discursos sôbre a maneira de fazer os Estados Unidos andarem novamente — tudo dentro de um jôgo cujas regras estão no livro "A Ressurreição de Richard Nixon", de Jules Witcover. Ressurreição não é precisamente o que Robert Sargent Shriver Jr. está pretendendo nas eleições parlamentares dêste outono americano — ao contrário de Nixon em seus dias de maré baixa, êle não possui qualquer passado político do qual possa ressurgir. Mas, de qualquer forma, Shriver dedica atualmente todo o seu tempo a uma longa tournée pelos Estados Unidos, com jantares à base de frango assado, da mesma forma que Nixon fêz em 1966 e pelas mesmas razões: ajudar a eleição dos candidatos de seu partido ao Congresso — e, na transação, ir assegurando suas pretensões presidenciais.

Shriver ainda é jovem aos 54 anos, tem uma imagem moderna mas não muito, e parece ser, hoje em dia, uma nova fôrça no cinzento horizonte do Partido Democrático. Ligado aos Kennedys pelo casamento (com a irmã Eunice), Shriver, até agora, foi um servidor público com considerável fôlha de serviços: diretor do Corpo da Paz, coordenador da Guerra Contra a Pobreza e, mais tarde, embaixador americano em Paris. Algumas hesitações levaram-no, no passado, a desperdiçar oportunidades políticas: em 1968 ficou de fora tanto na campanha das eleições primárias de seu cunhado Robert Kennedy como na disputa presidencial de Hubert Humphrey, e, êste ano, desistiu de concorrer ao govêrno de Maryland. Ao contrário, procurou não se arriscar e optou pela sua atual viagem a 32 Estados. Alguns atritos internos no Partido Democrático diminuíram o ímpeto inicial de seu projeto: Larry O'Brien, que preside o Comitê Nacional Democrático, apontou Shriver como "fator de divisão" e, aparentemente, o próprio Edward Kennedy se teria irritado com a iniciativa do cunhado. Mas o impasse inicial foi superado e Shriver partiu firmemente em sua missão de ajudar candidatos democratas — e, por êsse meio, tornar-se credor de gratidões políticas.

Anti-Agnew — O veículo de Shriver é a Liderança Congressista para o Futuro, sediada em Washington, que conta com o trabalho e ajuda financeira de antigos kennedyanos. A grande inspiração dos amigos de Washington foi a de apontar Shriver como a réplica do Partido Democrático a Spiro Agnew — ou seja, um tambor itinerante para arrecadar dinheiro, votos e manchetes para o partido, num papel que êle representa com grande prazer. De fato, nos seus discursos, Shriver tem classificado Agnew de "extremista", de "zero", ou de "maçarico que está incendiando o país". Mais que tudo, êle tem lançado mão da pomposa retórica que fêz a fortuna do vice-presidente. Há dias, em Connecticut, Agnew foi rotulado como "profeta da permissividade que diz a todos que sejam tão maus quanto seus instintos lhes digam que sejam".

Procurando estudadamente um contraste com o vice-presidente, Shriver também se fêz defensor da juventude americana. Num comício de Arthur Goldberg para o govêrno de Nova York, Shriver chamou-a de "a melhor geração de gente jovem que jamais tivemos". Ao mesmo tempo, censura os republicanos por investirem contra os jovens: "Por amor a uns poucos e desprezíveis votos, atacam seus próprios filhos, como aquêle peixe que engorda devorando sua própria descendência".

Antiga glória — Shriver tenta igualmente, sem muita sutileza, valorizar seus laços de família: "Penso que, se John Kennedy ou Robert Kennedy estivessem vivos, aqui estariam apoiando o nosso candidato". E há lampejos do estilo de Kennedy em sua exaltação patriótica e em seu regime de excursão. É verdade que Shriver não chega a entusiasmar como um Kennedy — um admirador prefere vê-lo mais como um "rotariano importante". Mas, na ausência forçada de Teddy Kennedy, sòmente êle está disponível para levar um toque da antiga glória a preocupados candidatos ao Congresso. Ficariam êles tão agradecidos, que tentariam promover seu atual benfeitor a presidente em 1972 ou 1976? "Isso pertence ao reino do romantismo", afirma o próprio Shriver.

Shriver: em campanha por Goldberg...

... e atrás de Muskie na fila para 1972

A avaliação é, sem dúvida, correta. Shriver compreende que há outros à sua frente na fila, notadamente o senador Edmund Muskie, do Maine, e que sua oportunidade surgirá apenas "se todos os outros forem descartados". Assim, êle insiste em que simplesmente está ajudando o seu partido num tempo de vacas magras. Mas, se no caso de Richard Nixon, em 1966, ninguém acreditou numa atitude desinteressada, o mesmo fato se dá agora em relação a Sargent Shriver. "Êle tem que ter algo em mente", disse um confuso e obscuro candidato, na Pensilvânia, durante um dia em que Shriver — para apoiá-lo — peregrinou por uma entrevista à imprensa, reunião sôbre entorpecentes num gueto, discurso numa universidade, visita a uma indústria, recepção para angariar fundos e um cansativo jantar de honra. "Se assim não fôsse, nada disso estaria acontecendo." ○

O ideal seria um grande carro de luxo com duas portas custar menos de Cr$ 27.000,00.

Dodge
CHRYSLER
DO BRASIL

Dodge Dart duas portas. O primeiro grande coupé de luxo. Só Cr$ 24.500,00.

Aí está o Dodge Dart 1971 duas portas.

O primeiro grande coupé de luxo. O único coupé tamanho família fabricado no Brasil.

O preço?

Só Cr$ 24.500,00.

Por êste preço, você só poderia comprar um carro médio. Sem o ar esportivo do Dodge Dart coupé. Sem o seu "hardtop" - um teto inédito entre todos os carros fabricados no Brasil.

Sem o seu motor de 198 hp. Sem os seus freios precisos, sua suspensão perfeita, sua direção dócil e segura.

O Dodge Dart 71 coupé, é um carro contra a tradição e a favor da família.

Contra a tradição de que um carro de duas portas tem que ser desconfortável. E a favor da família - no Dodge Dart coupé viajam 6 pessoas, tranquilamente instaladas.

E vamos repetir: o preço é só vinte e quatro mil e quinhentos cruzeiros. Incluindo rádio, limpador de pára-brisa com duas velocidades, acendedor de cigarros, luzes de ré, refletores laterais e todos os ítens de segurança previstos por lei - extintor, triângulo e cintos de segurança.

Tudo o que você poderia exigir de um carro de luxo.

Vá conhecer êste carro sensacional no seu Revendedor Chrysler.

Dirija-o e ame-o.

Saboreie as maravilhas da Escócia. Aqui está seu Passport.

Gastamos muito tempo e dinheiro para trazer Passport a você.
Queríamos que você tivesse mais que um scotch.
Passport é a própria Escócia.
É lá, às margens do rio Spey que temos uma das mais respeitadas e experientes destilarias da Escócia.
Ao seu lado temos outra: a mais moderna destilaria da região.
Por isso, conseguimos o que queríamos.
Um scotch leve mas, com um sabor audacioso, marcantemente escocês.
Passport é a nossa maneira de trazer a Escócia até você.

Passport Scotch.

William Longmore & Company Limited.
Keith, Scotland.

PASSPORT
SCOTCH
43° GL

A alegria do ministro

O monstro incômodo e inquieto que se chama inflação provocou uma inesperada reunião dos ministros da área econômica, em Brasília, na quinta-feira da semana passada, convocada pelo presidente Emílio Garrastazu Medici. Sem exagêro, havia uma intensa expectativa em tôrno do encontro. O custo de vida alcançara 17% já em setembro e, como é no último trimestre do ano que as pressões inflacionárias se mostram mais intensas, ferviam boatos sôbre uma possível guinada da política antiinflacionária. Falava-se mesmo em restrição no crédito, ao lado de outras medidas drásticas, para conter os avanços da inflação.

No entanto, para essa reunião, o ministro da Fazenda, Antônio Delfim Netto, seguiu com a cobertura de um artigo seu — "A Alegria da Irresponsabilidade" — publicado no dia anterior em jornais do Rio e São Paulo. Nêle, o ministro defendia a necessidade de se manter o contrôle gradual da inflação para não prejudicar o crescimento econômico. E criticava duramente, mas sem dispensar a ironia, a alegre irresponsabilidade dos que recomendavam o tratamento de choque para domar o monstro da inflação.

À prova de fogo — Uma lacônica nota distribuída após a reunião, anunciando que "o presidente da República aprovou as medidas propostas pelo ministro da Fazenda", justificava o sorriso descontraído de Delfim Netto na saída do encontro. A nota e o sorriso indicavam claramente que o ministro, apoiado pelos seus colegas do ministério, conseguira convencer o general Garrastazu Medici a manter a linha de contrôle gradual da inflação, sem apelar para medidas de caráter recessivo. Êsse bom humor não era afetado nem mesmo pela notícia do incêndio em alguns andares do prédio do Ministério da Fazenda, no Rio, na noite anterior. O fogo abalara a estrutura física do ministério, mas não o estado de espírito do seu ministro.

Quanto às medidas propostas por Delfim Netto, elas por enquanto constituem segrêdo. Contudo, certos indícios permitem algumas previsões. Para as próximas semanas espera-se a aceleração de medidas, já em andamento, com o objetivo de eliminar focos inflacionários, principalmente nos setores de abastecimento e comércio exterior. No primeiro, a carne é o produto com maiores problemas pela elevação de seus preços (veja a matéria seguinte). No comércio exterior, onde existem pressões inflacionárias pelo nível de exportação superior ao de importação, foram acelerados os estudos do Conselho de Política Aduaneira para aumentar as importações, através de uma revisão do sistema tarifário, que não prejudique a indústria nacional. É o que se pode prever, de imediato. O

AMILTON VIEIRA

Delfim: a vitória da responsabilidade

CARNE

Crise tem saída

Aos anos de vacas gordas seguem-se com invariável precisão bíblica os de vacas magras. Durante os últimos cinco anos, o consumidor brasileiro desfrutou de farta distribuição de carne a preços acessíveis, por obra e graça da Superintendência Nacional do Abastecimento, Sunab. Hoje, como resultado daquele inexorável preceito, a carne passou a ser escassa, os preços dispararam e, em conseqüência, agravaram-se as pressões sôbre os índices de custo de vida, tamanha a porcentagem dos gastos com a carne no orçamento doméstico do brasileiro.

Na semana passada, por exemplo, em Copacabana, no Rio de Janeiro, o quilo do filé mignon atingia 10 cruzeiros, enquanto em Higienópolis, São Paulo, alguns açougues chegavam a cobrar 11,50. Segundo os dados de preços médios fornecidos pela Sunab, em setembro do ano passado a alcatra (carne de primeira) era vendida no varejo a 3,15 o quilo. Neste ano passou para 5,32. O acém, carne de segunda, pulou de 1,94 para 2,81.

O ministro da Agricultura, Luís Fernando Cirne Lima, almoçou na quinta-feira da semana passada na lanchonete Bob's, no Rio: um hotdog, um sanduíche misto e uma laranjada. Ali mesmo, de pé, explicou a Sérgio Proença, da Sucursal de VEJA: "No próximo ano adotaremos um sistema de estoques reguladores que mantenham a oferta de carne constante durante o ano inteiro. Estou convencido, como o ministro da Fazenda Antônio Delfim Netto, que essa deva ser a principal medida". O sistema prevê a estocagem de carne em frigoríficos, a baixo custo, com financiamento governamental.

As origens — Além disso, Cirne Lima anunciou que o govêrno contratou a importação de 5 000 toneladas de carne da Argentina, o suficiente para regularizar o mercado no Rio e em São Paulo. A primeira remessa começa a chegar nesta segunda-feira — de avião. O ministro, por fim, defendeu o govêrno da acusação de que seria êle o responsável pela atual escassez, já que no início do ano autorizou a exportação de 70 000 toneladas: "Os Estados Unidos fazem a mesma coisa — exportam quando os preços no mercado exterior são compensadores e importam quando é preciso". A propósito: os preços no mercado internacional tinham subido 30% e essas exportações renderam mais de 50 milhões de dólares para o país.

O problema atual parece ter sido engendrado em fevereiro dêste ano, quando o govêrno decidiu ausentar-se do mercado da carne — os preços passaram a jogar de acôrdo com as ondas do mercado. A medida foi recebida com entusiasmo pelos pecuaristas. O contrôle anterior da Sunab, para resguardar o bôlso do consumidor, acabava desestimulando a produção. Adicione-se a isso o fato de o govêrno também ter determinado a redução do abate ao nível de 50% dos totais anteriores: "Não fôsse, porém, a nossa portaria", diz o general Glauco Carvalho, superintendente da Sunab, "os preços estariam mais altos. Ao limitar o abate, impedimos que a demanda subisse, o que, em conseqüência, elevaria os preços do produto. Por isso, ela será mantida".

Mudança de hábito — O secretário da Comissão de Pecuária de Corte da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, Alberto Chapchap, calcula que,

em 1968, foram abatidos cêrca de 6,3 milhões de vacas. Diz êle: "Segundo os dados oficiais, possuímos um rebanho de 84 milhões de cabeças, das quais 30 milhões são matrizes (vacas ainda em idade de reprodução) que produzem teòricamente 15 milhões de bezerros por ano — divididos igualmente entre machos e fêmeas. Nenhum país pode sacrificar impunemente um número de fêmeas maior do que o número das que nascem. O resultado é fatal: durante cinco anos, o país devorou seu rebanho, com uma redução anual de pelo menos 1,2 milhão de vacas".

Para os pecuaristas como Chapchap, o govêrno deve resistir agora à tentação de intervir novamente no mercado. Deve, também, suportar os reajustes que estão levando o preço do produto aos seus níveis reais — é a única solução para que o rebanho possa recuperar-se do

ANTONIO ANDRADE

General Glauco Carvalho, da Sunab: portaria será mantida

morticínio anterior. Além disso, reivindicam a suspensão da legislação que proíbe a venda de vacas com menos de cinco anos de idade. "A proibição", diz Rubens de Melo, secretário geral da FAESP, "é errada porque não permite o desenvolvimento de raças industriais mais rentáveis e obriga o fazendeiro a manter em seu plantel novilhas de má qualidade, enquanto é obrigado a vender boas vacas, com mais de cinco anos de idade, porém."

Há, no entanto, uma outra tese, de efeitos evidentemente muito mais demorados, mas de igual eficiência na solução definitiva do problema da carne. É a que envolve uma mudança nos hábitos de consumo do brasileiro. Rubens de Melo argumenta: "O brasileiro deveria convencer-se de que a carne, como nos Estados Unidos, é produto de luxo. Temos a mania de carne de primeira, assada ou como bife. Ora, a carne de segunda, moída, é tão rica em proteínas quanto a outra e mais barata. Por que, então, não comer hamburguers?"

É um hábito difícil de ser adotado. O próprio ministro da Agricultura preferiu hot dog e sanduíche misto a um hamburguer. E um frigorífico de Curitiba, que serve a cem açougues, tomou a decisão de importar, na semana passada, carne procedente do Paraguai, quando poderia perfeitamente ter lançado frangos no mercado. O

INDÚSTRIA

Sonho de Taquari

A cidade gaúcha do ex-presidente Artur da Costa e Silva tinha, até agora, na agricultura a sua maior riqueza, como grande produtora de laranja e com vasta reserva de acácia negra. E vivia da saudade de um pôrto, que perdeu sua importância, em 1925, com a falência de sua companhia de navegação fluvial. Mas, na quarta-feira desta semana, quando o presidente Emílio Garrastazu Medici inaugurar a Satipel S.A.—Taquariense de Papel, Indústria de Chapas de Madeira Aglomerada, um sonho do ex-presidente e de sua cidade será concretizado: o início da era de industrialização de Taquari. A Satipel é o resultado de um projeto que começou em 1967, atingiu 40 milhões de cruzeiros em investimentos, deu emprêgo a trezentas pessoas de uma cidade sem indústria e já produz — mesmo na fase experimental — 160 toneladas de madeira aglomerada por dia. Apesar de tudo, teria valido a pena a realização do sonho, para participar de um mercado saturado por produtos fornecidos por doze indústrias do mesmo gênero no Brasil?

A vantagem — "Tudo é uma questão de saber o que fazer e como fazê-lo", é a resposta engatilhada que Leopold Ignacy Hecker, diretor da emprêsa, tem para os descrentes. "Só a Satipel está preparada para atender o mercado de construção civil, produzindo chapas de 4 a 50 mm, enquanto outras indústrias se concentram na produção para a indústria de móveis, com chapas de 15 a 20 mm." Com isso, êle garante que a linha de produção será variada: além das chapas finas para móveis e das espêssas para casas pré-fabricadas e construções rurais, a madeira aglomerada da Satipel servirá para balcões de pia de cozinha, esquadrias, portas e até tacos para assoalho. O diretor Hecker afirma também que a madeira aglomerada leva vantagem sôbre a compensada porque não empena, pode ser cortada em qualquer tamanho com aproveitamento racional da chapa. Por tudo isso, e por poder colocar seu produto em nível de similar estrangeiro, a Satipel tem a produção até o fim do ano comprometida, inclusive no mercado externo. E Taquari, ao ver as chapas partindo do pôrto em grandes quantidades, perceberá que também teve reinício a atividade de navegação que terminara há muito tempo. O

AVIÕES

Um segrêdo no ar

Definitivamente, até o fim desta década, o Brasil não será nem pretende ser o maior fabricante mundial de gigantescos ou sofisticados aviões. Mas os técnicos da Emprêsa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) garantem que, na quinta-feira desta semana, estará dando mais um passo para se tornar o maior fornecedor de aviões especialmente projetados para os países em desenvolvimento. No Dia do Aviador, os diretores da Embraer estarão no gabinete do ministro da Aeronáutica, Márcio Souza e Mello, para lhe entregar o mais ambicioso e caro projeto da emprêsa: um avião de porte médio, para trinta passageiros, de quatro motores a turbo-hélice, com velocidade média de 450 km/h.

O natural segrêdo que envolve o projeto (o chefe de divulgação da Embraer, capitão Castelo Branco, diz que os engenheiros estão de quarentena) apenas foi antecipado pelo próprio ministro, numa palestra na Escola Superior de Guerra, há duas semanas, quando classificou o nôvo avião como "o acontecimento mais importante da tecnologia nacional no início da década de 70".

Espaço vazio — Depois disso, embora o segrêdo continuasse sendo respeitado, o diretor-superintendente da emprêsa, coronel Osíris Silva — considerado uma das mais importantes figuras da aeronáutica brasileira —, concordou em dar alguns esclarecimentos ao repórter especial de VEJA, Hélio Nogueira da Gama. Segundo êle, o nôvo avião (ainda sem nome oficial) poderá significar, com o Bandeirante, a própria libertação das emprêsas nacionais de aviação comercial dos equipamentos antieconômicos: "Os dois aviões, utilizados racionalmente, farão renascer centenas de rotas que foram abandonadas apenas porque as companhias não dispunham de equipamento

Para o cor. Osíris, o segrêdo, atrás da janela marcada, será a solução de muitas rotas

necessário para o tipo de mercado que precisariam atender". Além disso, êles significarão a mesma forma de libertação para centenas de companhias aéreas de países em desenvolvimento, que não têm condições para se interessar pelos novos modelos dos grandes fabricantes. "Os aviões, atualmente, são cada vez mais velozes, mas também exigem uma infra-estrutura de vôo e um número de passageiros que não podem ser obtidos em pelo menos duas têrças partes do mundo", afirma o coronel Osíris Silva. Em conseqüência, as emprêsas aéreas eram empurradas para um beco sem saída: como a demanda era pequena, e elas só dispunham de aviões de grande porte, diminuíam o número de vôos. Com isso, a demanda caía mais ainda e o preço da passagem precisava ser aumentado. Resultado: nos últimos dez anos, mais de duzentos municípios brasileiros deixaram de ser servidos por avião.

O milagre da indústria — Ora, como a Embraer verificou, durante pesquisa para decidir quais seriam os primeiros projetos, o número de passageiros, na maioria das rotas regionais, não ultrapassava cinco em cada viagem. Em outras, era um pouco superior, mas nada além de quinze a vinte passageiros. Por isso, nasceram os projetos do Bandeirante, que já está voando, e do quadrimotor que estará no ar em 1976. Êste último projeto não foi iniciado antes por causa de outros, como o de avião de caça, que está sendo executado em colaboração com a Macchi — italiana —, e, ainda, de um avião agrícola, o Ipanema. Com a conclusão do projeto Bandeirante, que deverá estar sendo comercializado normalmente em 1971, foi possível formar um nôvo grupo de técnicos para o projeto do quadrimotor. E, com êle, a Embraer pretende oferecer a centenas de emprêsas aéreas uma solução total para suas necessidades. Diz o coronel Osíris: "Como o Bandeirante, o nôvo avião deverá ser um sucesso comercial, representando em muitos países o renascimento do transporte aéreo". Razão dessa certeza: como o Bandeirante, que custará por volta de 400 000 dólares (2 milhões de cruzeiros), o nôvo aparelho também será vendido por preços rigorosamente competitivos no mercado internacional: 800 000 dólares aproximadamente (4 milhões de cruzeiros). Uma perspectiva, portanto, animadora também para quem aplicou parte do impôsto de renda, com incentivo fiscal, na Embraer: os dividendos, além de polpudos, virão voando. O

BID

Um sr. presidente

Realiza-se no momento a eleição de um presidente na América Latina. As candidaturas, como sempre, brotam inesgotàvelmente. Há um clima de grave tensão. E não era para menos: o nôvo presidente disporá da gigantesca quantia de 10 bilhões de dólares e podêres para aplicá-la nos países latino-americanos. Trata-se da eleição do presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID —, já que Felipe Herrera, no pôsto desde a criação do órgão, em 1960, renunciou na semana passada para, possìvelmente, assumir um cargo no govêrno do provável futuro presidente do Chile, Salvador Allende.

A escolha se enriquece com o mesmo ritual e expectativa da eleição de um presidente da República, devido à importância do Banco para o desenvolvimento da região. Até dezembro do ano passado, havia aplicado 3 400 milhões de dólares em financiamento de obras, na maioria de infra-estrutura, sendo que 715 milhões, ou seja, 21%, no Brasil.

Além disso, o BID é uma agência multilateral de financiamento. Os países-membros entregam suas cotas (os Estados Unidos contribuem com mais de 1 bilhão de dólares e o Brasil com quase 350 milhões) e é a administração do Banco, sem qualquer interferência da política dos países, que estabelece a estratégia para as aplicações.

Logo depois de divulgada a carta de Herrera, surgiram vários candidatos, alguns à revelia, como o brasileiro Roberto de Oliveira Campos, ex-ministro do Planejamento. Seu desmentido à pretensa candidatura foi imediato, mas continha o lançamento de outros nomes preeminentes na política continental. Entre êles, Carrillo Flores, ministro das Relações Exteriores do México, e o ex-ministro da Economia da Argentina, Krieger Vasena. E, além dêles, Campos lançou e reforçou uma candidatura fortíssima, a de Carlos Lleras Restrepo, ex-presidente da Colômbia e responsável por uma administração que o americano Nelson Rockefeller, na sua recente missão à América Latina, considerou um modêlo a ser imitado.

Agora, resta aguardar o veredito dos países-membros, cuja fôrça eleitoral é proporcional às suas cotas — os Estados Unidos têm 42% dos votos e o Brasil, Argentina e México, juntos, controlam 32%. São os grandes eleitores. O

Lleras Restrepo: modêlo a ser imitado

Roberto Campos: candidato à revelia

ALUMÍNIO

Passo importante

A fita de chegada — a auto-suficiência — ainda está longe. Mas nesta semana, na sexta-feira, quando o ministro da Indústria e Comércio, Marcos Vinicius Pratini de Morais, cortar a fita simbólica e inaugurar oficialmente a fábrica de alumínio Alcominas, a 7 quilômetros de Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais, estará sendo dado um passo muito importante — a produção inicial de 25 000 toneladas por ano, um quarto de todo o alumínio que é consumido no Brasil.

"Mesmo assim, o problema não está resolvido. Se não surgirem novos projetos, daqui a cinco anos, quando o Brasil estiver consumindo 170 000 toneladas, a produção interna não terá alcançado mais que 120 000" — diz Élcio Costa Couto, 33 anos, diretor do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, que participa com 21% das ações da emprêsa (a Aluminium Company of America — Alcoa — tem 50%).

A Alcominas possui a maior reserva de bauxita — matéria-prima básica do alumínio — do país, a localizada em Poços de Caldas. Sua capacidade foi calculada em aproximadamente 50 milhões de toneladas, o que é suficiente para produzir 250 000 toneladas de alumínio por ano, durante cinqüenta anos.

A versatilidade — A inauguração da nova fábrica em Poços de Caldas acrescentará à cidade, tradicional ponto turístico mineiro, uma considerável fonte de renda.

A Alcominas criou 675 empregos diretos. A cidade passará a arrecadar mais 3 milhões de cruzeiros em ICM, o Estado de Minas arrecadará 12 milhões e a União, em IPI, recolherá 4 milhões, por ano. Só em energia elétrica, a fábrica vai consumir 41 milhões de quilowatts por mês, pagando por isso mais de 1 milhão de cruzeiros.

Pelo simples fato de não ser encontrado na natureza em sua forma pura, já que está contido em vários minerais, o alumínio só foi isolado em laboratórios em 1827. A partir de então, tornou-se possível sua produção em grande escala e aos poucos se constatava a versatilidade do metal. Hoje é largamente empregado em um número cada vez maior de setores: desde a construção civil (em janelas, esquadrias, paredes divisórias e portas) e a indústria automobilística (transmissões automáticas, motores, grades e frisos) até utensílios de cozinha, como baterias de panelas e peças de geladeira.

No Brasil, apesar da boa qualidade e do baixo preço da bauxita, o custo de produção do alumínio acaba cêrca de 80% mais caro do que em outros países. É o resultado do alto custo de componentes como a energia elétrica, a soda cáustica, o óleo combustível e o petróleo. Apesar disso, um investimento como o da Alcominas — 47 milhões de dólares — significará não apenas uma possível redução dos custos do alumínio no mercado interno, mas a economia de 10 milhões de dólares hoje despendidos na sua importação. O

A Alcominas: com a maior jazida, mais um salto para a auto-suficiência

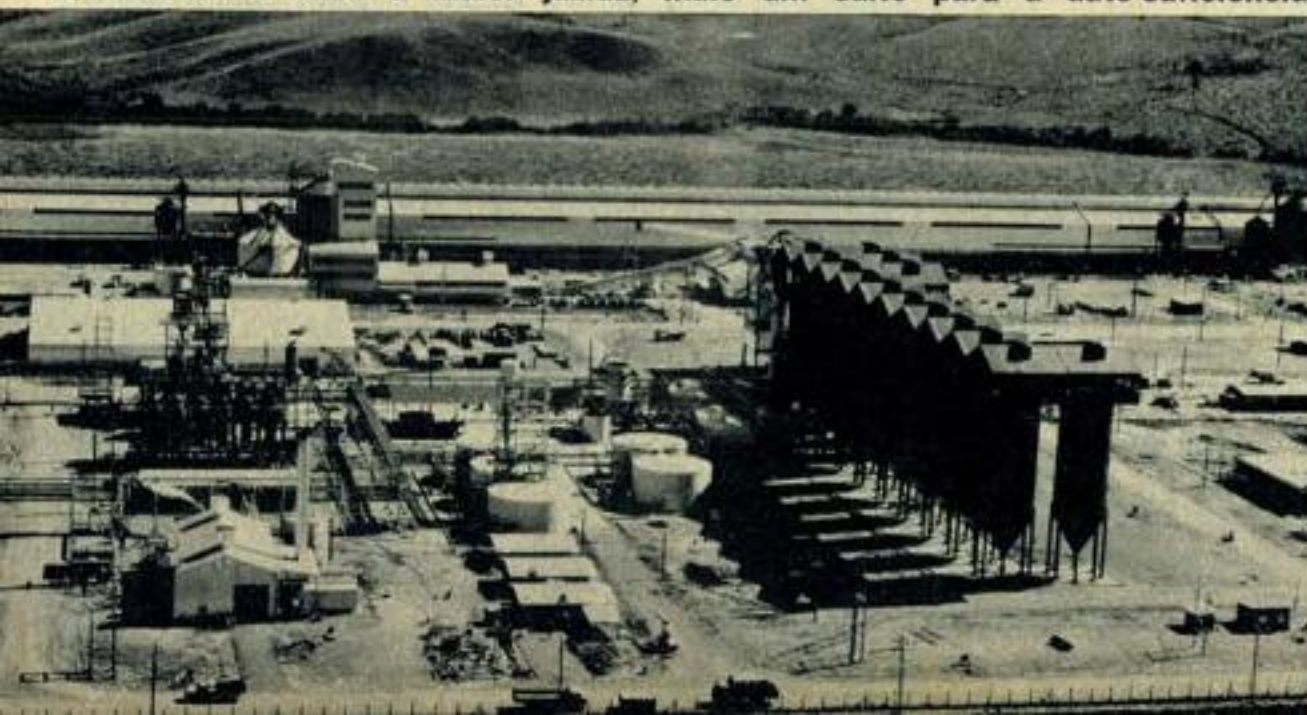
ABRIL PRESS

Zoilo e Albino: pela popularização do relógio de pulso

RELÓGIOS

Tic-tac nacional

"Fabricar relógios de precisão no Brasil é a mesma coisa que a Suíça pretender cultivar café", dizia o representante brasileiro de uma firma suíça de relógios, uns quinze anos atrás. O comentário, quando muito, passa a ser uma meia-verdade a partir do ano que vem. A Suíça ainda não produziu sequer uma saca de café. Mas, em 1971, o Brasil já será produtor de relógios de pulso, com a inauguração de duas fábricas, ora em fase de implantação na área da Sudene: a CIIP—Companhia Industrial de Instrumentos de Precisão e a Hora Norte S.A. Relógios e Instrumentos. Os dois projetos foram considerados prioritários pela Sudene, pela importância que representam no desenvolvimento do nordeste. A CIIP, com sede no Recife, é liderada pelo grupo Caldas Correia, operando há mais de vinte anos na importação e distribuição de relógios (detém, com exclusividade mundial, as marcas Grão Duque e President). A Hora Norte fica em Garanhuns, a 240 km do Recife, e faz parte do grupo Hora, o maior do hemisfério sul e um dos dez maiores do mundo no setor (dêle fazem parte a Emprêsa Brasileira de Relógios Hora S.A. e Relógios Brasil S.A.). E o grupo representa no país, como importador, marcas famosas como a Pateck-Phillip.

A hora do Brasil — Representando um investimento de 21 milhões de cruzeiros, a CIIP criará 340 novos empregos e pretende produzir, no segundo ano de implantação, 600 000 relógios de pulso e 240 000 despertadores, além de 60 000 barbeadores elétricos, por ano. A Hora Norte, por sua vez, com investimento de 10 milhões de cruzeiros, proporcionará, de imediato, cem novos empregos. E fabricará, numa primeira etapa, apenas relógios de pulso, com produção inicial de 317 000 unidades anuais, para atingir, em 1973, 1 200 000. Embora pensem também em exportar, as duas emprêsas acreditam nas possibilidades do mercado interno do relógio popular. As duas emprêsas esperam poder colocar seus relógios no varejo a um preço aproximado de 50 cruzeiros. "Temos como certo que o consumo interno absorverá totalmente a nossa produção", afirma confiante Zoilo Caldas Correia, presidente da CIIP. E Albino Sérgio, diretor da Hora Norte, acrescenta a essa opinião um elemento de certeza para o sucesso do produto nacional: "Será bem melhor do que muitos relógios populares importados que são vendidos por aí". O

ADVERTÊNCIA À INDÚSTRIA DA BORRACHA

ATENTEM PARA O PÓ BRANCO*

Pó branco é o nosso carbonato de cálcio precipitado "barra": reduz os custos e melhora as propriedades do produto final.

Mas, cuidado! Vocês só obtêm o máximo rendimento do carbonato de cálcio precipitado "barra" quando o adicionam em quantidades suficientes. É o que está acontecendo nas suas indústrias?

Permitam-nos ajudá-los.

Somos a fábrica (na verdade, duas fábricas) de mais larga experiência, mais amplos recursos técnicos e mais moderno e completo equipamento para a produção do carbonato de cálcio precipitado, no país.

Escrevam-nos, sem compromisso. Os especialistas da Química Industrial Barra do Piraí terão muito prazer em orientá-los sôbre como ampliar seus ganhos pelo emprêgo adequado de nossa matéria-prima. Que hoje está presente em centenas de produtos. E é fator de economia e qualidade em todos êles.

* Carbonato de cálcio precipitado "barra". Incorporado até em altos porcentuais, faz tudo isto pelos seus produtos de borracha:
• aumenta a resistência ao desgaste • facilita a incorporação no Banbury • penetra com maior facilidade na massa viscosa da borracha em preparação, o que diminui o tempo-máquina, reduzindo os custos • reforça as propriedades mecânicas da borracha.

química industrial barra do piraí s.a.

s. paulo: 34-3567 e 239-2245/rio de janeiro: 242-0746/fábricas: barra do piraí (rio)/arcos (mg)

As favelas sem fama

Elas são quase invisíveis na grande cidade e estão desaparecendo: há dois anos havia 31 favelas em São Paulo, com 25 000 habitantes, e hoje são apenas 21 (no Rio de Janeiro são 233, abrigando 926 000 pessoas que vivem em pouco mais de 188 000 barracos). O repórter de VEJA, José Antônio Dias Lopes, visitou tôdas as favelas que restam. E dêle é o relato abaixo, sôbre o pequeno mundo de duas delas — a de Vila Prudente e a da Barra Funda, onde, na semana passada, houve novidades. Na Vila Prudente, soube-se que 170 dos oitocentos barracos serão destruídos, para dar lugar a uma avenida. Na Barra Funda será impôsto o "congelamento", a proibição da construção de novos barracos. É o método do MOV (Movimento das Organizações Voluntárias pela Promoção do Favelado), responsável pelo desaparecimento progressivo das favelas de São Paulo, presidido por Wilson Abujamra, 37 anos: "Primeiro o congelamento, depois a promoção do favelado, até sua transferência para uma casa digna".

As duas favelas são bem representativas: a da Barra Funda, seis anos e duzentos barracos (eram cinqüenta em 1968), 1 200 pessoas, 45% com menos de catorze anos, é um exemplo das mais recentes, com gente bem pobre; a de Vila Prudente é uma típica favela antiga — 26 anos, 4 500 pessoas, 60% abaixo dos catorze anos, menos miséria e um certo senso de comunidade.

Barra Funda: sujeira

A panela preta, amassada, esquenta sôbre o fogão de gás, de duas bôcas. O cheiro de bucho cozido espalha-se na única peça. A mobília é pouca: cama de casal, dois bancos desajeitados e uma mesa improvisada sôbre latas de querosene. As paredes formam um confuso mosaico: partes de tábua, partes de zinco, pano ou papel. Não há água, luz — ou latrina. A família é numerosa: João Calixto, 31 anos, mineiro; Severiana, 25 anos, baiana e grávida — e oito filhos menores. Também não há côr, é uma miséria em prêto e branco, no centro da favela da Barra Funda. Ao redor do barraco de João, há duzentos outros iguais. Mas João não conhece a maioria dos seus vizinhos: cada um se preocupa com a própria sobrevivência.

A favela contrasta com uma moderna avenida, que a limita. E adiante, ao alcance dos olhos de João, em aço, tijolo e cimento, a grande cidade se eleva. Mais perto de seu horizonte, o que se eleva é o lixo acumulado, em meio à promiscuidade de sêres humanos e animais — cachorros e gatos. Os vizinhos de João Calixto são iguais a êle, pobres, analfabetos, sem ofício definido, migrantes do norte, nordeste ou de Minas Gerais. A fôrça física e os braços musculosos, que nunca podem cansar, são as melhores coisas que têm. Ganham quase todos menos do que o salário mínimo; alguns, raros como João, conseguem chegar aos 200 cruzeiros, produto de biscates nas feiras, juntando e vendendo papel. O barraco não é de João, mas alugado de outro favelado, por Cr$ 60,00 mensais. Êle afirma: "Moro na favela porque não trouxe cargo, nem dinheiro de banco. Meu viver não tem encantamentos, mas é melhor aqui: ganha-se mais, gasta-se mais. Mas não saio daqui, não. Um dia melhoro de vida".

CARLOS NAMBA

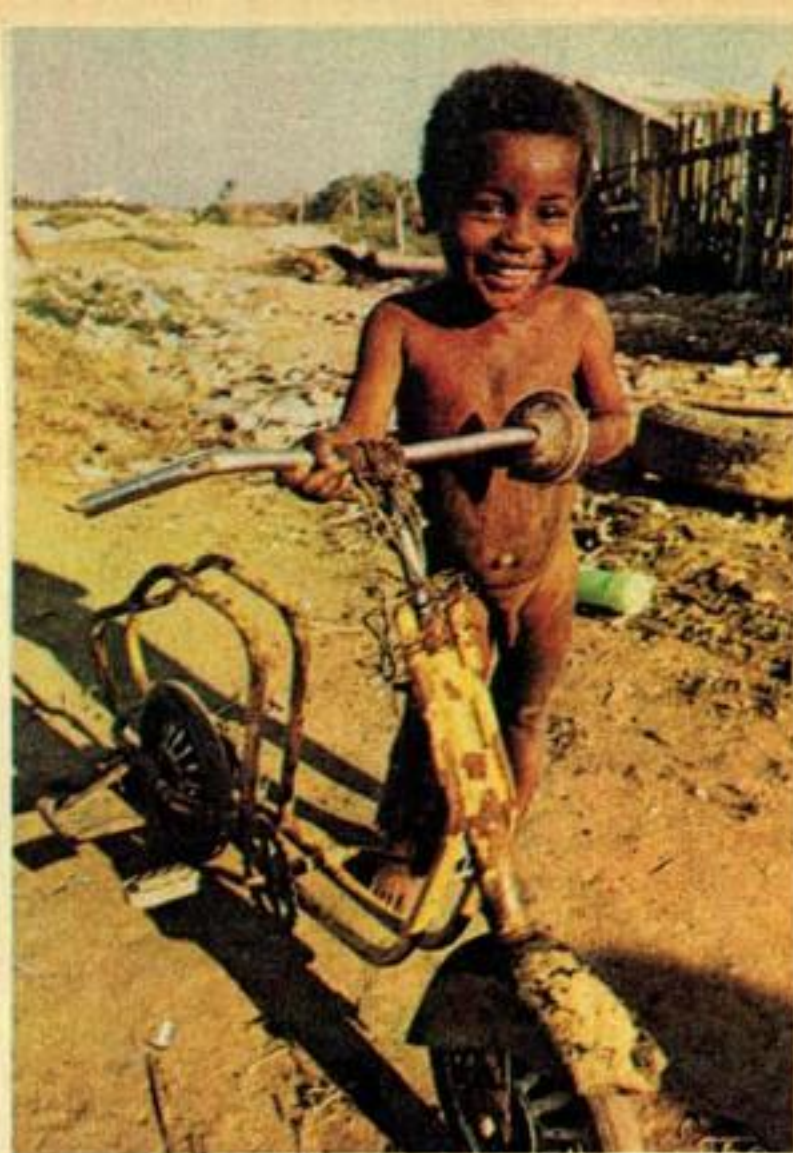
Abujamra: desfavelamento controlado

Há sempre uma favela — De fato, João Calixto progrediu, desde que há um ano saiu de Minas: "A roça é pior do que isto. Lá as dificuldades não param de apertar: falta serviço, ganha-se menos". Na capital, além do fogão a gás, êle tem algumas coisas que lhe dão sensação de participar de uma civilização melhor: rádio de pilha para ouvir futebol e música, blusão vermelho moderno, cartazes nas ruas que mostram gente sadia, sorrindo, vitrinas coloridas. Mesmo assim é pobre, seus filhos têm vermes nas barrigas enormes: Joana, de cinco anos, é asmática e sofre, freqüentemente, de "ataques". Logo que chegou a São Paulo, passou fome e frio. Procurou emprêgo durante três meses, em vão. Nos centros industriais, um trabalhador analfabeto, não qualificado, dificilmente encontra emprêgo fixo. E, por isso, gente como êle vive de biscates.

Da roça à favela, a pé, no desconfôrto do caminhão ou no sacolejo do trem, o migrante passa por diferentes estágios de civilização. Apesar das decepções e degradações que sofre no lugar de onde foge, raramente se queixa. Há sempre um resto de esperança em dias melhores. Por isso êle migra e, mesmo na pobreza, tem até algumas necessidades elementares: na grande cidade precisa, por exemplo, localizar seu barraco não muito longe do local mais habitual de trabalho. Mesmo atualmente, quando a maioria dos migrantes nordestinos e mineiros já procura o sudoeste do Paraná ou a Amazônia, sempre há alguns Calixtos que imaginam encontrar a terra da promissão em São Paulo. Ainda que seja numa favela.

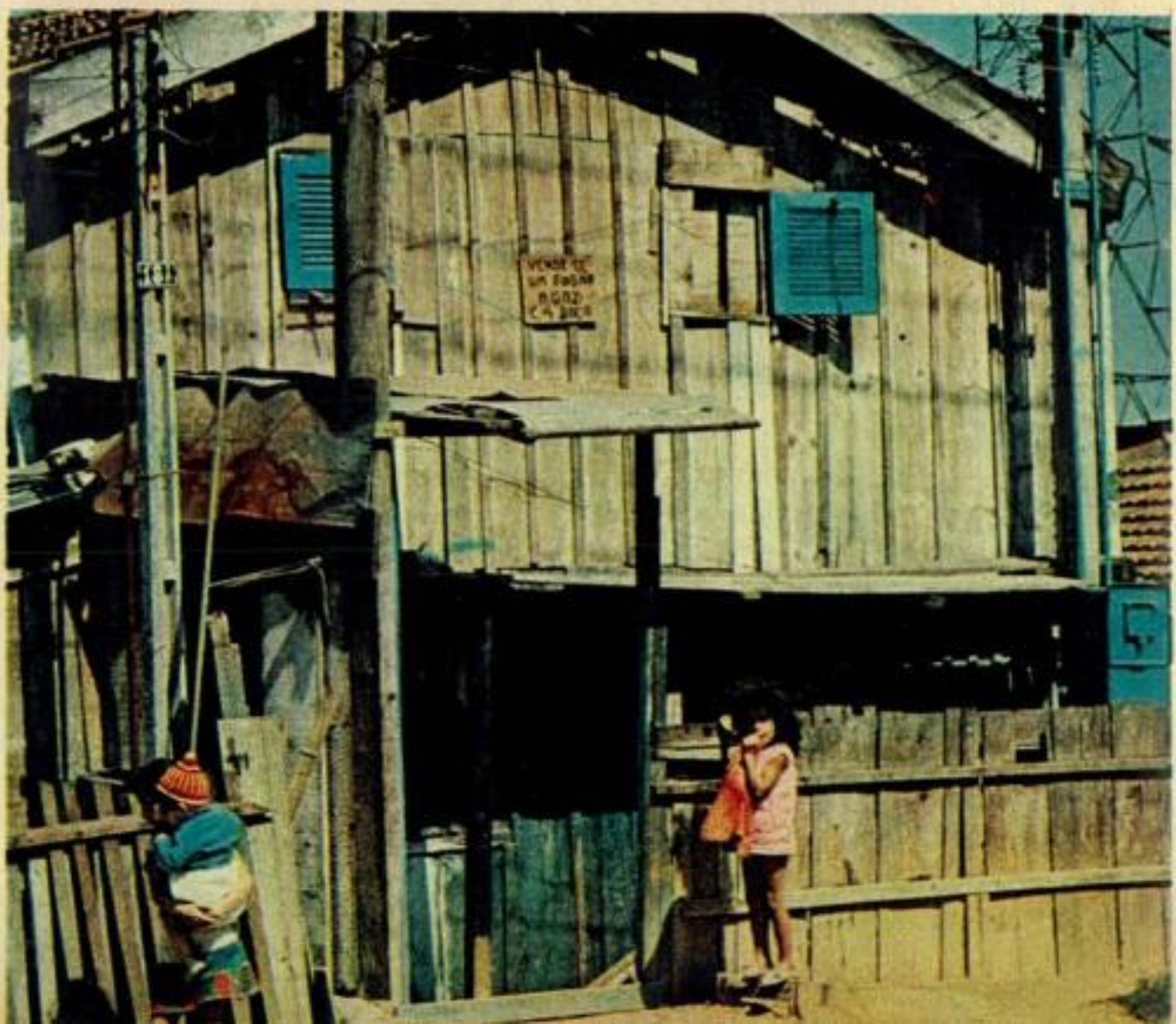
Vila Prudente: ordem

Baixo, magro, pardo, feições regulares e uma ligeira mestiçagem com índio, traída pelos cabelos escorridos, o favelado Manuel Espíndola, 59 anos, alagoano, viúvo, quatro filhos, dirige a Sociedade Caritativa da Favela de Vila Prudente, entidade que fornece enxovais para os recém-nascidos, mantém um ambulatório com amostras grátis doadas pelos laboratórios e dá ajuda ao funeral dos favelados que não têm recursos. Sua mulher morreu numa igreja, rezando, depois de cozer uma panela de feijão para o jantar. Seu casebre de tábuas não é diferente dos oitocentos barracos que o cercam. Mas Espíndola distingue-se de todos os outros favelados: sabe datilografar, ouve a rádio BBC de Londres, compra jornal aos domingos, lê Machado de Assis, diz conhecer a fundo a filosofia racionalista — e já foi candidato a vereador pelo extinto PSB (teve pouco mais de 2 000 votos). "A miséria dos outros faz esquecer a minha", diz Espíndola, "e favela é tudo o que deixo aos meus filhos. E lhes peço perdão, porque não sou culpado." Êle tirou os dois filhos menores da favela, entregando-os a uma tia: "Se a criança nasce, vive e morre numa favela, pensa que o

continua na página 61

FAVELA E SUJEIRA — Barra Funda: o pobre civismo das crianças doentes, a miséria de quem não tem roupa, o amontoado de barracos informes

FOTOS: CARLOS NAMBA

FOTOS DE CARLOS NAMBA

FAVELA E ORDEM — Em Vila Prudente, um comércio organizado e próspero, a quitanda, o barbeiro, o bar e o ambulatório-farmácia. É uma cidade de vida própria; apenas, as suas casas são de madeira, às vêzes pintadas de várias côres — e muitas têm até dois andares. E estão distribuídas em quadras e ruas

Espíndola: um filósofo entre barracos

continuação da página 58

mundo é uma favela". Espíndola divide a liderança da favela com seu amigo Dalvino Gonçalves de Freitas, 48 anos, pernambucano, casado, três filhos, enfermeiro do ambulatório e presidente da Sociedade Amigos da Favela de Vila Prudente. A sociedade possui telefone próprio e conseguiu o grupo escolar, o pôsto policial e as três torneiras de água da favela. Quando um filho de Espíndola adoeceu de gastrite, Dalvino receitou-lhe um remédio que foi, posteriormente, confirmado pelos médicos. Sua fama de "entendido" hoje cresce de barraco em barraco. Alto, mulato, forte, apesar de cardíaco, óculos prêtos que lhe acentuam a fisionomia séria, de poucos sorrisos, êle se orgulha dos diagnósticos: "Mexo com remédios desde Pernambuco. O povo sabe que identifico doenças, vermes, bronquites e gripe complicada, como se fôsse doutor de diploma".

Uma comunidade — Quatro favelados conseguiram "puxar luz" para os seus barracos e vendem-na aos outros, por 7 cruzeiros mensais a lâmpada. Quase não há barracos alugados: os moradores os construíram ou compraram de outros por até 1 500 cruzeiros cada. A alimentação é nordestina: arroz, feijão, jabá, café, açúcar e pão. A maioria alfabetizada tem fogão a gás e rádio. Muitos possuem televisor e refrigerador. Os velhos mostram certo orgulho das privações que conseguem enfrentar. Mas os moços geralmente têm vergonha de morar na favela e querem abandoná-la.

Grande parte dêles exerce profissões definidas. Mário Silva, 25 anos, prensista de uma indústria de autopeças há dois anos, nunca revelou onde mora aos companheiros de trabalho. Neusa Gonçalves, 22 anos, tecelã, brigou com o namorado porque não teve coragem de mostrar-lhe o casebre de seus pais. De qualquer modo, há muitos casamentos dentro da favela e todo um sistema de relações sociais: quatro igrejas, quatro clubes, três barbearias e vários botecos. A sede do clube Vera Cruz é iluminada por lâmpadas fluorescentes e decorada com cartazes de cantores e artistas. E possui duas fossas-negras, uma para homens, outra para mulheres, bar e refrigerador, nos fins de semana promove animados bailes para seus cem sócios e vende vinho do Pôrto nacional a 50 centavos o copo.

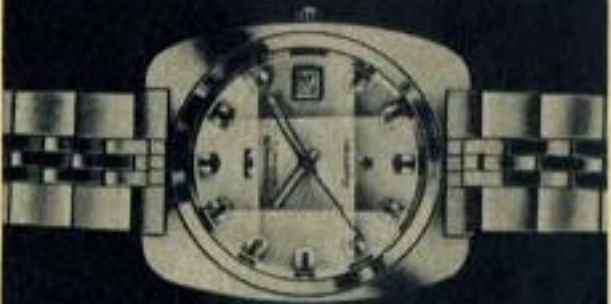
A favela de Vila Prudente é uma sociedade fechada. Todo forasteiro é encarado com desconfiança. E há favelados antigos que têm recursos para deixar a favela, mas não querem abandoná-la: ali vive uma comunidade formada e fora dela êles se sentiriam num mundo hostil. Alguns, como Manuel Espíndola, confiam nos filhos. "Um dia êles podem melhorar, se não desesperarem. Quando a pessoa cai na desesperança, nunca mais levanta." O

Operação Vila Rica

Para os habitantes de Ouro Prêto, os heróis não podem ser perturbados em seu sono eterno — mesmo que êsses heróis sejam de bronze e descansem num pedestal de granito. Desde 1958, a estátua de Tiradentes — cabeça erguida, olhar altivo, mãos unidas por uma corrente —, considerada de mau gôsto por artistas e arquitetos, vem provocando polêmicas e discussões acadêmicas. A sugestão do urbanista Lúcio Costa, de removê-la da praça Tiradentes para outro local mais distante, provocou mesmo um abaixo-assinado dos moradores, protestando contra o "desrespeito às mais caras tradições da velha Vila Rica". Hoje, transcorridos 86 anos de sua festiva inauguração, a estátua continua a causar polêmicas — e, principalmente, começa a atrapalhar os planos do arquiteto português Alfredo Vianna de Lima, enviado pela UNESCO para preservar o patrimônio histórico da cidade. O monumento, em estilo neo-clássico, entra em choque com a arquitetura barrôca de Ouro Prêto, que o Plano Diretor da cidade, idealizado por Vianna de Lima, pretende manter.

A luta surda — Os moradores que fizeram, há doze anos, o abaixo-assinado lutam agora com armas diferentes. E na sua defesa do monumento recebem com indiferença e desconfiança os sessenta estudantes da Escola de Minas, encarregados dos levantamentos sócio-econômico e arquitetônico da cidade, indispensáveis para a elaboração do Plano Diretor. Por isso mesmo, o arquiteto Vianna de Lima acha muito importante a "conscientização do povo, para a preservação do maior patrimônio barroco do mundo. Não pretendemos que o povo de Ouro Prêto viva como no século dezoito". Diz êle: "Pretendemos apenas fazer uma cirurgia no seu conjunto arquitetônico. Se não forem tomadas medidas de restrição à descontrolada construção habitacional, ao trânsito desordenado, a cidade não terá mais salvação".

Bàsicamente, o Plano Diretor (para o qual vão colaborar duas fundações internacionais — Rockefeller e Ford) possui dois itens: expansão e restauração. O morro do Cruzeiro, onde a Escola de Minas constrói sua futura sede, já foi escolhido como "zona de expansão": área residencial, hospitalar, universitária, comercial, industrial e de recreação. Para a restauração prevêem-se a demolição de casas e prédios recém-construídos, fora das especificações determinadas pela Divisão Nacional do Patrimônio Histórico, a recuperação de praças e jardins, a substituição do calçamento de paralelepípedos pelo calçamento de lajes (como era nos tempos de Vila Rica) e a reconstituição de tôdas as casas coloniais. O tráfego dentro da cidade só será permitido aos carros de passeio. E o hospício da Terra Santa, junto à igreja de São Francisco de Paula, se transformará em hotel. Quanto à estátua de Tiradentes, apesar dos muitos protestos, já tem o seu destino determinado: irá para a praça da Estação, onde se construirá o terminal rodoviário. Lá, pelo menos, a sua pobreza estética não ficará tão visível. O

Vianna de Lima: uma cirurgia pelo bem de Ouro Prêto

Os miseráveis

A velha marmita com um pouco de feijão e farinha — que êles comem sem esquentar, sentados à sombra de uma árvore qualquer — lhes valeu um estranho apelido: os "bóias frias". São quase 500 000 homens, mulheres e crianças, favelados das cidades do norte do Paraná, que às primeiras horas da manhã embarcam em grupos de sessenta ou setenta, em desmantelados caminhões, carregando foices e enxadas, com destino às fazendas da região. Depois de viajar algumas horas por estradas de terra velhas, acabam despejados em uma lavoura qualquer, onde trabalharão até a noite, por um salário que raramente chega aos 6 cruzeiros por dia. Sem registro profissional, sem esperança de aposentadoria, sem seguro contra acidentes nem assistência médica, essa gente (30% da mão-de-obra rural do Paraná) capina, semeia, colhe e ensaca grande parte da produção de café, algodão, cana, amendoim, feijão e soja do Estado. E quase nada adiantam os freqüentes apelos que a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Paraná (FTAP) tem feito ao delegado do Trabalho em Curitiba. No seu último relatório, liberado dias atrás, a federação chega a afirmar: "Não basta que milhões de brasileiros lutem para o desenvolvimento do país, enquanto outros pouco se importam com a miséria, o mal-estar, a intranqüilidade e a injustiça em tôrno de si". Principalmente porque o problema dos "bóias frias" do Paraná é muito recente.

Café amargo — De fato, se essa imensa massa de trabalhadores flutuantes representa hoje o maior problema social do Estado, há apenas cinco anos êles não existiam. Desde o início da povoação do Paraná, a partir da década de 40, nunca faltou trabalho para nordestinos, paulistas e mineiros que desciam para o sul, em busca de riquezas da famosa terra roxa paranaense. Em 25 anos surgiram 150 novas cidades no norte do Paraná e a grande floresta subtropical foi substituída por fabulosos cafèzais. A população cresceu de 1,2 milhão de habitantes em 1940 para 4,3 milhões em 1960.

Em 1964, entretanto, foi iniciada a erradicação do café: desapareceram 526 milhões de cafeeiros no Paraná, liberando cêrca de 150 000 trabalhadores rurais. Teòricamente, essa mão-de-obra deveria ser absorvida por outras culturas surgidas no lugar do café. Mas 50% da área dos antigos cafèzais transformou-se em pastagens — e "onde entra o boi, sai o homem", diz um ditado repetido melancòlicamente pelos lavradores. Em 1965 sucederam-se as geadas, vieram as pragas e, em 1967, surgiu o que alguns fazendeiros consideram como o mal maior: o Estatuto do Trabalhador Rural, obrigando o empregador a pagar salário mínimo, 13.º, férias, horas extras e previdência social. Assustados com o Estatuto, muitos dêles despediram seus colonos, impulsionando de uma vez o mecanismo que já gerava o aparecimento dos trabalhadores avulsos.

JUAREZ GOVEIA

Os "bóias frias": quase 70 em cada caminhão

Os "gatos" — Hoje, entre os fazendeiros despreocupados e os lavradores desempregados, surge um nôvo personagem, esperto, frio e indiferente. São os "gatos", empreiteiros oportunistas, os donos de caminhões que negociam com os fazendeiros, oferecendo-lhes a mão-de-obra dos lavradores avulsos. Durante a semana os "gatos" levam e trazem os "bóias frias" para a lavoura, ganhando com isso uma comissão que chega até os quatrocentos cruzeiros por dia. E, enquanto êles continuam tranqüilos em seu rendoso trabalho, os donos de terra tentam livrar-se de qualquer responsabilidade, culpando a legislação, as geadas, as pragas e o próprio govêrno pela existência e pela proliferação dos "bóias frias". De qualquer modo, conforme diz o relatório da FTAP, que já foi encaminhado ao próprio ministro do Trabalho, Júlio Barata, "não se podem negar os direitos dessa gente — pois o preço do desenvolvimento não deve ser pago pelo mais fraco".

A GUANABARA INTEIRA SE CONVERTEU

É a maior mudança verificada no mundo, na última década, essa conversão de freqüência do Estado da Guanabara.

O número de consumidores convertidos é 1.173.622. Atingindo a totalidade de residências, indústrias, estabelecimentos comerciais e repartições públicas. O programa, coordenado pela Eletrobrás, foi cumprido integralmente. E concluído exatamente 1 ano antes do prazo.

Quem tem fé no desenvolvimento não pode esperar.

A transformação - de 50 para 60 ciclos permite à Guanabara utilizar energia produzida em qualquer parte do País. E liquida, de uma vez por tôdas, com o fantasma do racionamento.

O projeto foi executado com a colaboração da Comissão de Energia Elétrica do Estado da Guanabara, através do Cofre (Escritório Técnico de Conversão de Freqüência do Estado da Guanabara), da Central Elétrica de Furnas e da Light S.A.

A mudança de ciclagem foi igualmente concluída no Espírito Santo e está em andamento nos Estados do Rio e do Rio Grande do Sul.

A Eletrobrás não admite soluções locais para um problema que é nacional: fornecimento de energia elétrica.

A determinação do Ministério de Minas e Energia é clara: unificar, em 60 ciclos, a freqüência de todo o território nacional; assim, a energia carente, em determinada região, pode ser fornecida por sistemas de outras áreas.

Agora a Guanabara está integrada ao sistema energético de tôda a região centro-sul do País.

Êste é um Estado iluminado.

ELETROBRÁS

Uma emprêsa sob a jurisdição do

Ministério de Minas e Energia

FOTOS AMILTON VIEIRA

A técnica: o ladrão escolhe o livro. . .

. . .guarda o volume num outro, ôco, . . .

. . .finge que não quer comprar nada. . .

Ladrão, mas culto

Com um lema semelhante ao do "esquadrão da morte" ("para cada policial assassinado, mataremos dez marginais"), o tempo dos exames finais nas universidades faz crescer em São Paulo um outro grupo subterrâneo, menos perigoso e mortífero: o autonomeado "esquadrão dos afanadores de livro", que usa como divisa orgulhosa a frase "para cada livro comprado, cinco serão roubados". E, como os membros do EM, os integrantes do EAL pertencem a uma categoria definida: são estudantes universitários que furtam livros pelo seu valor intrínseco, pela sua utilidade e aproveitamento.

Dizem os responsáveis pelas livrarias que o EAL paulista foi responsável, neste ano, por prejuízos correspondentes a quase 5% das suas vendas só nas principais lojas do centro de São Paulo. E que, pelo menos duas vêzes por mês, alguém é apanhado em flagrante. Mais ainda: Mário Cistovão, 53 anos, gerente da livraria Teixeira, garante que 50% dos ladrões acabam surpreendidos. Essas informações, contudo, são veementemente contestadas pelos relações-públicas do EAL, que avaliam os companheiros incautos em apenas 10%: "Nós furtamos uma média de vinte livros por mês em cada livraria. Os prejuízos maiores são feitos pelos ladrões comuns de sórdidos objetivos econômicos".

Ato heróico — Fazem parte do EAL, principalmente, os estudantes de filosofia e ciências sociais: êles precisam de uma biblioteca vasta e seu poder aquisitivo é geralmente baixo. Nos últimos anos, um dêles ficou especialmente famoso: Renato, 28 anos, do curso de sociologia, pretendeu certa vez levar da livraria Mestre Jou, especializada em publicações de alto nível cultural, uma obra rara sôbre a história do império otomano. Mas seu método consistia em "não olhar o que as mãos faziam" — e

. . .despede-se com calma, e vai embora

êle percebeu, já na rua, que sua "aquisição" era um inesperado trabalho de psicologia. Foi exatamente o êrro que lhe trouxe a fama: informado de que o livro era um importantíssimo exemplar esgotado, Renato conseguiu vendê-lo por 170 000 cruzeiros velhos (em 1966). Êle justifica o inesperado lucro: "Eu não furtei para vender. Foi um acidente". De qualquer modo, a falta de dinheiro é a grande motivação do EAL. Por exemplo: para acompanhar seu curso, Reinaldo, 22 anos, também de ciências sociais, precisa de uma média de seis volumes por mês — e os preços variam entre 15 e 20 cruzeiros. Como sua verba para livros não passa de trinta cruzeiros, "não existe outro caminho a não ser o empréstimo, nas livrarias". De qualquer modo, os membros do EAL se declaram incapazes de roubar qualquer coisa além dos livros: "Livros representam cultura e cultura não é propriedade privada".

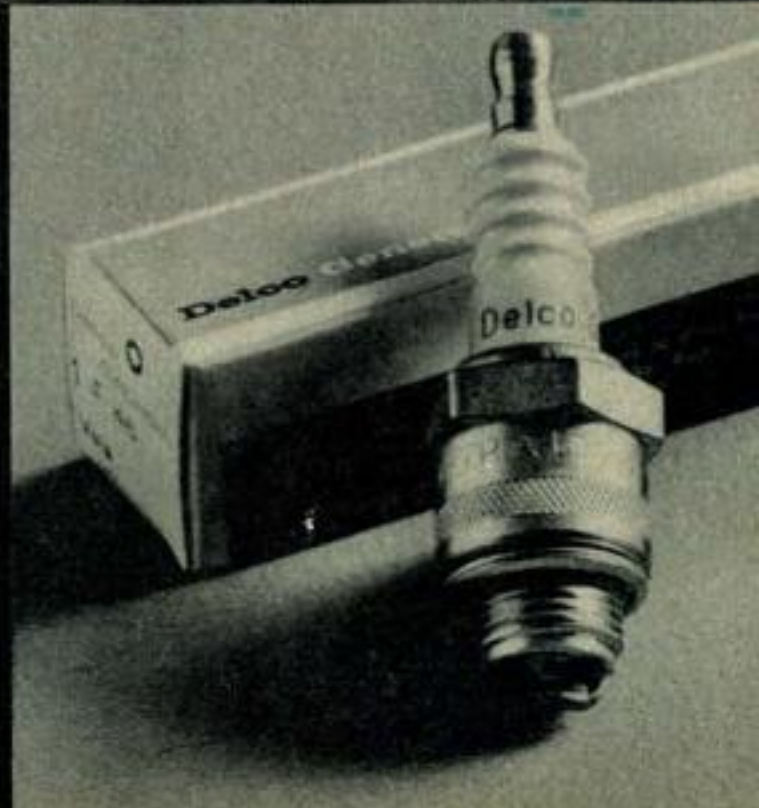
As técnicas — O que mais assusta os livreiros é o número crescente de môças no EAL. E elas impressionam por sua audácia e tranqüilidade, além do jeito especial que usam para fazer seus "empréstimos". Para Raul Mateos Castell, 30 anos, empregado da livraria Brasiliense e estudante universitário, o que leva uma jovem a partir para o "crime" é uma atitude de auto-afirmação. E Sílvia, 20 anos, estudante de letras, confirma a explicação quando diz: "Eu saía com três rapazes e, de todos, era a que mais furtava. Tenho sangue frio e nunca fui apanhada. Agora, os rapazes me pedem que roube por êles".

As técnicas utilizadas pelo EAL são simples e fantásticas: livros escondidos embaixo de casacos ou jornais; volumes onde cabem vários outros; dedicatórias escritas na hora. Nenhum método, porém, supera o desenvolvido por um audacioso estudante de matemática, conhecido pelo apelido de "Telê". Êle entrava na livraria, pegava todos os livros que desejava (vinte ou trinta) e saía com o incômodo pacote debaixo do braço, numa dificuldade evidente. A quantidade era tão grande, os esforços tão visíveis, que ninguém podia pensar num furto. Hoje, muitos livreiros estabeleceram medidas defensivas (e secretas) que tornaram suas lojas quase inexpugnáveis. Mas ainda é impossível acabar com os furtos. Principalmente porque as conseqüências de um flagrante são bem suaves: os gerentes das livrarias não vão além de uma descompostura e de um pedido: "Não volte mais aqui". Apenas Mário Calli, 40 anos, da Mestre Jou, chegou a prometer "um banho de chuveiro" para os reincidentes — mas não conseguiu descobrir nenhum. ○

Nunca negam fogo.

Ligue o motor.
Faísca. Rrrrruuuumm.
O motor ronca, as velas Delco-General nunca negam fogo. É ligar e acender.
Dê a partida.
A ignição é perfeita, a centelha é das velas Delco-General.

Acelere.
Você avança a todo motor. As velas Delco-General acendem como um raio.
Não esqueça nunca de ver com cuidado a marca das velas. Marca de ferro e fogo: Delco-General, Qualidade General Motors.

VELAS DELCO-GENERAL
QUALIDADE GENERAL MOTORS

O Recife sem defesa

Todos os álbuns, livros do ano, edições especiais de revistas e jornais, boletins comemorativos e outras publicações que se dedicaram à análise da década de 60, no capítulo referente à medicina, apresentaram o surgimento e disseminação da vacina Sabin como uma das maiores conquistas daqueles dez anos por ter "erradicado a terrível poliomielite".

Na semana passada, porém, acabaram as 110 000 doses de vacina Sabin conseguidas pelas autoridades sanitárias de Pernambuco — e o atual surto de poliomielite que atinge o Grande Recife (capital e cidades vizinhas) está longe de ser derrotado. Pelo contrário, assume proporções de calamidade pública. Do começo do ano até agora, as estatísticas oficiais registraram 104 casos da doença naquela área e, entre êsses, mais de vinte crianças morreram. Só nos últimos três meses houve 64 novos casos, com dez mortes oficiais. Êsses, no entanto, são números oficiais, baseados em comunicados de médicos e casas ou postos de saúde. Mas os sanitaristas sabem que, como os índices de morte variam de 2% a 10% do número de doentes, as crianças atacadas pelo mal podem somar quinhentas ou mais.

Vacina Sabin: para 200 000 crianças, apenas uma dose

Vacina acabou — As cheias de julho e agôsto, somadas à falta de limpeza nos canais que cortam a capital pernambucana, são apontadas como as principais causas para o agravamento do surto, no último trimestre. O fim do estoque de vacina Sabin surge agora, contudo, como um fator cujas conseqüências é impossível avaliar: não há a menor esperança de o Departamento de Saúde Pública de Pernambuco receber, nos próximos meses, outra remessa de vulto igual ao estoque anterior.

No Grande Recife calcula-se em quase 200 000 o número de crianças com menos de cinco anos de idade e que, portanto, estão na faixa das que devem ser imunizadas contra a poliomielite. Grande parte dessas crianças recebera a primeira dose da vacina, empregando-se para isso as 110 000 doses até então existentes. Para se tornarem imunes — ainda mais com a agravante de existir na área um surto de grandes proporções —, as crianças deverão receber mais a segunda e terceira doses, com espaçamento de mês e meio a dois meses entre cada uma. Mas isso, apesar dos apelos das autoridades sanitárias, parece que não vai acontecer. O máximo já obtido foi apenas uma remessa de 20 000 doses, que chegará ao Recife ainda nesta semana. Dessa forma, a primeira série de vacinação — a mais importante na vida da criança — ficará incompleta para as do Recife.

Limpeza e doença — Para o coordenador da seção de Epidemiologia do Departamento de Saúde Pública de Pernambuco, médico sanitarista Amauri Vasconcelos, o Recife é uma vítima do seu próprio desenvolvimento: "O vírus causador da pólio encontra maior receptividade nas cidades, à medida que elas vão se desenvolvendo e se tornando mais limpas. Com isso, a resistência das pessoas às contaminações — que tomam vulto, por exemplo, em épocas de enchentes — diminui bastante, a ponto de tornar indispensáveis, imprescindíveis mesmo, as vacinações em massa. O Grande Recife é uma região que vem experimentando certo progresso urbanístico desde 1960 e a única vacinação feita até hoje, nessa área, foi em 1962 e, mesmo assim, incompleta como a atual".

Por culpa dessa imunização incompleta, o Recife está ameaçado de um triste privilégio: o de recordista mundial da pólio, que durante todo o ano passado teve apenas 1 257 casos registrados pela Organização Mundial da Saúde, num total de vinte países das Américas Central e do Sul.

Nobel aos nervos

Ao dr. Julius Axelrod estava reservada uma experiência que poucos mortais conhecem: a de sentir uma grande alegria na cadeira do dentista. Foi nessa situação que o cientista americano, de 58 anos, soube quinta-feira passada que era um dos três ganhadores do prêmio Nobel de Medicina dêste ano.

Enquanto Axelrod retirava os chumaços de algodão da bôca para falar de sua emoção ao repórter que lhe levava a notícia em Maryland, na Califórnia, outro vencedor do prêmio, sir Bernard Katz, 59 anos, era tirado da cama em Londres às 7 horas da manhã pela comunicação. Segundo contou mais tarde, sòmente depois de cinco minutos debaixo do chuveiro é que Katz tomou realmente conhecimento do que acabara de ler.

Já em Estocolmo — onde se reúne a comissão que atribui o prêmio Nobel —, o professor sueco Ulf von Euler, o outro vencedor, recebeu a notícia de maneira mais convencional, sem faltarem as garrafas de champanha abertas pelos companheiros de trabalho no Instituto Real Karolinska — Faculdade de Medicina de Estocolmo —, no qual o cientista de 69 anos realiza suas pesquisas desde 1939. Axelrod, Katz e Von Euler vão dividir as 400 000 coroas suecas — quase 380 000 cruzeiros — do Nobel, ganhas por estudos independentes sôbre o funcionamento do sistema nervoso.

As muitas pistas — Os estudos premiados trouxeram esclarecimentos considerados fundamentais sôbre a natureza de substâncias encontradas nas extremidades dos nervos, as quais têm a função de impedir a distensão dos vasos sanguí-

FOTOS AP

Euler, Katz e Axelrod: prêmio Nobel à melhor noção do corpo do homem

neos e, assim, evitar desmaios ou perdas de consciência.

Mostrando como essas substâncias podem ser estocadas, ativadas ou "desligadas", os cientistas abriram a possibilidade de influenciar o sistema nervoso para corrigir distúrbios nervosos ou mentais e também resolver problemas de pressão sanguínea elevada.

Na opinião do dr. Axelrod, o seu campo de pesquisa pode conduzir a uma melhor compreensão do comportamento humano e da ação de drogas no tratamento de distúrbios mentais. A cura da esquizofrenia — afirma — é uma das metas do trabalho que empreende.

Os três cientistas jamais trabalharam juntos. O professor de fisiologia Von Euler contribuiu para a descoberta, em 1946, da substância denominada nor-adrenalina (adrenalina), cuja função é a de transmissor de impulsos nervosos nos terminais do sistema simpático (composto dos nervos que agem automàticamente no corpo humano, provocando ações e reações independentes da vontade consciente). Conseguiu ainda mostrar como essa substância se acumula em pequenos grânulos nervosos, no interior das fibras pertencentes ao sistema simpático.

Drogas para a mente — Sir Bernard Katz, que ensina Biofísica no University College, de Londres, realizou estudos sôbre o mecanismo de ativação de uma outra substância — a acetilcolina, localizada nas junções entre músculos e nervos — que tem a função de transmissor de impulsos nervosos, como por exemplo os destinados a movimentos do corpo.

Por sua vez, o professor Axelrod, catedrático de Farmacologia no Instituto Nacional de Saúde Mental, em Maryland (EUA), descobriu os mecanismos de formação da nor-adrenalina nas células nervosas e os que fazem interromper seu funcionamento (essa interrupção deve-se, parcialmente, a uma enzima cuja existência Axelrod descobriu).

Graças a êsse conjunto de pesquisas, tornou-se possível estudar as conseqüências do uso de uma série de drogas no tratamento de problemas nervosos. Por exemplo, uma pessoa em profundo estado de depressão parece estar com deficiência de nor-adrenalina. Assim, drogas capazes de manter a substância em ação por período mais prolongado podem combater a depressão e resolver o problema. Conhecendo-se, portanto, a maneira exata pela qual uma droga faz efeito, é apenas uma questão de tempo o seu aperfeiçoamento ou o aparecimento de medicamentos ainda mais potentes.

E foi por causa dessa contribuição para uma melhor noção do funcionamento do homem — e de como mantê-lo funcionando — que, na semana passada, Von Euler bebeu champanha, sir Bernard acordou assustado e teve de tomar um rápido banho de chuveiro e o dr. Axelrod sorriu na cadeira do dentista. O

Jardins da morte

"Comigo-ninguém-pode" é, principalmente, uma bela planta ornamental, tida pelos mais supersticiosos como propiciadora de sorte. E justamente a beleza é que fêz dela uma planta muito usada em jardins residenciais e em decorações de interiores. Apesar disso, foi banida dos jardins públicos há cêrca de sete anos, quando trouxe muitos problemas para as autoridades sanitárias. Agora, a "comigo-ninguém-pode" atacou de nôvo: matou duas crianças, uma menina de cinco anos e seu irmão de dois, em Nova Iguaçu, no Estado do Rio. Os dois e outra irmã, de três anos (ainda internada em estado grave), ao brincarem de fazer comida para um grupo de primas, colheram algumas fôlhas da planta e passaram a mastigá-las. Os sintomas — lacrimejamento, salivação, inchação da bôca e dificuldades respiratórias — surgiram tão depressa nos três irmãos que as primas nem tiveram tempo de ingerir também a planta venenosa.

Agulhas da morte — A "comigo-ninguém-pode" tem fôlhas ovaladas, largas e grandes, de um verde intenso salpicado de manchas brancas no centro. Suas minúsculas células contêm cristais de oxalato de cálcio sob a forma de centenas de agulhas. Ao se engolir um pedaço da "comigo-ninguém-pode", as agulhas ferem o interior da garganta, permitindo a penetração de uma proteína tóxica contida na planta. O interior da garganta começa a inflamar, até a asfixia.

Mas a "comigo-ninguém-pode" não é a única planta aparentemente comum capaz de provocar os mais diferentes males. Até a batatinha e a mandioca, cruas, podem causar intoxicação. A biologista-chefe da seção de Dicotiledôneas do Instituto de Botânica de São Paulo, The-

Esporinha: um veneno antigo

"Comigo": mais duas mortes

rezinha S. Melhem, explica que as flôres, o que mais atrai as crianças, quase sempre são inofensivas, embora os caules e raízes (de acesso mais difícil) de algumas delas possam conter substâncias tóxicas ou venenosas. Entre as poucas flôres comuns perigosas estão certas espécies de lírios, como a "Lillium tigrinum", que contém nas anteras (onde se situa o pòzinho amarelado das flôres) substâncias tóxicas causadoras de irritações.

Os maiores inimigos, mesmo, são as fôlhas, frutos e sementes, porque estão mais ao alcance de crianças (também fazem mal aos adultos, porém em maiores dosagens). Nos jardins públicos, quase não existem êsses elementos perigosos, principalmente aquêles cujos danos são mais conhecidos. Mas aparecem com extrema freqüência nos campos, terrenos baldios, jardins residenciais e até nos arranjos decorativos feitos por especialistas.

Os inimigos — Os frutos espinhosos da mamona, encontrada em todos os cantos e muito usada nas brincadeiras de crianças, contêm em seu interior três sementes rajadas altamente venenosas, que podem ser fatais dependendo da quantidade mastigada. Dessas sementes extrai-se o óleo de rícino, que depois de fervido perde a toxidez. Também muito comuns são as plantas "papagaio" e "coroa-de-cristo", ambas arbustos de flôres vermelhas grandes e bem abertas. Elas e, de maneira geral, tôdas as outras que produzem leite (há exceções como a seringueira) são perigosas porque normalmente possuem substâncias cáusticas que provocam diferentes tipos de irritações e queimaduras de pele. Outra planta ornamental, largamente usada para revestir paredes — a hera — produz frutos do tipo baga (usados pelas crianças como "piõezinhos") muito venenosos. As esporinhas, flôres mescladas de várias côres, aterrorizam os criadores porque provocam a morte do gado. Sócrates já a conhecia e seus contemporâneos usavam-na para acabar com percevejos, pulgas, caspa e inimigos políticos. Da "espirradeira" (ou oleandro, arbusto de lindas flôres rosa, vermelhas, brancas ou amarelas), até os velhos livros de botânica contam: seus galhos, usados como espêto em churrascos, matam os convivas pelo simples contato da madeira com a carne. Por fim, Therezinha Melhem cita também algo que ameaça diretamente as mulheres: as sementes de jequiriti (conhecidas como "ôlho-de-boi" ou "ôlho-de-pombo"), circulares e achatadas dos lados como uma pastilha. Por seu colorido vivo, vermelhas com uma mancha preta, estão sendo muito usadas nos colares hippies, apesar de altamente venenosas. E, como se sabe, é muito freqüente o hábito das mulheres de levar as contas do colar à bôca. O

Beijo que marca

A marca de lábios num copo ou mesmo nas bordas de um misterioso envelope encontrado ao lado de um cadáver pode vir a ser mais uma pista para um crime onde as impressões digitais foram inteligentemente evitadas pelo criminoso. Os sulcos dos lábios e a sua forma diferem de pessoa para pessoa e nem mesmo os gêmeos possuem impressões labiais idênticas. E foi com uma pesquisa para comprovar essas informações que dois cientistas — Kazuo Suzuki e Yasuo Tsuchihashi — do Tokio Dental College (Japão) ajudaram a polícia de Tóquio a descobrir, juntar e resolver os episódios de três crimes supostamente insolúveis.

Beijando o vidro — A idéia tem vinte anos e foi levantada, pela primeira vez, por um entendido em jurisprudência médica, nos EUA. Mas só a partir de 1964 Kazuo e Yasuo começaram a desenvolver o método de pesquisa criminal, comprimindo seus lábios contra superfícies de lâminas de vidro. Depois do "beijo" êles cobriam as impressões com um poderoso adesivo e as retiravam da lâmina, como cópias idênticas, impressas em fita durex. Baseados em mais de 1 000 impressões dêsse tipo, os japonêses concluíram que os lábios podem ser divididos em seis tipos ideais, de acôrdo com a disposição dos sulcos. "Cada lábio", explica Kazuo, "tem uma combinação de dois ou mais dêsses formatos e, mais importante, não existem duas pessoas com a mesma combinação." Ao contrário, entretanto, das impressões digitais, as impressões labiais podem mudar ao longo dos anos, o que leva Kazuo a acreditar que a polícia não adotaria êsse método como prática constante na identificação das pessoas.

NEWSWEEK

Suzuki: no sulco dos lábios os mistérios dos crimes

Os três casos — No primeiro caso em que a polícia usou o método de Kazuo e Yasuo, três impressões labiais num envelope contendo um aviso de que a central de polícia sofreria um atentado a bomba serviram para inocentar dois suspeitos e revelar o verdadeiro culpado. Da mesma forma, a polícia descobriu, num envelope, a identidade de um correspondente anônimo que ameaçava o presidente da Ferrovia Nacional do Japão. No terceiro caso, as nítidas marcas de batom num lenço de papel, encontrado junto ao local onde uma mulher foi assassinada, no ano passado, sob terríveis torturas, serviram para incriminar uma suspeita.

Apesar de tudo, os criminosos japonêses parecem não acreditar muito no sucesso das teorias dos dois cientistas: continuam deixando suas impressões labiais, indiscriminadamente, em pontas de cigarros, copos, envelopes e outras superfícies.

Em conseqüência, Kazuo Suzuki está certo de que suas pesquisas vão se transformar numa importante maneira suplementar de identificação criminal, particularmente para os casos de extorsão e rapto que envolvem cartas escritas e envelopes selados. O

O NÓ DA QUESTÃO

Artepesca - Artefatos de Pesca do Nordeste S.A. é a mais nova indústria da Sudene. Uma indústria que nasceu forte e vai produzir as melhores e mais resistentes rêdes monofiladas e multifiladas de nylon, abastecendo, desde já, 74,5% do mercado.

Mas não vamos ficar nisso: com o apoio da Sudene, o arrôjo e dinamismo dos técnicos e operários brasileiros, utilizando o mais conceituado know-how do ramo, a Artepesca não só aumentará sua produção de rêdes como abastecerá as indústrias pesqueiras do país, e mesmo do exterior, de todos os equipamentos de nylon necessários à pesca.

Nós acreditamos no nordeste. Nós acreditamos no Brasil.

Zero para o mestre

Invariàvelmente simbolizado pela figurinha frágil mas destemida da professorinha da roça, o mal remunerado, sem garantias e desprestigiado ofício de professor carrega uma sugestão de romântico idealismo. Mas, demonstrando que é bem mais interessante e confortável ser idealista melhor remunerado e com alguma segurança, mais de 26 000 candidatos fizeram do concurso para o magistério municipal de São Paulo o maior do Brasil, estabeleceram a assombrosa proporção de dez candidatos por vaga e fortaleceram os argumentos para os baixos salários da profissão — uma conseqüência natural da velha lei da oferta e da procura.

ROBERTO WOLFENSON

Garantia: presença da Polícia Militar para evitar fraude

Acenando com as tão cobiçadas garantias do funcionalismo público, o concurso atraiu velhos e moços, recém-formados e professôres experientes. Muitos vieram do interior, fugindo de salários ridículos e da instabilidade de seus empregos.

Antônio Moraes Camargo, 21 anos, viajou 187 quilômetros de trem, de Rio Claro até a capital, para fazer as provas: "Para quem faz o normal, o único caminho é o magistério oficial que, pelo menos, oferece a certeza dos vencimentos e a tranqüilidade da posição efetivada". Uma tranqüilidade que, sem dúvida, pode ser bem mais saudável se assegurada em dôbro.

Marlene Ambrósio, 26 anos, é quem explica: "Como são quatro horas de trabalho diário, muitas professôras já efetivadas pelo Estado querem também trabalhar pela Prefeitura, pois terão maior estabilidade e o dôbro do ordenado" (um professor municipal ganha, em São Paulo, 576 cruzeiros por mês e só perde para os professôres estaduais: 625 cruzeiros iniciais e 845 depois de 25 anos de magistério)*.

Operação-sigilo — Dispostas a desfazer a desagradável lembrança do último concurso (de 1969, anulado por quebra de sigilo), as autoridades municipais decidiram fazer dêste um exemplo de correção. O prédio da Gráfica Municipal, onde se imprimiram as provas, foi isolado e vigiado por soldados e cães da Polícia Militar; a comissão responsável pelas questões (dois homens e três mulheres) ficou incomunicável na própria gráfica, junto com os operários, por 24 horas, desde o sábado (dia 10), quando se sortearam as cem questões (entre 1 000 preparadas), até o início das provas, no domingo; carros da Polícia Militar transportaram as fôlhas impressas para as 27 escolas, onde estavam os candidatos; e, em cada uma das 583 classes usadas para o concurso, havia, ao lado de dois inspetores da Prefeitura, um cadete da Polícia Militar. Depois, no fim das três horas que durou o concurso, as provas, novamente fechadas em envelopes especiais, foram levadas pela Polícia Militar para o local — secreto — onde estava o responsável pela correção das respostas — um computador IBM, devidamente vigiado por sentinelas até a quinta-feira, quando saíram os resultados finais. E, até mesmo um curioso caso de espionagem frustrada aconteceu. Duas professôras substitutas foram prêsas no sábado à noite, quando tentavam subornar as sentinelas oferecendo 4 000 cruzeiros para entrar na Gráfica Municipal.

Depois de tôdas as peripécias dessa cuidadosa operação militar, o concurso acabou não chegando a ponto nenhum: houve menos de 5% de aprovações (exatamente 973 aprovados), insuficientes para o preenchimento das vagas.

Três verdades — Como maior resultado de um trabalho aparentemente pouco compensador, o concurso revelou, pelo menos, três verdades: não se pode confiar nas máquinas (o computador IBM sofreu uma pane e não conseguiu realizar seu trabalho no prazo marcado); não convém confiar nas aparências (o grande número de candidatos provou que, apesar das já tradicionais queixas dos professôres, a profissão ainda é uma das mais procuradas — há cêrca de 100 000 professôres primários empregados no Estado de São Paulo e, anualmente, as escolas normais do Estado despejam no mercado mais 90 000); e não se deve confiar em certas escolas (depois das provas, a maioria dos candidatos confessava-se derrotada, embora admitindo que o concurso não havia sido rigoroso).

Agora, a Prefeitura vai ter de fazer um outro, complementar — de preferência em nível ginasial —, para preencher as vagas restantes. O que leva, finalmente, a uma inquietante indagação: que espécie de professôres está sendo formada pelas escolas normais brasileiras? O

** Para o professor Euvaldo de Oliveira Mello, 56 anos, vice-presidente do Centro do Professorado Paulista, essa acumulação de cargos traz um sério problema para a profissão: "Com todo seu tempo tomado, o professor não pode fazer cursos de pedagogia e tomar contato com novas técnicas de ensino".*

Greve em Brasília

Como uma prolongada discussão entre pai e filho, o encontro do diretor do Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação, professor Newton Sucupira, na sexta-feira passada, com os estudantes em greve do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília parecia ter terminado com a argumentação decisiva da fôrça da autoridade. Enviado pelo ministro Jarbas Passarinho, Sucupira tinha a missão de pôr fim à primeira greve universitária brasileira desde a época das passeatas de 1968. Depois de discutir o assunto durante duas horas com o reitor Caio Benjamim Dias e o vice-reitor José Carlos Azevedo, êle conversou mais uma hora com seis representantes dos grevistas e saiu certo de haver cumprido sua missão. Deixara firmados três pontos considerados essenciais pelo Ministério da Educação: o problema que provocou a greve (mais vagas para a Faculdade de Medicina *) deveria ser resolvido entre estudantes e a reitoria; êsses entendimentos só poderiam começar depois que os alunos voltassem às aulas; e, se os estudantes insistissem em não comparecer às aulas, seriam enquadrados no Decreto-Lei 477, no qual está prevista a expulsão do aluno que participar de qualquer greve.

Estratégia — Antes mesmo de inicia-

** O movimento começou a se estruturar em junho, quando os estudantes tomaram conhecimento da distribuição de vagas para 1972 (prevendo apenas 96 lugares para a Faculdade de Medicina) e descobriram que, da turma de 196 alunos do ICB (área básica), 175 queriam ir para medicina.*

rem o movimento, os estudantes do ICB sabiam que o decreto seria seu principal inimigo. Para enfrentá-lo, adotaram uma estratégia desconhecida nas manifestações grevistas do passado. Primeiro, retiraram qualquer aspecto político do movimento: em tôdas as negociações com a reitoria, seus representantes fizeram questão de afirmar que tinham objetivos estritamente reivindicatórios. Depois, não se declararam em greve — apenas disseram que não tinham "condições psicológicas" para assistir às aulas. E, finalmente, diluíram a liderança num grupo muito grande de alunos, de forma que em cada fase do movimento apareciam novos estudantes como representantes dos grevistas. Assim, se a reitoria quisesse punir alguém, teria de aplicar a pena a todos. Mesmo os 21 alunos restantes do ICB, que não tinham interêsse no movimento (porque preferiam mesmo os cursos de biologia, odontologia e psicologia), participaram da greve, concordando com tôdas as decisões da assembléia.

Prudência — Se os estudantes agiram com cautela, a reitoria fêz da prudência a sua melhor arma. Na tarde da quinta-feira, o vice-reitor José Carlos Azevedo explicou ao repórter José Carlos Bardawil, de VEJA: "A reitoria considerou que a greve tinha sentido exclusivamente reivindicatório e que, por isso, não devia aplicar, imediatamente, o Decreto-Lei 477, embora os alunos, por sua ação, já estivessem enquadrados nêle". Nessa mesma tarde, o vice-reitor apresentou uma fórmula conciliatória, atendendo, em parte, às reivindicações dos estudantes: abertura de mais 32 vagas — alegando que mais do que isso corresponderia ao rebaixamento da qualidade do ensino, porque a quantidade de leitos do Hospital-Escola de Sobradinho (onde são dadas as aulas práticas) é limitada — e possibilidade aos 47 alunos restantes de cursar, no segundo ano básico, dez matérias do curso de medicina para facilitar sua transferência (garantida) para outra faculdade de medicina. A proposta foi recusada pelos grevistas e se decidiu continuar o movimento que já durava uma semana e um dia. Mas, na sexta-feira, a afirmação categórica de Newton Sucupira colocou em xeque a posição dos estudantes. Mesmo assim, no fim da tarde (em terceira reunião, e com 45 votos contra), êles decidiram sustentar sua posição e no sábado faltaram às aulas.

Dessa forma, como quem paga para ver, os grevistas deixaram de aproveitar a meia vitória já assegurada (conquista de mais vagas) pela duvidosa possibilidade de ganharem a fama da descoberta de um método reivindicatório capaz de combater o Decreto-Lei 477 e pelo risco de serem os primeiros a sofrer a fôrça de sua aplicação. O

Visita silenciosa

A imprensa européia já o chamou de "enfant terrible" do catolicismo; outros o conhecem como o cardeal da contestação. Sua maior fama é a de ter abalado, juntamente com seus padres e bispos, os sólidos alicerces doutrinários da Igreja. Mas, durante as quase duas semanas em que o cardeal Bernard Alfrink, setenta anos, primaz da inquieta Igreja holandesa, estêve visitando o Brasil, ninguém ficou sabendo se essa imagem, projetada no mundo todo, é a que melhor

CARLOS NAMBA

Em Araçatuba, Alfrink visitou a pobreza

o retrata: alegando ser sua visita de caráter estritamente particular, o cardeal conseguiu evitar qualquer contato com jornalistas em São Paulo, Rio e Brasília. Só ficou mais à vontade quando cumpria uma das últimas etapas de seu programa — a visita a algumas paróquias dirigidas por padres holandeses, no noroeste do Estado de São Paulo. Em Luisiânia, um vilarejo com algumas centenas de habitantes, êle participou da missa rezada na pequena capela, devidamente preparada para o grande dia. Mas nem todo o povo compreendeu bem a importância da visita.

À noite, no boteco iluminado pela luz de quatro velas, à beira da estrada de terra, um roceiro descalço explicava, entre dois goles de pinga, o movimento na vila: "É por causa do padre que veio da 'Iolanda' ".

Os meios e o fim — As obras realizadas no noroeste de São Paulo pelos padres holandeses, subvencionadas em parte pela Igreja da Holanda, alteram profundamente o conceito que dêles se costuma ter — pelo menos ali êles não se mostram tão preocupados em derrubar o celibato ou revolucionar a liturgia. "O que queremos", diz o padre José, vigário de uma das paróquias de Araçatuba, outra cidade visitada pelo cardeal, "é dar à população pobre da região condições de se elevar social e econômicamente." Na sua opinião, a compreensão do amor cristão chega mais fàcilmente às pessoas através dos exemplos concretos. Dentro dêsse espírito é que foi criado, por inspiração de dom Pedro Paulo Koop, bispo de Lins, também holandês, o Instituto Paulista de Promoção Humana. Um de seus principais departamentos é o Centro de Treinamento Agrícola, de Araçatuba, onde os jovens da zona rural podem fazer um curso de quarenta dias, com tudo pago, para aprenderem a cultivar a terra de forma racional e rendosa, por menor que seja a área disponível.

Essa diferença de atuação, entretanto, não cria nenhuma contradição entre o catolicismo vivido na Holanda e aquêle vivido por padres holandeses no Brasil. Todos êles têm consciência de que qualquer que seja a forma de evangelização empregada ela será sempre provisória e até certo ponto experimental. Numa carta pastoral publicada há algum tempo, o episcopado holandês declara: "Não é possível a renovação sem confusão"; e acredita ser justamente "o caráter provisório de tôdas as certezas humanas" a chave para se compreender o que significa crer. "Devemos crer como o nosso pai Abraão. Nada possuía em que pudesse se firmar a não ser a fé no Deus invisível que o chamou."

As duas faces — O cardeal Alfrink não ficou conhecendo apenas os resultados positivos do trabalho dos padres; sentiu de perto também as dificuldades que êles enfrentam, ao visitar as pequenas favelas da região. Na sede do Consórcio de Promoção Social, orientado por uma assistente social da Prefeitura e por freiras, parou para tomar um café. Ficou sabendo que, algumas noites antes, um ladrão furtara grande parte dos trabalhos manuais feitos desde agôsto para serem vendidos, no fim do ano, nas feiras livres. O dinheiro arrecadado seria aplicado em melhoramentos para o bairro. Se essas pequenas experiências criaram no cardeal alguma certeza ou mais incertezas ninguém ficou sabendo. No fim da semana passada, êle regressou à Holanda — tão silenciosamente quanto chegou. O

A luta de Raimundo

Raimundo Dias, alagoano de Quebrângulo, não sabia ler nem escrever quando chegou a São Paulo, em 1956, com treze anos de idade. Família grande (seis irmãos), empregos difíceis, as perspectivas pareciam tão escassas quanto em Alagoas, onde seu pai era lavrador. Lembrando-se dos sábios conselhos da avó — que, entre outras coisas, costumava

Raimundo: a primeira e última chance

dizer: "Nunca é tarde para nada" — êle entrou para a escola, aos quinze anos arrumou um emprêgo de faxineiro numa loja de discos, por Cr$ 1,50 por mês. Aos dezenove, quando já ganhava Cr$ 60,00, tornou-se lutador de boxe. E, no próximo dia 30, com 29 anos, 42 lutas (26 vitórias, 9 empates, 7 derrotas), disputa em Gênova o título mundial dos pesos meio-médios ligeiros com o italiano Bruno Arcari, atual campeão. A tardia descoberta do boxe (normalmente os lutadores começam com quinze ou dezesseis anos) prejudicou realmente a sua carreira. Embora tenha sofrido apenas um nocaute até hoje e seja um dos pugilistas mais técnicos do país, só agora — outubro de 1970 — êle se tornou campeão brasileiro, depois de oito anos de profissionalismo, em que não conseguiu chegar ao sonho que o animou a entrar para a academia: tornar-se famoso como Éder Jofre. Porém, a inesperada chance da disputa do título mundial dos meio-médios ligeiros, mesmo que não lhe assegure a realização do seu sonho, pelo menos mostra que sua avó outra vez tinha razão.

Um campeão anônimo — Hoje, às vésperas de se encontrar com o campeão do mundo, Raimundo reconhece que seu maior êrro foi ter lutado sempre sòzinho, dentro e fora do ringue. Sem manager para cuidar dos seus interêsses, percorreu quase todos os ringues de televisão, recebendo quantias irrisórias. No ano passado, finalmente, empresado por Abrão Katznelson (o mesmo que promoveu Éder Jofre), fêz sua primeira viagem: durante nove meses lutou nos Estados Unidos, Pôrto Rico, Venezuela e Itália. Primeiro resultado: em seis lutas ganhou mais do que havia recebido em oito anos de carreira. O segundo resultado é a programação dessa luta pelo título (obra exclusiva de Katznelson, que se encontra na Itália). E, embora sua cota pela luta com Arcari seja das mais baixas em disputa de título (3 500 dólares, mais direitos de rádio e televisão, o que deve lhe dar um total entre 20 000 e 30 000 cruzeiros), ela chega em boa hora: como funcionário civil da Fôrça Pública, onde ingressou em 1966, Raimundo ganha 540 cruzeiros por mês e êle acaba de se casar com uma portorriquenha que conheceu no ano passado.

Boxeador técnico, sem poder de pegada (das 26 vitórias, quinze por nocaute), as chances de Raimundo contra Bruno Arcari (um pugilista mais brigador) estão na dependência de sua capacidade de não se expor ao adversário. Como, aliás, demonstrou em janeiro contra o espanhol Antônio Barrera Corpas (quinto do ranking), em Roma: atingido duramente, Raimundo foi à lona no segundo round, recuperou-se e ganhou por nocaute no sexto. E, estranhamente, para quem teve tão poucas oportunidades no boxe a decisão de um título mundial é a primeira e última chance, como reconhece o próprio Raimundo: "É ganhar ou desistir". O

Pobres campeões

"Tudo que se promete é dívida. E aquilo que é devido e não é pago tem que ser cobrado de tôdas as formas possíveis." Assim pensa Silva, atacante que já jogou no Corintians, Flamengo e Santos, com passagens pela Espanha e Argentina, um dos personagens centrais da crise vivida na última semana pelo Vasco da Gama, seu clube atual. Os jogadores vascaínos reclamavam o pagamento dos prêmios pela conquista do campeonato carioca e, seguindo as idéias de Silva, um outro jogador, Alcir, chegou até a iniciar um processo contra o clube, por apropriação indébita. No fim da semana, a diretoria do Vasco já tinha conseguido contornar a crise (anunciando o pagamento dos prêmios), e o próprio Alcir (até então sem contrato) decidiu renovar.

Porém, a solução temporária de sua crise interna não resolve todos os seus problemas. Depois de uma campanha brilhante no campeonato, o Vasco entrou muito mal no Robertão: cinco derrotas nos primeiros cinco jogos. O que o coloca ao lado do São Paulo, outro campeão na desgraça (nos primeiros cinco jogos, quatro derrotas e apenas uma vitória). A exemplo do Vasco, o São Paulo enfrentou problema semelhante: seus jogadores não ficaram satisfeitos com o prêmio — 10 000 cruzeiros — pela conquista do título paulista de 1970. Com a calma de sempre, o técnico Zezé Moreira procurou explicar os maus resultados do São Paulo: "O que houve foi que o time se desgastou muito no fim do campeonato. Agora é natural essa queda". Segundo Zezé, as próprias expulsões (o São Paulo teve dois jogadores expulsos nos cinco primeiros jogos) podiam ser conseqüência dêsse desgaste. Menos cauteloso nas suas palavras, o técnico Tim, do Vasco (quatro jogadores expulsos nos cinco jogos iniciais), chegou a êste desabafo: "É muita indisciplina. Palavra que não agüento mais". Procurando reter os problemas dentro de suas paredes, o São Paulo nega que tivesse dado mais 3 000 cruzeiros aos seus jogadores. Mas no Vasco todos sabem o que houve: a diretoria, durante o campeonato, pagou apenas metade dos prêmios, com a promessa de dar a outra parte em dôbro se o time fôsse campeão. Promessa da qual os dirigentes parece que estavam se esquecendo. Mas, em matéria de dinheiro, já está provado, poucos conseguem enganar o jogador. O

Alcir, do Vasco: ôlho fixo no dinheiro

ONU: 25 anos

Ao iniciar seus debates em favor da paz em Lake Success, Long Island, em 1945, a Organização das Nações Unidas estava separada apenas por uma parede provisória das instalações da fábrica Spery Gyroscope Co., especialista em material bélico. Neste sábado, dia 24, ao se comemorarem os 25 anos da entrada em vigor da Carta das Nações Unidas, a situação da ONU não será muito diferente, em têrmos de vizinhança com a guerra. As crises no Oriente Médio e Extremo Oriente parecem não oferecer motivos de orgulho para a ONU no que se refere ao cumprimento do item 1.º do Artigo 1.º da Carta: "Manter a paz e a segurança internacionais". Pelo contrário, a ONU — encarregada de conciliar os interêsses dos 127 membros (o mais nôvo dos quais, o arquipélago de Fidji, foi aceito na última têrça-feira sob o nome de Viti) — entrou na primeira semana das comemorações do seu 25.º aniversário sem resolver sequer os seus problemas internos. Quando um grupo de cubanos anticastristas invadiu o imponente prédio de 39 andares na segunda-feira, dia 12, aos gritos de "fora os russos de Cuba", quase não havia ninguém para contê-los. A maioria dos 230 guardas se encontrava em greve não declarada por aumento de salários e só voltou aos seus postos no dia seguinte — reforçada por mais de 8 000 agentes do FBI —, quando já começavam a chegar os primeiros cinqüenta chefes de Estado que aceitaram comparecer à 25.ª Assembléia-Geral. Entre êles, porém, não se encontrariam os líderes de duas das chamadas "quatro grandes potências": o primeiro-ministro Alexei Kossiguin, da URSS, e o presidente Georges Pompidou, da França. Isso acontecia ao mesmo tempo que, em uma publicação intitulada "Sugestões para Oradores", a própria ONU confessava com humildade: "O que as Nações Unidas fizeram em todos êsses casos foi ganhar tempo. E prosseguem fazendo-o ainda hoje". Entre essas questões estão a descolonização, a proteção aos direitos humanos, o "apartheid", o ingresso da China Comunista, o Extremo Oriente e o Oriente Médio. Para explicar êsse fracasso, alguns setores começam a culpar o comodismo do secretário geral U Thant. Ao contrário do ativo sueco Dag Hammarskjold, morto em desastre de avião quando sobrevoava o Congo a serviço da ONU, em 1961, o antigo e quase desconhecido funcionário birmanês U Thant não passaria de um burocrata, há nove anos trabalhando apenas para manter-se no cargo. De qualquer modo, o fato é que as

NEWSWEEK

Thant (à direita) e Hammarskjold

repetidas decisões das potências de iniciar ações ignorando a ONU (Suez, Coréia do Norte, Congo, Vietnam, Chipre, Biafra, Oriente Médio) levaram um diplomata libanês a afirmar: "No quadro atual das circunstâncias, nem com De Gaulle na secretaria-geral a ONU faria algo melhor". O que certamente confirma a análise do chanceler da Costa do Marfim, Arsène Assouan Usher, que já presidiu o Conselho de Segurança: "Numa disputa entre duas pequenas potências, a disputa desaparece; numa disputa entre uma pequena potência e uma grande potência, a pequena potência desaparece; numa disputa entre duas grandes potências, as Nações Unidas desaparecem".

Após 25 anos de sua criação, tudo o que a ONU parece desejar é que a última parte dêsse raciocínio não se cumpra. E é para isso que ela ganha tempo. O

Lonsdale (?-1970)

Morreu: o espião soviético **Gordon Arnold Lonsdale,** nascido não se sabe onde nem quando; dia 8, em sua casa nos arredores de Moscou; fulminado por uma síncope cardíaca quando colhia cogumelos. Essa morte calma contrasta com sua vida de perigos e aventuras. Espião no Ocidente por mais de vinte anos, os serviços secretos de vários países tinham dêle três fichas diferentes: êle era o comerciante canadense Gordon Lonsdale (identidade que mais adotava), o ex-militar soviético Konon Trofymovich (que lutou na Polônia contra os nazistas) e também o distinto major americano Alexander Johnson, conhecido por sua camaradagem com oficiais da NATO na Europa. Ao ser prêso em 1961, em Londres, foi condenado a 25 anos de prisão. Em 1964 foi trocado pelo negociante britânico Grevylle Winne, detido como espião na União Soviética. Ao chegar à Alemanha Oriental esperava-o uma mulher, Halina, com quem se havia casado anos antes, na Polônia. Além dela, os serviços secretos registram mais 26 mulheres na vida de Lonsdale: uma com quem também se casou e 25 amantes;

UPI

Lonsdale: 3 vidas

Morreram: o ex-ministro das Relações Exteriores da Polônia, **Adam Rapacki,** 68 anos; prisioneiro de guerra dos nazistas até 1945, cujo nome se ligou depois ao plano de desatomização da Europa central (plano Rapacki), recusado pelo Ocidente; dia 11, em Varsóvia, afastado da política desde 1968 por ter ficado contra a invasão da Checoslováquia pelos soviéticos;

● o ex-primeiro-ministro francês **Edouard Daladier,** 86 anos; signatário, em 1938, juntamente com o premier Chamberlain, da Inglaterra, do pacto de Munique, autorizando Hitler a invadir a Checoslováquia em troca da paz na Europa ocidental; do coração, dia 11, trinta anos depois de romper com o marechal Pétain por não concordar na colaboração com a Alemanha, para em seguida ser prêso pelos nazistas até 1945.

Indicado: como candidato ao prêmio Nobel da Paz de 1971, o sertanista **Cláudio Villas-Boas,** 52 anos; irmão do também sertanista Orlando Villas-Boas; dia 13, com o patrocínio do naturalista, zoólogo e escritor Julian Huxley, do antropólogo Claude Lévy-Strauss (que já lecionou em São Paulo) e de Lloyd Boy Orr, prêmio Nobel da Paz de 1949.

Empossado: o general **Arthur Mascarenhas Façanha,** 64 anos, na presidência do Conselho Nacional de Pesquisas; dia 14, pelo ministro da Justiça; prometendo incentivar os trabalhos do CNPq no inventário da região amazônica, no estudo da plataforma continental e no desenvolvimento da pesquisa em agricultura.

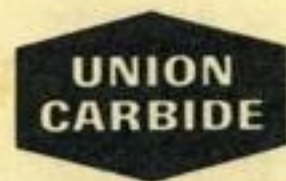
Nasceu: com 3 400 gramas (ainda sem nome), o filho da atriz **Márcia Rodrigues,** 23 anos; famosa desde sua escolha pelo poeta Vinicius de Moraes para encarnar a figura da garôta de Ipanema no filme de Leon Hirszman; dia 11, na Casa de Saúde São José, no Rio.

Renunciou: o economista chileno **Felipe Herrera,** 43 anos; ao cargo de presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, alegando que "dez anos é suficiente" (veja a página 55). O

NOSSO TRABALHO SÉRIO MUITAS VÊZES VIRA BRINQUEDO.

Brinquedos, tecidos, produtos químicos, pneus, balões de borracha, eletrodomésticos, remédios - em tudo, pràticamente, entram os produtos da Union Carbide: polietileno, etileno, cloreto de vinila, acetileno e benzeno.

Desde 1958, quando a Union Carbide construiu a unidade pioneira para produzir polietileno no país, muita coisa mudou no Brasil. Milhares de indústrias surgiram para trabalhar com a matéria-prima petroquímica. Assim criaram-se novas oportunidades de emprêgo fazendo circular a riqueza nacional.

Com isto o Brasil vai produzir melhor e mais barato os seus remédios, eletro-domésticos, pneus, tecidos... e também os brinquedos com pilhas Eveready que fazem seu filho sorrir. Êste sorriso, para nós, é muito sério.

Pioneira em Petroquímica

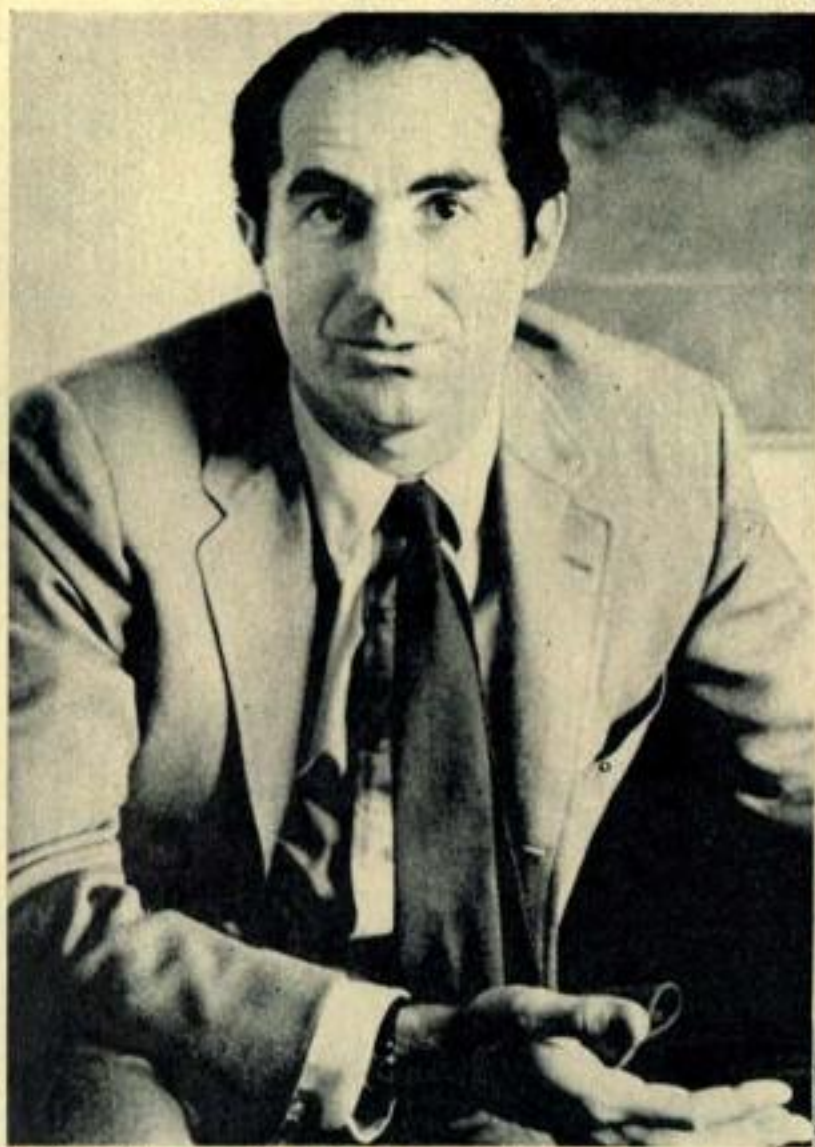
LITERATURA

Comédia sexual

COMPLEXO DE PORTNOY, Philip Roth — Editôra Expressão e Cultura; 303 páginas; Cr$ 23,00.

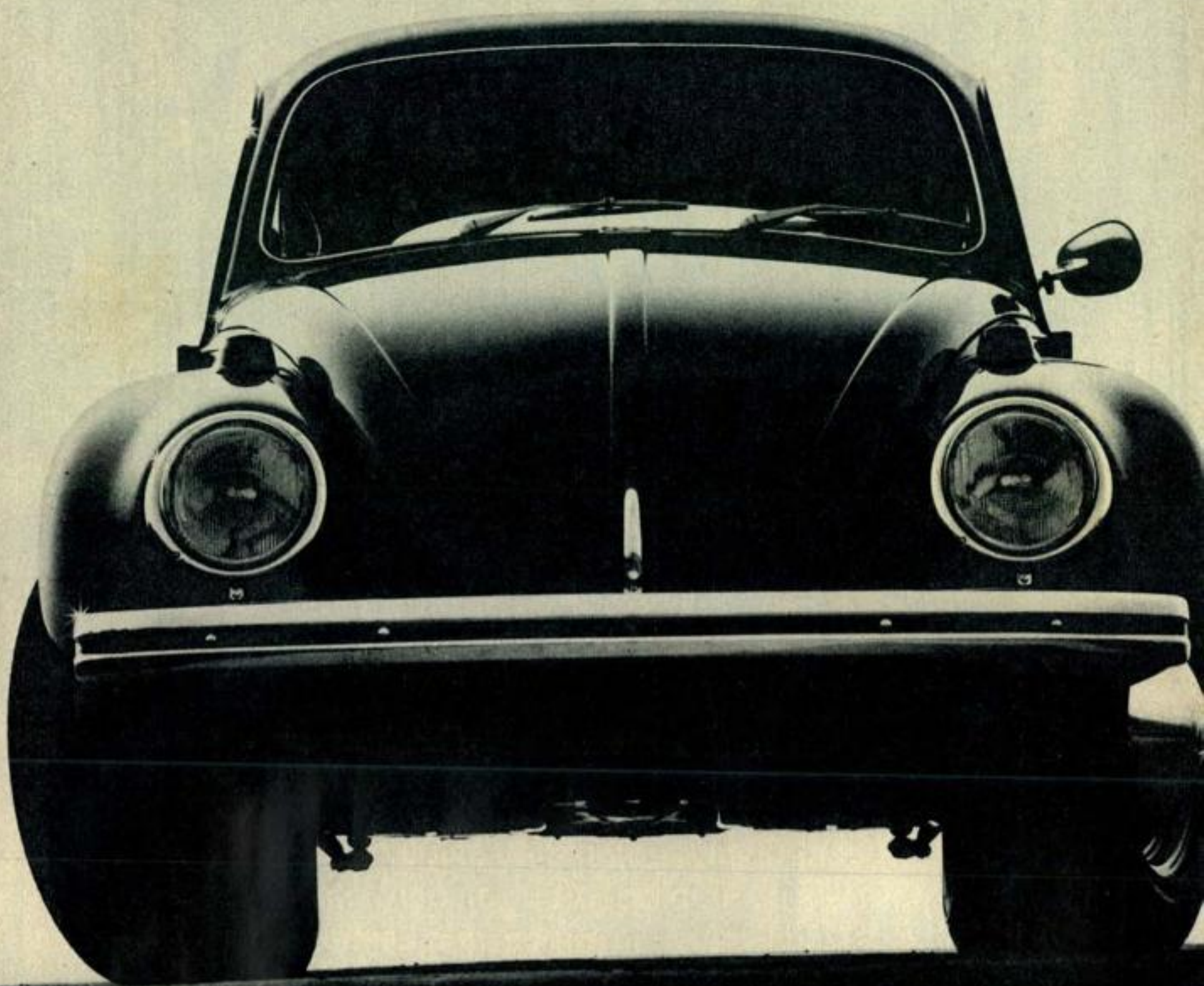
Como as decalcomanias que enfeitam milhares de carros no Brasil, o romance "Complexo de Portnoy" também faz uma exigência radical: "ame-o ou deixe-o". Desde o escândalo de sua publicação nos EUA, no ano passado (4 milhões de exemplares vendidos), dividiu em campos opostos seus leitores. Os vizinhos do autor, Philip Roth, no prédio de apartamentos em que mora em Nova York, passaram a ter dois comportamentos críticos dêsse "Manual Completo da Masturbação". Alguns batiam-lhe acintosamente com a porta na cara. Outros o convidavam para um uísque e uma explicação por exemplo sôbre a prática do onanismo utilizando luvas de beisebol. Essas atitudes espelhavam a reação igualmente intransigente dos críticos: "uma obra asquerosa, analfabeta, maçante e pueril", ou "o romance de sexo mais descaradamente engraçado que já se escreveu".

Lançado no Brasil duas semanas depois de publicado o livro de contos de seu autor, "Goodbye, Columbus" (VEJA n.º 108), êste complexo na realidade é uma obra-prima de humor. Diante do psicanalista, o personagem de Philip Roth narra sua história de judeu americano obcecado por um distúrbio que dá o nome ao livro: o complexo de Portnoy. Conflito entre atitudes altruístas e desejos sexuais reprimidos, deriva, tìpicamente, da mistura mortífera para a maturidade mental e erótica: uma Mãe Perfeita, fiel observadora dos preceitos judaicos, e um Pai procurando, impaciente, uma solução para sua prisão de ventre de proporções gigantescas.

Megatons de riso — Esta bomba literária explode com uma carga de infinitos megatons de hilaridade. A figura dominante é a mãe: "Minha mãe era capaz de fazer tudo... Verificava minhas somas, atrás dos meus erros; minhas meias, atrás dos buracos; minhas unhas, meu pescoço, cada junta, cada dobra do meu corpo, atrás de sujeira. Chegava a dragar os recônditos recessos dos meus ouvidos com água oxigenada". Tirânica, dominadora, a Mãe parece ter trocado de papel com o Pai, dócil e perseguido pela preguiça intestinal. "A ubiqüidade dela e a prisão de ventre dêle, minha mãe voando pela janela do quarto de dormir, meu pai lendo um vespertino com um supositório enfiado no traseiro... Estas, doutor, são as impressões mais remotas que tenho de meus pais, de suas qualidades e segredos. Êle costumava preparar uma infusão de fôlhas de sena numa caçarola... E então, curvado silenciosamente por sôbre o recipiente vazio, como que à escuta de um trovão distante, aguardava o milagre... Mas o milagre jamais veio, pelo menos como imaginávamos e rezávamos para que viesse, como uma suspensão da sentença, uma libertação total do tormento. Lembro-me também que, quando anunciaram pelo rádio a explosão da primeira bomba atômica, êle disse em voz alta: 'Talvez isso resolvesse o caso'."

Philip "Portnoy" Roth: o complexo muito familiar

Imprensado entre a Mãe Despótica e o Pai Desfibrado, Portnoy descobre, na adolescência, que o único território legìtimamente seu é seu corpo. O onanismo passa a ser ao mesmo tempo sua Declaração de Independência da família e sua Libertação através da Fantasia. O soutien da irmã, uma meia velha, uma garrafa de leite, tudo colabora com suas alucinações sexuais explícitas e hilariantes.

Impotente em Israel — Estágio da Evolução da Espécie não previsto por um Darwin do Sexo, a masturbação inventiva precede os encontros tragicômicos com as "shitzes" (as môças não judaicas) loiras, frias, inacessíveis. Portnoy é também o Filho Pródigo que busca na Terra da Promissão — Israel de hoje — sua reintegração no mundo judaico, como uma possibilidade de superação de seu complexo neurótico. Inùtilmente: a amazona "sabra" (judia nascida em Israel), que foi pioneira de um kibbutz e que êle tenta seduzir numa cena grotesca, não só o repele ("Porco! E desferiu um pontapé. E acertou! Com tôda a fôrça daquela perna de pioneira, bem abaixo do coração — era o golpe que eu estava ardilosamente almejando...") como lhe revela a hipocrisia de sua vida como vice-presidente da Comissão Social de Oportunidades do Estado de Nova York, levando-o até a impotência: "Impotente em Israel, dá, dá, dá a — cantarolei, com a música de uma cantiga de ninar". Entrevistado pela revista "Life", Philip Roth fêz questão de ter ao fundo uma fotografia de Franz Kafka, seu autor preferido. As semelhanças são evidentes: como o autor checo, judeu de língua alemã, o herói de Roth tampouco se integra na comunidade protestante americana nem na comunidade ortodoxa, de língua hebraica, de Israel. Traumatizado pelo pai brutal que o colocou numa noite de inverno trancado na varanda, Kafka faria de seus livros uma invectiva psicopática contra o Pai Tirânico. Roth cria um monumento hilariante (mas que deixa entrever claramente abismos de angústia) à Tirania da Mãe Judaica que o ameaça com uma faca quando êle, garotinho de seis anos, não tem apetite para comer a comida ortodoxa "kosher". Narrativa psicanalítica de uma graça angustiada como a dos humoristas judeus americanos Zero Mostel e Lenny Bruce, cuja graça oral imita, êste "Complexo de Portnoy" revela as características de um autor judeu diferente dos outros judeus da literatura americana. Sem a profundidade da meditação moral de um Saul Bellow nem o humorismo leve e de malícia velada de um Malamud, Roth distinguiu-se como uma caricatura de Kafka. O que para o autor de "Metamorfose" é trágico e apavorante — a transformação de Gregor Samsa num monstruoso inseto —, para Roth é motivo de gargalhadas de humor negro, forma de catarse e de driblar a angústia e pretexto para uma aula magistral de riso. O

Êste será o primeiro carro em sua vida.

Ou o segundo.

Com o nôvo VW 1300 o sonho do primeiro carro nunca vira pesadelo.

Começa que o seu preço de aquisição abre os olhos de qualquer um: é o menor que existe.

Depois, sua mecânica não tira o sono de ninguém. É segura, testada e comprovada em mais de um milhão de casos, para só falar do Brasil.

E o nôvo 1300 vem com nôvo pára-choque de uma lâmina só, nova tampa do motor redesenhada e nôvo painel. Para quem precisa de um segundo carro, o nôvo 1300 também é a solução para dormir com a consciência tranqüila.

Claro, é aquela mecânica que não dá problemas, que não deixa v. na mão.

O nôvo 1300 está sempre pronto para atender a família, sem prejudicar o orçamento da família.

De qualquer forma, como primeiro carro de sua vida ou o segundo carro de sua família, o nôvo Volkswagen 1300 é o carro ideal.

Pare de sonhar com êle, transforme o seu sonho em realidade. É para isso que nossos revendedores existem.

VW 1300

Grito e soluço

Nas bandinhas escolares, quando um garôto erra, só os outros garotos riem. Na peça OS RAPAZES DA BANDA (teatro Cacilda Becker, São Paulo), nove meninos grandes contam suas histórias, onde se misturam a ópera bufa e a sinfonia, o iê-iê-iê e o soluço de ópera. Aquêle que desafina é gozado impiedosamente. Os espectadores, na platéia, compartilham do riso e da vergonha, do grito e do soluço.

Os personagens homossexuais desta peça têm os problemas específicos da minoria erótica a que pertencem, mas o que seu autor, o americano Mart Crowley, coloca em cena e em jôgo é algo mais que um simples grupo de rotulados, segundo suas preferências sexuais. São nove sêres humanos — e por isso inseguros, patéticos, paradoxais, sujeitos a erros e acertos, angústias e alegrias. Ser ou não ser homossexual não é a questão para os personagens. Êles aceitam sem dilema sua condição. Da auto-aceitação êles partem para um tipo de vida o mais possível normal. Mas a eliminação da dúvida não estanca as conseqüências do comprometimento. A sociedade lhes dá um rótulo e o desprêzo, mas não os imuniza contra os perigos de seus relacionamentos afetivos "normais": encontros, desencontros, crises de solidão e ciúme, propósitos e promessas (cumpridos ou não). Crowley parte do princípio: a minoria é como a maioria: ama, fere, sofre, brinca, ri, pensa, bebe, come lasanha. É óbvio. Mas o óbvio cai sôbre os espectadores com o impacto de uma nota de tuba durante um concêrto de cordas. Êstes rapazes são como quaisquer rapazes de qualquer turma do mundo. Só buscam uma coisa: ser felizes, amar e ser amados. Só que, para êles, a felicidade e o amor não estão em pessoas do sexo oposto.

Coisas do coração — Marta e George, o casal maduro de "Quem Tem Mêdo de Virginia Woolf?", se agridem e agridem o casal jovem que recebem em casa. Michael, o anfitrião de "Os Rapazes da Banda", agride e é agredido por seus convidados com requintes tão cruéis como os criados por Edward Albee ("Perdoai, Senhor, os nossos erros e deixainos cair em tentação, agora que estamos ligados pelos sagrados laços do masoquismo"). O cerimonial de destruição mútua é semelhante e não menos impiedoso. Talvez mais: são nove, aqui, as pessoas empenhadas em atacar e defender.

No jôgo "Coisas do Coração", inventado por Michael, valem tôdas as armas — e às vêzes gumes invisíveis surgem na hora do desfecho. Nesse jôgo (os rapazes devem telefonar para a pessoa que mais amaram na vida e dizer-lhe isso) só há uma regra: se fôr preciso, mata-se para não morrer. E como é um jôgo, há contagem de pontos. Michael decide: "Quem fizer a chamada, ganha um ponto. Se a pessoa chamada responder, o jogador ganha mais dois pontos. Se a pessoa atender e o jogador disser quem é, ganha outros dois pontos. E, grande prêmio, se o jogador disser que ama a pessoa para quem ligou, ganha um máximo de pontos: cinco. Ganha quem obtiver maior número de pontos".

MARIO ZILLI

Walmor e Otávio Augusto: o jôgo terminou. A angústia, não

Reciprocamente — A ação se passa em Nova York durante uma noite inteira. Michael (Walmor Chagas) oferece uma festa de aniversário a Haroldo (Paulo César Pereio). David (Benedito Corsi), um dos convidados, traz seu presente para o aniversariante: um rapazinho, um "midnight cowboy" alugado por "mais de 20 dólares" (Paulo Adário). Há os outros convidados (Otávio Augusto, Roberto Maya, Denis Carvalho e Bené Silva) e um visitante inesperado e em conflito com seu homossexualismo latente: Alan (John Herbert), ex-colega de faculdade de Michael. As religiões estão representadas: há o católico e o judeu; as raças também: os brancos e o prêto; tôdas as idades: do caubói recém-saído da adolescência, passando pelo jovem, o maduro, até o "coroa"; sem esquecer o estado civil: os solteiros, casados e divorciados. Há os muito viris e os afeminados. Êles subestimam seus próprios dramas, transformando-os com piadas ou frases de efeito, com mais ou menos estoicismo, mais ou menos inteligência, mais ou menos sucesso. Ou, simples e cômodamente, ignorando-os, iludindo-se. O autor não se engana e não engana ninguém: trata o assunto com franqueza, sem puritanismo mas também sem fazer proselitismo. E no jôgo limpo do autor fica tácito seu desejo de reciprocidade: que os jogadores da platéia sejam também honestos e não marquem com um rótulo escapista as nove cartas que estão no palco.

O texto de Crowley foi muito bem traduzido por Millôr Fernandes e, dentro de suas proposições tradicionais, encenado ágil e corretamente por Maurice Vaneau (que dirigiu "Quem Tem Mêdo de Virginia Woolf?"). Os cenários de Ciro del Nero cumprem com fidelidade e bom gôsto as rubricas do autor. O elenco é bem homogêneo. Erros eventuais de dicção e imaturidade cênica são engolidos pela agilidade e humor dos diálogos.

Neste "Parabéns a Você" a nove vozes, destaca-se, porém, Walmor Chagas. Sempre perfeito, dá, neste nôvo trabalho, vida e fibra ao personagem, em tôdas as suas múltiplas nuanças. Denis Carvalho faz uma boa estréia, Benedito Corsi um ótimo retôrno à interpretação (seu último trabalho foi a direção de "O Cinto Acusador") e Paulo César Pereio (o bêbado Mané de "Roda Viva") outro excelente trabalho. Neste espetáculo, os desafinos ocasionais são abafados pela nota única e mais forte solfejada por todos: o desespêro. O

Político e poético

Nem só de gritos de guerra e degolações épicas viviam os samurais. Em **KURONEKO** (ou "O Gato Prêto" — São Paulo), êles viviam também do saque, do assassinato de inocentes e de uma servidão sem limites aos donos do poder. Pior que isso: deuses invencíveis em terra firme, são derrotados e assassinados (com mordidas no pescoço) pelos fantasmas de suas vítimas. Outros filmes japonêses da época já ensinaram que entre os séculos XI e XIV a história do país foi escrita com sangue e opressão, mas "Kuroneko" ensina também que até os fantasmas podem se transformar em símbolos de uma transformação social. Duas mulheres (Nabuko Otawa e Kiwako Taichi) são roubadas, violentadas e mortas por um bando de samurais. Um gato prêto lambe as feridas de seus pescoços.

Elas reaparecem logo depois como delicadas e sedutoras vampiras. Embriagando os pretensiosos e galantes samurais, vão mastigando seus pescoços numa escala tão assustadora, que dentro em pouco a ordem feudal e o próprio imperador se sentem ameaçados. É o mais valente de todos os samurais (Kei Sato) quem deve exterminar os fantasmas, mas êle é filho de uma das mulheres e marido de outra. A mulher prefere amar o marido (em vez de odiá-lo) e condena-se aos infernos. A mãe, no entanto, empenha-se num monstruoso embate de profundas ressonâncias edipianas com o filho até um final em que êle acaba sendo destruído.

O diretor Kaneto Shindo ("Onibaba") parece ter aprendido tôdas as lições de terror ensinadas pelo cinema e pelas lendas de seu país. Os grandes olhos do gato prêto brilhando, em primeiro plano, e seu miado fúnebre ecoando entre os bambuzais envoltos em bruma são momentos dignos do melhor que o cinema tem apresentado em inspiração visual, suficientes para se destacá-lo dos costumeiros e histéricos desperdícios de hemoglobina que caracterizam os filmes de samurai. O samurai, para o marxista Kaneto Shindo, era um bárbaro ignorante que procurava destacar-se socialmente colocando sua espada a serviço do feudalismo. Os fantasmas, para o poeta Shindo, podiam simplesmente não existir (o próprio chefe dos samurais admite que é preciso criar perigos, mesmo falsos, para justificar a opressão) e, no entanto, êles são vistos na tela arrastando docemente os samurais para o leito e para a morte. Reais ou imaginários, o resultado é mais um retrato — desta vez em tons sobrenaturais — da luta ancestral de uma humanidade talvez condenada para sempre a viver entre as trevas, a barbárie e a esperança. O

FRANCO-BRASILEIRA

O samurai ataca: entre vampiras, o seu pescoço é que vai perder a batalha

Tragédia ligeira

À primeira vista, nada mais sombrio: uma espôsa traída, um artista frustrado, uma amante desprezada, uma ninfomaníaca de pileque e a ameaça de abandono para duas criancinhas. Mas **O AMOR É TUDO** (São Paulo) confia mais na tragédia ligeira que na tragédia intensa e o resultado é que a banalidade raramente chegou à tela de maneira tão descontraída. Brooks (George Segal), um desenhista de publicidade, está brigando com a amante (Janis Young), com os vizinhos (no subúrbio) e consigo mesmo. Sua mulher (Eva Marie Saint) faz planos para uma nova e improvável casa e Brooks, esquecendo isso, bebe seus drinques e insulta os empresários que poderiam lhe dar mais dinheiro. Bêbado, mas com muita sorte, consegue a simpatia de um dêles (Sterling Hayden), dono de uma fábrica de caminhões, mas se aborrece com a perspectiva de passar o resto de seus dias pintando ilustrações de motores e potentes veículos pilotados por sorridentes motoristas. Jamais consegue resolver qualquer um dêsses dramas. É uma história de conflitos domésticos, corriqueiros, e o personagem, que poderia ser trágico, não tem fôrça nem personalidade bastantes para deixar de ser apenas triste, no mau humor sem revolta do homem médio incapaz de fazer outra coisa senão o que lhe pedem. Sua arma é o copo e as tempestades que desencadeia são muito mais cômicas do que sérias. Para a grande festa na casa de um magnata, sua mulher compra vestido nôvo e vai ao cabeleireiro. Êle prefere agarrar a amante (sem sucesso) e depois brincar no quarto das crianças com a mulher que o persegue desde o começo do filme (Nancie Phillips), sem saber que seu amor de bêbados, dentro de um berço, está sendo visto por tôda a festa através de um circuito fechado de TV. Nada demais: todos riem, o marido enganado perde o equilíbrio ao tentar esmurrá-lo e a espôsa se contenta em dar-lhe uma surra de bôlsa. "Festa é festa!", defende-se êle, mas não precisava se dar ao trabalho: a mulher o leva para casa, numa trilha de neve, e é fácil adivinhar que no fim da trilha está uma manhã igual a tôdas as outras. O

NEWSWEEK

Segal e Nancie: todos estão vendo

ABRIL PRESS

Elis Regina, 65: surprêsa

Canções e problemas

A principiante Elis Regina ergueu um braço, depois o outro e intensificou seus movimentos com o corpo à medida que a música vitoriosa projetava seus fortes impulsos sonoros sôbre a surpreendida platéia do clube Tortuga, no Guarujá. Estava encerrado com "Arrastão", muitos aplausos e já algumas brigas o I Festival da Música Popular Brasileira, da extinta TV Excelsior de São Paulo. Com êle e o significativo gesto da cantora, abria-se o ciclo dos festivais. Um ano depois, em 1966, no festival da Record, um público ainda mais vibrante presenciava dois novos nascimentos: o do jovem e tímido Chico Buarque, com sua fluente "A Banda", pela voz pequena de Nara Leão, e a do então pouco conhecido Geraldo Vandré, em "Disparada", por Jair Rodrigues. Outros explosivos momentos empolgariam em novos e multiplicados festivais: ainda no da Record de São Paulo, Caetano Veloso ("Alegria, Alegria"), Gilberto Gil ("Domingo no Parque") e Edu Lôbo ("Ponteio"); no Festival da Canção, em 1968, novamente Caetano Veloso ("É Proibido Proibir") e Geraldo Vandré ("Caminhando"). A partir do ano passado, porém, o aparentemente inesgotável e fértil caminho dos festivais soaria menos brilhante a um público ainda maior que os anteriores, mas menos entusiasmado: o hoje consagrado Paulinho da Viola, mesmo classificado em primeiro lugar no festival da Record, não conseguiu projetar-se nas noites festivas do espetáculo, apesar de sua bela música "Sinal Fechado" (seu grande sucesso começou no início do ano, no carnaval, com "Foi um Rio que Passou em Minha Vida"). E, no IV FIC, personalidades internacionais e poucos grandes nomes nacionais presenciaram a vitória da débil valsinha "Cantiga por Luciana", mas não chegaram a empolgar-se com seus dois autores (Paulinho Tapajós e Edmundo Souto), esquecidos pouco após o espetáculo. A partir da quinta-feira passada, iniciou-se o desfile das concorrentes do V FIC. Qual será o seu destino?

PAULO SALOMÃO

Nara, Chico e Jair, 66: sucesso

Perdas e danos — Do ponto de vista publicitário — pelo menos de acôrdo com os insistentes anúncios de seu organizador, Augusto Marzagão — as perspectivas são otimistas. "Em todo o mundo 350 milhões de pessoas (através de vídeo-tapes para a Europa e EUA) assistirão ao Festival." E, mais uma vez, ainda segundo seus pronunciamentos, as personalidades convidadas, entre músicos e jornalistas estrangeiros, deverão se encarregar de divulgar as "boas impressões" da música brasileira que costumam ressaltar em suas entrevistas. Tais expectativas, no entanto, nem sempre se realizam. Em seus quatro primeiros anos, o

ANTONIO ANDRADE

ABRIL PRESS

Caetano, 68: explosão

Geraldo Vandré, 68: impacto

V FIC, 1970: indefinição

FIC deixou um grande saldo de promessas (boa parte dos músicos estrangeiros convidados ficou de gravar canções brasileiras) e um maior deficit de realizações. Das primeiras classificadas nacionais — "Saveiros", "Margarida", "Sabiá" e "Cantiga por Luciana" — apenas duas foram gravadas no exterior. E a mais importante das gravações — a de "Sabiá", por Frank Sinatra — sequer foi lançada comercialmente. As estrangeiras escolhidas, "Frag Den Wind" (I FIC), "Per Una Dona" (II), também acompanharam a pouca sorte das brasileiras: mesmo em seus países originais, Alemanha e Itália, a repercussão das canções foi pequena. No mercado nacional, as revelações do FIC, apesar da poderosa movimentação de bastidores, também não se encontram entre as mais relevantes. Em 1966 projetou a dupla Dori Caymmi-Nélson Motta (hoje desfeita), no ano seguinte consolidou o prestígio de Chico Buarque ("Carolina") e lançou Mílton Nascimento ("Travessia"). E no III FIC, além dos aplausos a Vandré, fortificou o hábito das vaias: Tom Jobim e Chico Buarque foram contemplados com quase cinco minutos de um agudo unissono de 30 000 pessoas.

Na Patagônia? Nos Urais? — As reações apaixonadas e quase sempre pouco coerentes do clima de competição do Festival, no entanto, não podem ser apontadas como fatôres isolados para o quase total desaparecimento dos chamados grandes nomes do palco do Maracanãzinho. Alguns novos compositores — como é o caso de Paulo Diniz — e outros consagrados deixaram de participar por contratos com diferentes editôras musicais (pelo regulamento, a edição das concorrentes cabe às editôras "Balaio", "Nôvo Rumo", "Luciana" e "Catavento", pertencentes à Globo e registradas no nome de Marzagão). Outros grandes cartazes de espetáculos anteriores, como a pioneira Elis Regina, desinteressaram-se simplesmente da competição. Ou, como Jorge Ben e Wilson Simonal, preferiram assumir outros compromissos. Jorge estará em temporada na Sucata durante o FIC e Simonal na semana do encerramento deverá apresentar Ella Fitzgerald no Municipal. Os maiores cartazes — entre êles Pelé — estarão no júri e, mesmo entre os estrangeiros — os principais, o conjunto Wallace Collection (Bélgica) e Iva Zannichi (Itália) —, no V FIC existem poucos nomes importantes. O pouco interêsse dos artistas também correspondeu à reduzida movimentação nas gravadoras. Apenas uma delas (a Odeon) gravou dois LPs inteiros com quinze concorrentes, enquanto que nos anos anteriores, além do grande número de compactos com as principais classificadas, pelo menos cinco LPs de diferentes selos eram lançados após o espetáculo.

É provável no entanto que o menor interêsse do Festival tenha um outro e quase esquecido motivo, o musical. Apesar da visível predominância do clima promocional — que também é responsável pelo esvaziamento de vários festivais de cinema —, a expectativa criada não tem correspondido às músicas de impacto como a dos primeiros anos dos festivais. No caso do FIC, talvez por um rígido respeito a uma célebre frase do coordenador Marzagão no ano passado ("quero uma música que seja cantada da Patagônia aos Urais"), algumas mais fortes correntes musicais brasileiras foram afastadas. Pròvàvelmente as que forneceriam maior impacto aos estrangeiros presentes.

Sinval Silva, velho compositor de sambas e sucessos de Cármen Miranda, queixa-se de que o envelope com sua música concorrente nem foi aberto pela comissão de seleção. Mas, como existem poucos meios de comunicação com o deserto da Patagônia ou com os montes Urais, pode ser que algumas escolhidas dos últimos anos estejam sendo cantadas naquelas extremas regiões. O

ANTONIO ANDRADE

A voz cobiçada

Há duzentos anos, na Europa, Alfred Deller seria um homem privilegiado: apesar de possuir a cobiçada e rara voz de contratenor — uma estranha e aguda emissão entre a voz feminina e masculina —, não tinha passado pelas operações pouco interessantes que exigiam sua difícil arte. Principalmente nos famosos coros da Capela Sistina, no Vaticano, todos os contratenores eram castrados ainda jovens e dessa forma cumpriam as não menos difíceis exigências da pauta musical. Um pouco antes da Revolução Francesa, no entanto, a prática foi diminuindo. Deller e seu filho Mark, que se apresentaram na semana passada no Rio e em São Paulo, são pràticamente os únicos cultores do gênero nos últimos duzentos anos.

A curiosidade do público, no entanto, não tira de Deller consideráveis problemas de sua arte, diferentes da de seus antecessores. A falta de suaves e treinadas gargantas limitou também o repertório e hoje Deller, um inglês circunspecto de bigode e barbicha, é obrigado a incluir temas do século XVIII em seu repertório. Quase sempre apresenta músicas renascentistas e no Rio reviveu canções

ADHEMAR VENEZIANO

Alfred Deller: difícil e rara habilidade

elisabetanas, uma peça de Monteverdi e algumas de Purcell (1659-1695). Com seu famoso Alfred Deller Trio (mais seu filho Mark e um alaudista) formado em 1958, êle se apresenta pela primeira vez na América do Sul.

Apesar de sua delicada atividade, Alfred Deller também desenvolveu outros talentos: soprano do côro da igreja de Margate, sua cidade natal, desde os onze anos, êle pouco mais tarde tornou-se também hábil lutador de boxe e esgrima, bom jogador de futebol e críquete. Êsses múltiplos exercícios extramusicais, no entanto, não chegaram a prejudicar sua carreira: solista do concêrto inaugural da BBC de Londres, em 1947 foi nomeado diretor do coral da catedral inglêsa de São Pedro. Às eventuais referências desairosas, costuma responder, com certo desdém: "Tenho uma filha e dois filhos e conheço muitos cantores que seriam bons contratenores, mas preferiram se transformar em barítonos por causa dos preconceitos sôbre sua masculinidade. Felizmente nunca tive lições de canto. Seriam capazes de estragar minha voz". O

Edneide: doente e sonhando...

... ser um dia como Sandra

As cinderelas

Lenço amarelo no cabelo, pele côr de sapoti, Edneide — "só Edneide, sem sobrenome" — está doente do coração e muito provàvelmente não poderá dançar no próximo "Jorge Chau Show", uma cópia pernambucana dos programas de Abelardo "Chacrinha" Barbosa, apresentada semanalmente pelo Canal 2, do Recife. Edneide jura que vai melhorar para não ter que abandonar o balé da televisão. Um amigo seu, próximo à conversa, sugere em brincadeira de mau gôsto: "Não é melhor você morrer durante o programa? Ficar imortal?"

Edneide, carioca de dezessete anos que emigrou para a TV do nordeste acreditando encontrar um caminho mais fácil para a fama e hoje ganha cem cruzeiros por mês, faz cara de chôro. A brincadeira, com um trágico fundo de verdade, abalou seu sonho de uma rápida e rica carreira de estrêla da televisão. Um sonho igual ao de centenas de môças bonitas que pelo Brasil inteiro, todos os dias, procuram as emissoras pedindo um papel qualquer, seja uma "ponta" em novela ou uma dança num musical. E que, como brincou o amigo de Edneide, talvez aceitem até a morte em cena, se êste fôr o preço da glória.

Das ilusões — Em busca da fama ou, menos ambiciosamente, da simples proximidade dos ídolos, só nos arquivos da TV Globo do Rio de Janeiro (emissora que mais recorre a figurantes), existem cêrca de 3 000 pessoas cadastradas no departamento de elenco. "Na sua grande maioria, meninas com corpo e rostinho bonitos, vindas dos subúrbios do Rio e sem um pingo de cultura", diz um dos responsáveis pelo departamento. "Se não inscreverem minha filha eu me mato", é uma das tentativas de chantagem freqüente que o funcionário da TV Globo está cansado de ouvir das que qualifica de "eternas desajeitadas, semi-analfabetas, que vivem aspirando a glórias impossíveis".

"Regina Rayol": no mundo do sucesso

Alguns casos são patéticos. O da recifense Regina Silva, ou "Regina Rayol", por exemplo. Figura insistente nos programas de calouros da televisão pernambucana, Regina leva uma vantagem incomum sôbre as outras candidatas ao sucesso: é conhecida como "a noiva do cantor Agnaldo Rayol" e criou um mundo de alegria e realização que nenhuma outra concorrente consegue atingir. Há muito tempo, desde que o pai de seu filho de oito anos morreu, "Regina Rayol" habita êsse mundo imaginário. Na verdade não é nem Rayol, nem Silva, e sim Regina Josefa da Conceição, 29 anos, sem a fama e sem o talento que alardeia: "Faz dois anos que estreei na TV como cantora e compositora (O escorrêgo do presidente/ o presidente de nossa gente/ é mesmo de primeira/ faz brincadeira de qualquer maneira). Eu faço e canto minhas músicas, tenho um fã clube que não tem tamanho. Meu grande público me adora. As cartas do Agnaldo e dos meus fãs a água levou na última cheia". E Regina vai cantando sem muita dificuldade, garantindo audiência nos programas de calouros que ela nunca vence mas anima. O público gosta e se deprime com sua imagem ridícula, aplaude e vaia.

Da verdade — Já no caso de Heloísa Melgaço, carioca de 25 anos que trocou "o segundo ano do curso de medicina pela figuração, para dobrar minha altivez", a coisa é bem diferente. Depois de dez horas de espera, ela teve a sorte de ser escolhida para uma das gra-

vações do último capítulo de "Pigmalião 70" e apareceu pela primeira vez no vídeo, compondo o quadro de uma cena de aeroporto, conversando com outros figurantes, durante alguns segundos. "É o começo", ela diz. "Quero saber até que ponto é preciso a gente se prostituir para alcançar o sucesso, ou até que ponto é o talento que realmente interessa." "Na vida de tôdas essas meninas", conta Bernardo Mendonça, repórter da Sucursal de VEJA, no Rio de Janeiro, "senti que existe a cama e a prostituição. Dificilmente o sucesso."

O cachê de figurante da TV Globo é 20 cruzeiros por gravação. Se êle participar de uma fala, mesmo que insignificante, recebe dobrado. Às 7 horas da manhã, a turma escalada no dia anterior para gravar os extras de uma novela já transita pelos corredores da emissora.

Marlene de Oliveira e Silva, 23 anos, também aguarda o início das gravações, foi escolhida. Às cinco da tarde, terminados os trabalhos, Marlene teve um papel de destaque: caminhou cinco passos, do balcão de recepção do "aeroporto" até os astros Sérgio Cardoso e Tônia Carrero, no último capítulo de Pigmalião, entregou-lhes a passagem e disse uma frase curta. Por isso vai receber 40 cruzeiros, 20% dos quais vão para a Hollywood, uma das agências espalhadas pelo Brasil todo e que arruma papéis para figurantes, mediante uma taxa de inscrição de 5 cruzeiros e pagamento de duas ou três fotos de 18x24, por 15 cruzeiros.

Mas nada disso tem importância. Marlene de Oliveira está contente, seu rosto vai aparecer no vídeo. Talvez amanhã ou depois ela tenha a sorte de Sandra Varela, dezenove anos (a "Sandra Copacabana"), uma das dezessete "go-go girls" do Chacrinha que, há três anos, dançando duas vêzes por semana, tem um salário fixo de 640 cruzeiros por mês, e é sucesso. O

A côr, enfim

Num desfile de moda ou de escolas de samba, num jôgo de futebol, numa corrida de cavalos ou num programa de calouros, raramente os mais vibrantes locutores e apresentadores resistem ao lamento: "É uma pena que nossa televisão não seja a côres". Na semana passada, quando os caminhões chegados do pôrto do Rio de Janeiro descarregavam pesadas caixas carimbadas com "made in USA" e "made in Germany", no ginásio do Maracanãzinho, êsse sonho colorido começou a adquirir forma. Horas depois de desencaixotada a complicada maquinaria, um dos técnicos da rêde Globo aproximou-se do diretor da emissora, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, para anunciar triunfante que "Deus é mesmo brasileiro". Todos os truques e dificuldades do novo equipamento, explicava o técnico, já estavam sob contrôle.

Garantia-se, assim, a primeira transmissão a côres, do Brasil para o mundo, com as imagens do V Festival Internacional da Canção. Garantia-se, também, a transmissão para os poucos (não se sabe quantos) brasileiros que importaram dos Estados Unidos e da Europa seus receptores para côr — e que, como os locutores e apresentadores, aguardavam ansiosos êsse momento.

Só experiências — Pioneiramente, em 1968, a TV Tupi de São Paulo já havia transmitido alguns filmes coloridos com adaptações feitas no equipamento de que dispunha. No mesmo ano, também improvisando, a Globo conseguiu uma transmissão mista do Grande Prêmio Brasil e do filme "Juventude e Ternura", com Anselmo Duarte e Wanderléa (só quem tinha receptores adequados recebia imagens a côr; o resto recebia normalmente, em prêto e branco). Também o V FIC, na semana passada, foi uma experiência. Com a diferença de que o equipamento usado é o que funcionará em tôdas as TVs brasileiras a partir de junho do próximo ano. Êsse equipamento conjuga o sistema alemão de TV (aprovado pelo govêrno como mais indicado para o Brasil) com o sistema americano (que até agora é usado pelas emissoras brasileiras, em prêto e branco). A rêde Globo ainda não o comprou: apenas conseguiu, do govêrno, facilidades para importação, e prometeu aos exportadores pagar os 500 000 dólares (quase 2,5 bilhões de cruzeiros) pedidos, caso o equipamento aprove.

Apesar de as côres da televisão brasileira ainda permanecerem nessa fase experimental, as primeiras previsões são grandes mudanças. Artìsticamente, abre-se um mercado internacional antes apenas desejado (a Europa verá o V FIC, via satélite; tôda a América Latina também receberá imagem direta; e os Estados Unidos terão o vídeo-tape colorido). Comercialmente, desenha-se um mercado interno antes apenas esperado: um país com as proporções do Brasil e já com seus telespectadores despertados por vinte anos de imagens em prêto e branco. O

ANTÔNIO ANDRADE

Os técnicos e a nova câmara de TV: Deus é brasileiro

Fim da dúvida

Um pequeno giro no botão de sintonia de seus receptores e dezenas de cidades do interior de São Paulo, norte do Paraná e sul de Minas receberão novamente as imagens perdidas há três semanas, quando foram cassadas as concessões dos canais 9 e 2, TVs Excelsior de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente. As imagens do Canal 9 eram as únicas que chegavam até elas, através de uma rêde de retransmissores que a partir desta semana, por decisão do Contel (Conselho Nacional de Telecomunicações), poderá ser usada pela TV Gazeta, Canal 11, a mais nova emissora paulista. Com isso, encerra o govêrno um dos capítulos da novela das Excelsiors: o destino do equipamento técnico das emissoras.

Até a semana passada, os funcionários das duas estações ainda denunciavam o desvio do equipamento (que consideravam como a única garantia de que dispunham para receber os seus salários e indenizações atrasados).

Nos encontros mantidos pelos representantes dos empregados e pelos sindicatos dos radialistas de São Paulo e Rio com os ministros do Trabalho (Júlio Barata), das Comunicações (Higino Corsetti) e da Justiça (Alfredo Buzaid) souberam da decisão oficial em conceder o uso do equipamento e dos retransmissores à Gazeta.

Os funcionários das Excelsiors esperam em breve a mesma euforia que agora domina seus colegas da Gazeta (que se libertou da condição de emissora local, enviando seus programas para 196 cidades dos três Estados): o fato de o ministro do Trabalho estar cuidando pessoalmente do processo parece ir numa rápida solução para o recebimento dos atrasados. O

Grandes planos

Uma lei quase natural ensina que, em matéria de televisão, o gôsto do público varia em períodos cíclicos em tôrno de três elementos simples: novelas, calouros e musicais. Quando um dêsses gêneros de programa detém o máximo da preferência, está na hora de se pensar na reintrodução de outro. Provàvelmente baseada nessa lei, a TV Record de São Paulo vai tentar uma volta gloriosa aos musicais, antevendo uma saturação das novelas, atualmente no auge. Dia 18 de novembro, procurando conquistar o horário nobre das 20h30, Roberto Carlos e Elis Regina, lado a lado, iniciarão a "escalada dos musicais", com um programa semanal produzido por Luiz Carlos Mièli (o "Mister Show") e Ronaldo Bôscoli (marido de Elis). "Êste será uma espécie de programa-pilôto", diz Paulinho Machado de Carvalho, diretor do Canal 7. "Se êle der certo, partiremos para outros."

PAULO SALOMAO

GIRAUDON

Napoleão: seu juiz será Carlos Manga

Nessa sua tentativa de voltar a ser o "templo da música popular brasileira" e líder em audiência no Rio de Janeiro e São Paulo (títulos que ostentou durante dois anos, a partir de 1965), a Record pretende, inicialmente, ir buscar um público afastado da TV e da música nacional: os jovens. Roberto Carlos e Elis (contratados por 40 000 cruzeiros mensais, cada um) não mais irão gravar seus programas no teatro da emissora. Mas no teatro da Universidade Católica. "Queremos", diz Paulinho Machado, "o público que se ressente de uma liderança musical."

Para não ficar apenas na procura dos pontos das tabelas do Ibope (condenados recentemente pelo govêrno), a Record pretende produzir programas de melhor nível cultural. O primeiro dessa ambiciosa série ("O Sétimo Jurado") começa na próxima segunda-feira no lugar do "Quem Tem Mêdo da Verdade?" A mesma equipe de produção e o mesmo Carlos Manga, com a cobertura de um júri de professôres e historiadores, agora investirão contra os grandes personagens da História: seu primeiro réu será Napoleão Bonaparte. ○

SPERRY RAND

PLANEJE COM ANTECEDÊNCIA

Quem não planeja se estrangula.

É preciso adotar amplamente o exemplo que anima o rápido progresso do BRASIL NÔVO: adequado planejamento, que está corrigindo distorções estruturais e alcançando harmônico solucionamento da problemática sócio-econômica. Que está resultando em benefícios para todos e conseguindo vitórias até em torneios mundiais de futebol.

Entidades públicas federais, estaduais e municipais, emprêsas comerciais, industriais e de serviços, estão percebendo que agora é a hora da reformulação de métodos e sistemas burocráticos e operacionais.

Para atender à complexidade da vida moderna, às crescentes necessidades sociais, à competição cada vez mais acirrada, à indispensável redução de custos.

E o elo fundamental dessa "corrente prá frente" é o processamento eletrônico de dados, ferramenta administrativa de ação total para planejar, calcular, informar, simplificar, controlar, economizar.

A UNIVAC, que criou e comercializou o 1º computador eletrônico no mundo, vem também inovar no Brasil com condições de venda mais vantajosas que as de qualquer outro fabricante: um excepcional financiamento em 5 anos. Oferece ainda treinamento gratuito, adequado suporte técnico, variada biblioteca de programas e perfeita assistência de manutenção.

Chame um Representante para conhecer detalhes dos mais aperfeiçoados computadores da 3ª geração: os Sistemas UNIVAC de processamento de dados, em vários modelos e capacidades, com a melhor relação preço/performance do mercado.

Planejar com antecedência é pensar em computadores UNIVAC desde já. Agora! Antes que o futuro o surpreenda.

UNIVAC

A PRIMEIRA EM SISTEMAS DE INFORMAÇÕES EM TEMPO REAL

Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, 109 - 2º-tel. 232-4606 • São Paulo - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 278 - 3º-tel. 239-4315 • Pôrto Alegre - Rua dos Andradas, 1204 - 5º-tel. 24-3308 • Belo Horizonte - Av. Afonso Pena, 1500 - 17º-tel. 22-1730

A poesia do abstrato

Na maioria, são telas grandes, de 3 metros por quatro. Tôdas lembram paisagens abstratas: minerais negros envoltos por véus de vermelhos sinuosos como uma névoa fantástica. A côr é o movimento em estado puro: os quadros de Tikashi Fukushima como que captam uma coreografia espacial complexa. Num campo ocre, formas indefinidas verdes, vermelhas, negras, esvoaçam numa dança imaterial. Massas pastosas, que lembram tintas escorrendo, confluem e se separam, de forma rítmica e musical. Noutra tela, travam-se batalhas aéreas, núcleos de côr chocam-se dramàticamente em meio a nuvens volumosas, sopradas pelo vento e tocadas pelo poente. Mesmo os movimentos violentos, de côres em fuga, são sempre contidos por uma atmosfera profundamente poética e elegante. Mas o pintor nascido na cidade de Fukushima, no Japão, há 50 anos, e naturalizado brasileiro desde os 43, prefere esconder-se atrás de suas invenções cromáticas. Não está na Galeria Documenta, São Paulo, onde expõe desde a semana passada telas de valor variável entre Cr$ 2 000,00 e Cr$ 8 500,00. E é difícil encontrar Fukushima até mesmo em sua casa no bairro distante de Cidade Adhemar, onde uma miniatura de jardim japonês, em degraus de terra ajardinados, lembra a simbologia oriental da água, da pedra, da vegetação.

Fukushima: a tendência lírica do grupo de pintores abstratos nipo-brasileiros

Nipo-brasileiro — Vindo para o Brasil, a chamado de um tio, Fukushima passou de desenhista de uma fábrica de aviões japonêsa, em 1938, a carregador de sacos de arroz numa colônia nipônica em Pompéia e Lins, no interior de São Paulo. Depois, impossibilitado de viver da sua arte, êle descobriu que poderia ganhar o suficiente fazendo molduras para quadros dos outros até que seu nome se impusesse. Fukushima tem vários pontos de contato com seus amigos inseparáveis Mabe, Nomura e Wakabayashi, com os quais joga cartas e complicados dominós orientais aos domingos. Como êles, não pensa em deixar o Brasil: só em Tóquio teria que enfrentar a concorrência de 10 000 artistas na zona metropolitana. E, como êles, prefere que interpretem sua criação a falar sôbre ela. Mas, ao contrário da dramaticidade de Mabe ou a melancolia trágica de Wakabayashi ou a inovação técnica de Bin Kondo, sua pintura é afirmativa: de todos os choques resulta uma síntese harmoniosa, como a da sua própria vida até radicar-se no Brasil. Seus quadros estão em todos os museus de arte moderna brasileiros e entraram em nove das dez bienais de São Paulo; paradoxalmente, porém, seu nome é muito mais conhecido no estrangeiro do que no Brasil. Representando, com três outros artistas, o Brasil na VI Bienal de Tóquio, em 1961, incluído na selecionada coleção do museu Guggenheim, de Nova York, o destaque que mereceu na antologia artística "The Emergent Decade of Latin America", publicada nos Estados Unidos há dois anos, abriu-lhe as portas dos grandes colecionadores americanos. Em março de 1971, a Pan American Union, de Washington, vai dedicar-lhe uma exposição individual, que ressaltará o prestígio de seu nome fora das fronteiras do Brasil, o país onde escolheu viver.

Marca dos trópicos — Com um sorriso bonachão, tirando baforadas do cachimbo, rindo inesperadamente quando não quer responder diretamente a uma pergunta, Fukushima — seu nome todo significa literalmente "perto da ilha da Felicidade" — não acredita em autopromoção. Cria seus quadros num ambiente isolado, pacato, de contemplação oriental da natureza. Das paisagens nevadas, dos jardins geométricos do Japão, a passagem para uma natureza violenta como a dos trópicos marcou seu itinerário. Inicialmente, Fukushima impressiona-se com um veio num mineral, uma estria numa madeira ou um raio de sol que cai oblìquamente por uma fresta. É o ponto inicial da sua pintura: debruçado sôbre a tela disposta no chão, êle empunha a espátula com cortes incisivos como os de um cirurgião e "cose" visões sugeridas a partir daquele núcleo central. Da "action-painting" de um Jackson Pollok só tem uma semelhança de métodos. Em vez de jogar as tintas numa disposição acidental, êle constrói cada parcela da tela, não deixando nada ao acaso. Casado com uma conterrânea, de nome Ai (que em japonês significa "amor"), e com dois filhos jovens, a todos que querem visitar seu atelier Fukushima estende imediatamente um cartão minúsculo. Contém um mini-mapa de como chegar ao descampado onde fica sua casa, construída duramente, quase pedra por pedra. É um itinerário útil: decorada com ex-votos do nordeste, tapêtes de couro do Rio Grande e balões orientais utilizados como abajures, sua casa fica num bairro distante, entre o rural e o urbano, inacessível a quem não tiver o roteiro. Como uma recordação do Japão — onde as ruas não têm números e cada visitante entrega ao chofer de táxi um mapa de como chegar a sua residência —, é a única que ficou, fora de seu sotaque e sua timidez cortês tìpicamente nipônica. De uma viagem recente ao seu país natal, Fukushima voltou correndo, assustado com o excesso de técnica e poluição da atmosfera: gosta mais do Brasil, cujos poentes, ventos, nuvens e vegetação lhe sugerem paisagens, traduzidas no lirismo das formas e na dramaticidade emotiva das côres. ○

Ocre: amplitude

FOTOS ABRIL PRESS

Verde: harmonia

Um avião de rota internacional que leva entre os passageiros um importante político americano com milhões de dólares na valise é seqüestrado e obrigado a descer em plena selva amazônica. O pilôto, um inescrupuloso, se apaixona por uma das passageiras e cobiça os milhões do americano. Essa história começou a ser filmada dia 14, numa co-produção italiana-espanhola-alemã, com o Jardim Botânico, na elegante zona sul carioca, servindo de floresta amazônica, e o veterano homem mau **Fernando Sancho** (espanhol, 52 anos, 325 filmes) vivendo o pilôto sem escrúpulos. Bem-humorado, Fernando Sancho, o bandido mexicano de "Uma Pistola para Ringo", conta que já morreu mais de duzentas vêzes em seus filmes e matou muito mais. Em "Inferno Verde da Amazônia", se tiver que morrer, Fernando diz que morrerá feliz: "A alemã Gilda von Weiterschausen, por quem devo me apaixonar, é simplesmente ótima".

ADHEMAR VENEZIANO

Fernando Sancho: é o homem mau na "Amazônia" carioca

A mudança de fisionomia do Festival Internacional da Canção, evidenciada na semana passada, na sua parte brasileira, pelo decidido caminho na direção do pop (veja página 82), foi acompanhada fielmente pelo seu coordenador, o paulista **Augusto Marzagão,** 41 anos. Iniciando suas atividades em 1966, com o penteado, o bigode e os óculos de aro de tartaruga que lembravam a sua recente condição de assessor do ex-presidente Jânio Quadros, Marzagão chega ao V Festival Internacional da Canção de camisa esporte, óculos americanos (iguais aos da cantora Wanderléa) e cabelo desfiado no estilo "african look".

De volta a Roma, após ter suas jóias roubadas pela segunda vez em dois anos (a primeira em Londres, quando filmava "Com Milhões e sem Carinho", a segunda em Nova York, na semana passada), a atriz **Sofia Loren**, 36 anos, anunciou ao marido, produtor Carlo Ponti, ter tomado uma decisão: de agora em diante só usará imitações e bijuterias. Sofia foi arrancada de sua cama no Hampshire House de Nova York, às 7h15 do dia 11, e puxada pelos cabelos por assaltantes vestidos de empregados da companhia de gás. Enquanto entregava 2 000 dólares em dinheiro e jóias no valor de quase 700 000 dólares (mais de 3 milhões de cruzeiros), sua secretária, Inez Bruscia recebia uma coronhada na cabeça, ao resistir para dar tempo à outra empregada de fechar-se no quarto com o filho de Sofia, Carlo Ponti Jr., de dois anos. Dias antes do assalto, Sofia Loren aparecera numa entrevista na televisão americana com um enorme anel de diamante no dedo.

Acusado da contradição de aprovar o filme "Che" como funcionário do Serviço de Censura, para depois interditá-lo ao assumir a chefia interina da repartição, o cearense **Jeová Cavalcanti**, 28 anos, negou em Brasília que a sua opinião tivesse mudado com o cargo. Quando chefe de seção na Censura — disse — êle apenas designou censores para assistirem ao filme: quem mudou de opinião foi o ex-chefe da Censura, Wilson Aguiar, quando verificou pessoalmente que Omar Sharif fazia um Che Guevara romântico, embora sanguinário.

"Tudo aconteceu da maneira mais tranqüila possível. Ninguém no hotel chegou a saber que a polícia estêve aqui." Foi com essas palavras que o síndico do edifício do motel Howard Johnson, da 8.ª Avenida, William Slevin, contou aos jornalistas a prisão de **Angela Davis**, 26 anos, a antiga assistente de Filosofia da Universidade da Califórnia que figurava desde agôsto em terceiro lugar na lista dos mais perigosos criminosos foragidos do FBI. Acusada de fornecer armas para um grupo que tentou libertar um negro durante uma sessão de julgamento na Califórnia (no choque com a polícia durante a fuga morreu o juiz mantido como refém), a franzina professôra negra comunista era anunciada nos cartazes de procurados pelo FBI como "muito perigosa e possivelmente armada".

UPI

Sofia, abraçando Inez: o susto passou

Em um livro que se chamará "A Paz e o Pão", um brasileiro pretende provar que a ONU poderá conseguir a paz para o mundo, embora as grandes potências gastem anualmente mais de 100 bilhões de dólares na preparação da guerra. O autor é o subchefe da Casa Civil da Presidência da República, **Fonseca Pimentel**, 54 anos, que antes de trabalhar no palácio do Planalto serviu como funcionário da ONU durante seis anos. Para Pimentel, tudo o que as Nações Unidas terão que fazer é acelerar o progresso das nações subdesenvolvidas.

Numa casa solitária no deserto de Neguev, onde trabalha dezessete horas por dia escrevendo (a mão) suas memórias, cartas e uma história de Israel, o ex-primeiro-ministro israelense **Ben Gurion** comemorou na semana passada, dia 16, seu 84.º aniversário. Com a cabeleira novamente crescida, após ter deixado a política há cinco meses com os cabelos cortados rente, Ben Gurion explicou que, na ocasião, não estava exprimindo protesto algum, como se pensou: "Foi o barbeiro que não entendeu". O

FOTOS CORREIO DA MANHÃ

Marzagão: um rosto para cada época

A Santa Matilde iniciou-se há quase 50 anos, recuperando vagões importados.

Depois, para azar de alguns paises estrangeiros, passou a fabricá-los aqui.

Santa Matilde progrediu tanto que, hoje, está se iniciando na fabricação de "containers", que reduzem incrivelmente o custo do transporte ferroviário.

Assim, a Santa Matilde tornou-se um nome intimamente ligado ao desenvolvimento ferroviário no Brasil.

De uns anos para cá, a Santa Matilde decidiu crescer também na horizontal.

E diversificou sua produção.

Passou a fabricar estruturas metálicas, tôrres galvanizadas para transmissão de energia, tubulações e comportas de barragens.

Até na lavoura a Santa Matilde colocou o seu dedo milagroso.

É ela quem fabrica as grades-arado Rome e é ela ainda quem coloca à disposição dos nossos agricultores a colhedeira automotriz Case 960, mundialmente famosa.

Como se vê, a Santa Matilde não só é uma indústria pesada, como é uma indústria de pêso.

DENISON

Cia INDUSTRIAL
Sta Matilde

FÁBRICAS:
Conselheiro Lafaiete (MG) e Três Rios (RJ).
ESCRITÓRIOS:
Rua Buenos Aires, 100 - 6.º, 7.º, 8.º andares - (GB)
Tel.: 252-6090
Av. São Luiz, 258 - 8.º andar - Conjunto 801 e 802
Conjunto Zarvos - Tel.: 256-1267 e 257-4384.
Rua Espírito Santo, 446 - s/1311/1312 - (BH-MG)
Tel.: 22-0022

APONTAMENTOS

Discos

V Festival Internacional da Canção — (parte nacional) volumes I e II — Miguel Gustavo, autor de "Pra Frente, Brasil", numa difícil tarefa: transpor para música o enorme e pouco sonoro título do Festival, usado para abertura dos dois LPs com quinze das 41 concorrentes. Também estas (a maior amostragem em disco do FIC dêste ano) parecem em grande parte produto de muitos esforços e pouco expressivos resultados. A cantora Ellen de Lima luta contra o artificialismo de "Sonho da Carochinha", um transparente samba-canção do — em outros momentos — bom compositor Codó. Outra surprêsa pouco agradável, a do compositor Billy Blanco: para "Em Qualquer Rua de Ipanema" êle tomou emprestados antigos versos de sua "Sinfonia do Rio de Janeiro" ("se esquece um grande amor/ com outro amor ao lado") e implantou um desagradável "lara laiá", talvez à procura do côro do público geralmente receptivo do Maracanãzinho. Também estreante, a singular dupla Carlos Imperial-Ibrahim Sued, somada ao ruidoso intérprete Guilherme Lamounier, transmite sons e imagens ainda menos agradáveis: "Sem concórdia, sem revolta/ eu nem sei gostar de mim/ meu caminho não tem volta/ minha estrada não tem fim/... com o diabo do meu lado e Jesus na minha mão". Menos aflitivos momentos musicais estão em "Hipnose" (com os Golden Boys), "Feira Moderna" (com o Som Imaginário) e em "BR3" (com Toni Tornado): explorando temas menos óbvios, seus compositores (entre êles os novos Beto Guedes e Antônio Carlos), e também os intérpretes, elevam o clima excessivamente temperado dos dois LPs. **Odeon.**

Eu Também Quero Mocotó — Mais um apêlo (à platéia do FIC) e uma despretensiosa e adequada experiência compatível com o clima do Festival: a música é montada em um refrão muito repetido e poucos acordes e a interpretação de Erlon Chaves vai da caricatura (inflexões de Simonal) à fidelidade aos versos descontraídos do autor Jorge Ben: "Mocotó é que é alegre/ é um barato very sexy/ põe mocotó no meu prato/ eu quero ficar relax". Compacto. **CBS.**

Um Abraço Terno em Você, viu Mãe? — Mesmo evocando seu pai, o compositor Luiz Gonzaga (usando versos de "Asa Branca") e Caetano Veloso (semelhanças com a música "Tropicália"), Gonzaga Júnior cria complexas e originais combinações sonoras em sua música. Compacto. **CBS.**

American Look — O que "temiam" os outros sete componentes — todos europeus — do grupo vocal Swingle Singers, aconteceu neste LP: o americano Ward Swingle, radicado na França, arranjador e diretor do conjunto, depois de sugestivas viagens por Mozart, barroco (Haendel, Bach, entre outros) e um radiante encontro com o moderno jazz (gravado na Europa), resolveu voltar a suas origens musicais. O resultado do disco — e a excelente seleção de músicas americanas, de "spirituals" a clássicos de Gershwin — é pouco surpreendente para os que conheciam as gravações anteriores do conjunto. Mas uma boa resposta para a "preocupada" Christiane Legrand, a soprano do grupo: "Graças a êste disco, a América está mais próxima de mim e já a amo bastante". **Philips.**

Livros

As Chaves da Felicidade, François Barthe — Pitadas de psicologia ("faça sempre autocrítica"), ensinamentos práticos da macrobiótica ("mastigue sempre bem") e medicina ("a ginástica é sempre benéfica"): as receitas dêste ingênuo conselheiro francês para a saúde e a felicidade reunidas numa espécie de "Almanaque Fontoura" revisto por Dale Carnegie e um monge zen-budista. 140 páginas; Cr$ 12,00; **Editôra Civilização Brasileira.**

A Construção do Real na Criança, Jean Piaget — O autor, diretor do Instituto de Ciências da Educação em Genebra, desenrola como Teseu o fio de Ariadne no labirinto interior da mente infantil: a princípio, a criança sente o mundo exclusivamente como uma noção de espaço, só depois é que localiza os objetos e reconhece os que estão ausentes da sua percepção visual. Estudo especulativo, recomenda-se só a especialistas: os pais acharão mais prático observar pessoalmente as reações de seu filho do que reconstruí-las teòricamente em 360 páginas às vêzes proibitivamente indecifráveis. Cr$ 12,00; **Zahar Editôres.**

A Queda da França, William L. Shirer — A Linha Maginot não era só uma fortaleza militar superada — era um raio-x da corrupção e do derrotismo que narcotizaram a França depois da paz abortada da Primeira Guerra Mundial. O autor de "Ascensão e Queda do III Reich" reconstrói da mesma forma dramática os bastidores do desfile militar do Reich sob o Arco do Triunfo em Paris e a figura de Hitler marchando à sombra da Tôrre Eiffel. Três volumes; cêrca de 1 200 páginas; Cr$ 45,00; **Editôra Record.**

O Círculo Hermético: Hermann Hesse a C. J. Jung, Miguel Serrano — Persistente como a tosse do fumante, o estilo dêste medíocre escritor chileno envolve grandes montanhas — o romancista Hermann Hesse, o psicólogo Jung e o historiador Toynbee — no incenso pesado da sua adulação. Quando a névoa se desfaz só restam mesmo os depoimentos dêsses grandes pensadores do século XX. 129 páginas (cinqüenta das quais supérfluas); Cr$ 8,00; **Editôra Brasiliense.**

LISA

Guarde bem êsse nome. É o nome do Grande Dicionário da Língua Portuguêsa feito no Brasil, por brasileiros.

LISA é o dicionário que o Brasil esperava. Veja: LISA tem mais de 400.000 verbêtes e subverbetes e cêrca de 6 milhões de palavras.
Tem 600 pranchas e 60 mapas em côres. Mais de 4.000 ilustrações, impressas em papel "couché". E mais de 5.000 páginas distribuídas em 5 volumes, luxuosamente encadernados em percalina.
Os três primeiros volumes do GRANDE DICIONÁRIO LISA, de A a Z, eliminam tôdas as dúvidas que você possa ter sôbre o significado de cada palavra. Nêles estão registrados todos os têrmos recentes nascidos da gíria ou do avanço da tecnologia, da ciência, das artes, dos esportes. Os volumes IV e V são dedicados à HISTÓRIA e à GEOGRAFIA contendo 20.000 biografias e pràticamente tudo que a humanidade fêz de importante nesses campos desde o homem das cavernas até à conquista da lu
LISA - GRANDE DICIONÁRIO DA LÍNGU PORTUGUÊSA - HISTÓRICO E GEOGR FICO é o resultado de mais de cinco an de preparação, pesquisas, elaboração. É, sem exagêro, uma obra monument que não pode faltar em sua estante, p o LISA - GRANDE DICIONÁRIO reflete tô a grandiosidade do Brasil em seus 4 anos de existência.

Uma realização das emprêsas:
LISA - LIVROS IRRADIANTES S.A.
EDITÔRA DIDÁTICA IRRADIANTE S.A.
EDITORIAL IRRADIAÇÃO S.A.

Rua Diogo Vaz, 291 — Cambuci — São Paulo — Tels.: 278-0085 — 278-2488 — 278-0015 e 278-8900 ● Pôsto Central de Vendas: Rua 24 de Maio, 6.° — Tel. 36-6154 ● Rio de Janeiro: Rua São Vicente, 16 — sobrado — Tel.: 234-5036 ● Representantes em todo o Brasil. ● Em Portugal: Centro do Li Brasileiro Ltda. — Rua Rodrigues Sampaio, 30-B — Lisboa.

APLIQUE
SEU DINHEIRO
ONDE TUDO É IDEAL PARA
FAZÊ-LO CRESCER:

Eis um dos mais importantes aspectos da Usina Siderúrgica da Bahia:

A Bahia.

USIBA é projeto tipicamente nacional - seja pela origem de
fornecedores e investidores, seja pelos mercados que
derá, seja pelo próprio fator de integração nacional que ela
esenta.
tendido isso, lance os olhos à Bahia. Haveria localização
nor para a USIBA? A USIBA utiliza gás de petróleo para
ção do minério de ferro (dispensando carvão), e ali está, a
de sua usina, a fonte de reservas de gás. A USIBA vai receber
ério da Cia. Vale do Rio Doce (o melhor do mundo), e terá
Terminal Marítimo próprio, com capacidade de descarga de
.000 t/hora de minério de ferro. A USIBA vai precisar
energia elétrica - e ali está a Cia. Hidroelétrica de São
Francisco trazendo energia de Paulo Afonso. Vai precisar de
estradas: e lá estão dois entroncamentos, rodo e ferroviários.

- Mão-de-obra? A USIBA está a apenas 12 km de Salvador, não precisa construir casas para operários. Comunicações fáceis, água em abundância. (Note-se que a USIBA está no Centro Industrial de Aratu, o mais dinâmico do país). Quanto a mercados, não custa lembrar que em tôrno da USIBA se estende a massa crescente de indústrias consumidoras de aço, de novos Projetos no Nordeste que dependem de aço!
- Sem dúvida alguma, a Bahia foi feita "sob medida" para a USIBA! Tire partido disso você também que é brasileiro - e faça como a SUDENE, a Cia. Vale do Rio Doce, a Cia. Siderúrgica Nacional, e mais de 3.500 acionistas que investiram nesse Empreendimento Nacional: aplique na USIBA!

Como garantir hoje mesmo sua opção de investir na USIBA?
Procurando uma Corretora ou Distribuidora autorizada para venda de ações da USIBA a pessoas físicas:

RATU - Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários Ltda.
Rio Branco n.º 135 - s/714/20 - Rio — Av. 9 de Julho n.º 40 - 3.º - Gr. G - São Paulo
a adesão de 75 Corretoras e Distribuidoras em 12 Estados do Brasil.

Iniciativa da SUDENE, com o apoio do Banco do Nordeste do Brasil.

USIBA

RMB

Sinal amarelo, de nôvo

Permanecer no mercado ou é hora de deixá-lo? Depende do investidor — e de suas condições para correr risco

País ímpar. E um povo ímpar, em matéria de nervos. Cerebral. Capaz de enfrentar com tranqüilidade qualquer situação. Veja-se, por exemplo, o comportamento do mercado de ações no período de problemas políticos iniciado com a doença do ex-presidente Costa e Silva, em 1969. Em países de povos molengas, descontrolados, nervosos, o mercado cairia (v. Wall Street). No Brasil, não. As cotações até subiram por uns dias, mostrando por que "já temos a terceira Bôlsa do mundo" e por que já se fala em "milagre brasileiro". Alguém menos crédulo nessas fantasias míticas poderia levantar uma hipótese de ordem prática. As autoridades monetárias — é uma hipótese desprezível, evidentemente — podem, naquele mês de setembro, ter chamado os principais agentes do mercado e pedido a êles que sustentassem as cotações. Criassem, mesmo, um clima de euforia — para fins psicológicos. Deixando-se as hipóteses de lado, e voltando ao terreno do real, o fato é que, em setembro, o mercado já estava debilitado após as loucuras da "corrida" de junho/julho — hoje reconhecidas oficialmente até em artigos de mentores das Bôlsas. Uma frouxidão que ficou plenamente comprovada com o longo período de cotações baixas, encerrado só em julho dêste ano. O que tudo isso tem a ver com o ano de 1970? Paralelos podem ser estabelecidos — e o investidor pode aceitá-los ou não para orientar seu comportamento:

a) O mercado mostrava-se bastante irregular nas últimas **cinco** semanas, com recuo mesmo para cotações de grande prestígio — e com excelentes balanços semestrais (veja o quadro).

b) Há cêrca de **três** semanas, passou-se a discutir, abertamente, o problema da alta de preços neste segundo semestre — e a eficácia ou não da atual política econômica para combatê-la.

O que houve de nôvo na semana que findou?

O govêrno confirmou oficialmente que a política econômica não será modificada. Por extensão, reafirmou sua confiança nas autoridades incumbidas de planejá-la e executá-la. O mercado reagiu na quinta-feira, ainda que a simples manutenção da estratégia atual não signifique solução imediata dos problemas que levantaram o debate em tôrno dela. Com mais ou menos vigor, os problemas terão que ser enfrentados. Para a economia como um todo, o sinal amarelo permanece. O que afeta a Bôlsa (nas três edições anteriores dêste Caderno o investidor encontrará mais elementos de análise que reforçam o entendimento dessa previsão).

Feliz Natal — A reação da última semana não deve tranqüilizar, ainda, o investidor. O mercado passou a caracterizar-se, efetivamente, pelo **risco:** quem permanece nêle deve ter consciência de que já não está jogando na certa. A **curto prazo.** Os próximos meses se desenrolarão de maneira ainda imprevisível: bons ou maus resultados na área econômica afetarão de maneira positiva ou negativa o mercado de ações. A curto prazo, portanto, não há certezas possíveis. Permanecerá no mercado, então, o investidor com condições de aguardar ganhos a **prazo médio.** Êles virão? Claro. Afinal, o ano vai se findando, os balanços das emprêsas começarão a ser publicados, os lucros terão sua influência no mercado. O investidor que selecionar, bem, ações de emprêsas rentáveis fará seus ganhos com ou sem reação na Bôlsa. Um exemplo? Casa Anglo-Brasileira teve um lucro de 36% sôbre o seu capital, no primeiro semestre do ano. Com outro tanto nos seis meses finais, o lucro do exercício iria a 72% do capital. Se todo êsse ganho fôsse para as reservas, e posteriormente distribuído sob a forma de bonificações, dificilmente o investidor perderia — mesmo com uma queda violenta, fora de previsões, na Bôlsa. Como? Se comprasse cem ações a 10,00, teria gasto 1 000 cruzeiros; com a bonificação de 72%, teria 172 ações; mesmo com quedas de 40% na Bôlsa (ações a 6,00), o investidor teria 1 032,00 — nada perderia, portanto. ○

NA MARÉ VAZANTE, QUEM SOFRE

(Cotações em 14 de outubro, confrontadas com a máxima e a mínima do período de 4 de setembro a 9 de outubro)

	4/9	14/10	Máxima	Mínima
Alpargatas	2,88	2,50	3,05	2,60
Banco do Brasil	13,80	18,16	19,83	13,70
Banco do Estado GB	7,13	7,55	9,20	7,13
Banco do Estado SP	6,40	7,48	9,01	6,35
Banco do Nordeste	6,75	8,57	9,50	6,42
Belgo-Mineira	2,78	2,77	2,97	2,66
Brahma - pref.	3,94	3,61	4,13	3,75
Cimento Itaú - pref.	6,71	6,00	6,70	5,80
Dona Isabel - pref.	1,30	1,16	1,60	1,19
Ferro Brasileiro	3,70	3,27	4,08	3,31
Kibon	2,99	2,65	3,01	2,54
Lojas Americanas	5,07	4,34	5,30	4,37
Nova América	2,81	2,61	3,13	2,74
Petróleo União	2,15	2,00	2,30	2,06
Siderúrgica Nacional	1,74	1,61	2,05	1,73
Souza Cruz	5,50	5,09	5,77	5,34
Vale Rio Doce	14,56	15,63	16,76	13,53
White Martins	5,89	4,60	5,67	5,61

(Observações: principais variações para as ações que integram o índice BV)

ESTEJA ATENTO

Menos euforia, clareza

Estabelecidas medidas de emergência para enfrentar a inflação, qual a influência sôbre os lucros do investidor nos próximos meses? Não é demais repetir: o noticiário sôbre economia em geral tornou-se tão importante, na escolha de ações, quanto as informações sôbre o mercado em si. Atentar principalmente para: setores com vendas em nível decrescente nestes meses (e, atenção, também seus fornecedores) — pois suas emprêsas tenderão a ter lucros menores; setores com preços "contidos" pelo govêrno, que, para alguns ramos industriais, autoriza ou não reajustes de preços — pois também nêles os lucros tenderão a ser menores. A cautela torna-se ainda mais importante porque, no primeiro semestre do ano, o crescimento da indústria já fôra desigual. Segundo o Ministério da Indústria e Comércio, seu comportamento foi o seguinte:

Aceleraram o crescimento: minerais não metálicos, 21,1% (5,3% em 1969); papel e gráfica, 9,7% (2,4%); borracha, química, farmacêutica, perfumaria e matéria plástica, 14,8% (10,4%); alimentação e bebidas, 11,0% (2,6%).

Cresceram em menor ritmo: metalurgia, mecânica e material de transporte, 6,6% (17,0%); material elétrico e de comunicações, 0,5% (12,5%); madeira e mobiliário, 13,7% (16,2%).

O setor é tudo? Não. Como em tôda análise, é um ponto de partida. Pois, dentro de cada setor, poderá variar a situação de cada emprêsa (se bem que, para certos artigos, como eletrodomésticos, por exemplo, as quedas de venda, quando ocorrem, acabam por afetar os fabricantes em geral). Lembrar, por exemplo, que entre os dois maiores prejuízos registrados em 1969 pela Fundação Getúlio Vargas — em sua edição sôbre as quinhentas maiores emprêsas do país — estão duas fábricas de automóveis. E não esquecer, ainda, que, além da indústria de transformação, há organizações muito rentáveis nos setores bancário, comercial, de transportes, mineração, etc. Dados sôbre as emprêsas? O investidor cauteloso — principalmente neste momento — sempre os exige do corretor ("pistas" para a seleção de emprêsas são dadas, também, na edição anterior dêste Caderno).

DIÁLOGO FÁCIL

Quatro dias depois de encerrado o mês de setembro, a Bôlsa de Valôres de São Paulo já entregava a edição de outubro da sua revista, com visão panorâmica do mercado durante todo o mês, quadros com informações gerais sôbre as emprêsas, ações mais negociadas e por aí afora. Filosofia da Divisão Técnica da Bôlsa — responsável, juntamente com a Divisão de Comunicações, pelo avanço: levar o máximo de informação ao investidor, e em prazos cada vez mais curtos. Atingirá, com isso, dois objetivos: 1) tornar o mercado mais técnico, pelo conhecimento generalizado da situação das emprêsas e suas ações; 2) proporcionar maior igualdade nas oportunidades de ganho, entre os investidores, já que as informações estarão à disposição do público (preço de assinatura da revista: 30 cruzeiros; número atrasado, 3,50). Chegar aos mesmos fins é a preocupação, também, do Departamento Técnico da Bôlsa do Rio, onde, estranhamente, os boletins diários têm sido reservados apenas às corretoras. Uma situação que, assegura-se, vai ser modificada em breve, com assinaturas (que em São Paulo existem), para as diversas publicações, abertas ao público.

ATÉ QUE ENFIM

Muito dinheiro, lucros de 200% ou mais foram feitos à custo do público pelos intermediários que compram contas de luz para trocá-las por Obrigações da Eletrobrás. Ainda agora há intermediários oferecendo apenas 10% do valor a que o consumidor teria direito se fôsse êle próprio obter seus títulos. A Eletrobrás, em São Paulo, finalmente começou a acordar para a exploração e publicou avisos de advertência na imprensa paulista.

Bom começo, mas é pouco: há milhões de consumidores de luz no país, a Eletrobrás arrecadou bilhões velhos através das contas e tem condições para realizar um esfôrço de divulgação das vantagens do papel. Que nunca fêz.

ALGUM AVANÇO

Problema semelhante ocorreu com a Companhia Telefônica Brasileira. Ao comprar carnês do plano de expansão, o futuro assinante estava, na verdade, comprando ações da companhia (o que significa que seu telefone nada lhe custava, êle apenas "adiantava" o dinheiro à emprêsa). Ao surgirem intermediários para comprar êsses carnês, os esforços da CTB para alertar os assinantes foram mais rápidos que no caso da Eletrobrás — mas em volume insuficiente. Qual o problema de uma divulgação mais intensa das vantagens que esperam os acionistas da CTB? Custos, provàvelmente. No caso, porém, por que não usar as próprias contas telefônicas para os esclarecimentos? Principalmente agora, que suas ações já são cotadas na Bôlsa de São Paulo?

RENDIMENTOS

Dividendos: Banco do Estado da Bahia, 10%, semestral; Companhia Paulista de Fôrça e Luz, 5%, idem, a partir de 26/10. **Bonificações** (novas): Casa Sano, 26,3%, capital de 9,5 para 12,0 milhões (assembléia dia 29). **Direitos:** Banco do Brasil, 100%, até 30/11; Artex, 25,9%, até 24/10; Cimento Aratu, 10%, até 19/11; Kelson's 35%, até 10/11; Pirelli, 10%, capital de 270,0 para 297,0 milhões (assembléia dia 26).

ASSEMBLÉIAS

Melhoramentos do Paraná, dia 20/10. Pirelli, 26/10. Casa Sano, 29/10.

PREGÃO

Companhia Brasileira de Roupas: lançamento de 16,8 milhões, em debêntures conversíveis em ações. **Trorion:** entrega de cautelas relativas ao aumento de capital de 20,0 para 25,0 milhões. **Petróleo União:** iniciou a conversão de ações nominativas em ao portador (vantagem para o acionista: maior facilidade em operações de revenda).

BALANÇOS

Construtora Adolpho Lindenberg: balanço encerrado a 30/6/70, publicado em 7/10/70. Capital, 12,0 milhões; reservas, 3,8; faturamento, 12,4 (7,0 em 1968/69); resultado líquido, 5,3 (2,3). **Perspectivas:** a emprêsa aumentou seu faturamento em 77% e o lucro líquido em 120% em relação ao ano anterior. **Rentabilidade:** lucro líquido de 58,9% sôbre o capital de 9,0 milhões (elevado em fins de maio/70 por bonificação) e de 44,8% sôbre o atual, de 12,0 milhões. A emprêsa abriu o capital em janeiro dêste ano. Cotação: 2,37 (pref.).

Cimento Portland Gaúcho: balanço semestral, de 30/6/70. Capital, 25,0 milhões; reservas, 10,9; faturamento, 9,8; lucro líquido, 1,2; lucro líquido em relação ao capital, 4,1%.

Transauto: balanço encerrado a 31/7/70. Capital, 8,5 milhões; realizados, 6,6 milhões; reservas, 0,3; faturamento, 12,5; lucro operacional, 0,8; outras receitas, 0,7; lucro líquido, 1,5 milhão; lucro líquido sôbre o capital realizado, 23,4%.

Ferragens e Laminação Brasil: faturamento janeiro/agôsto, 11,66 milhões, contra 10,12 em 1969; aumento nominal (não descontada a inflação) de 15%. Capital, 9,0 milhões; reservas, 1,7.

A SEMANA

Tímida reação

Começo de semana negro. Quedas nos índices BV e Bovespa, menor volume de negócios, recuo generalizado nas cotações: 20, 28 e 27 em baixa (dentre 36 que integram o IBV) no Rio, nos três primeiros dias do período. Quarta-feira, desanuviamento na área política (confirmação da manutenção da política econômica e de seus responsáveis no Ministério).

Quinta-feira, panorama inverso, no Rio, com 21 ações em alta, número repetido na sexta-feira. Reação tímida, em têrmos de avanço de cotações; porém saudável — dentro das condições atuais do mercado — na medida em que não se concentrou em poucas ações. Ao contrário: as eternas prediletas das últimas semanas, isto é, as ações dos bancos oficiais, não avançaram tanto quanto outros papéis. Recuperação mais notável, em São Paulo, para algumas das ações de maior prestígio e que, apesar de bons balanços, haviam sofrido tanto quanto os papéis de emprêsas menores. Mas muitas delas continuam a preços bastante baixos, em têrmos de índice P/L e mesmo de sua negociabilidade (a persistir a tendência à recuperação, o investidor deverá estar atento a êsses papéis, que poderá identificar através da relação de P/Ls divulgada diàriamente pelos boletins da Bôlsa de São Paulo). Destaques? Uma tendência a alta, aparentemente definida: Banco Mercantil de São Paulo, que começou a semana a 1,06 e fechou a 1,15, em avanços sucessivos — mesmo nos piores dias; Siderúrgica Riograndense, ainda fascinando o investidor e entre as cinco mais negociadas no Rio, na sexta-feira; e um salto inesperado e espetacular de Samitri, com o aumento de 16,5% (de 9,94 para 11,58) na Bôlsa do Rio.

COTAÇÕES

SÃO PAULO	Sexta-feira 9/10/70	Mais alta na semana (1)	Mais baixa na semana (1)	Sexta-feira 16/10/70
Aços Villares — ppB	1,21	1,20	1,14	1,19
Alpargatas — op	2,91	2,89	2,73	2,86
Alpargatas — pp	2,64	2,60	2,50	2,64
Antarctica — op	2,07	2,05	1,92	2,02
Arno — pp	1,51	1,46	1,37	1,50
Banco do Brasil — on	19,79	19,29	18,45	18,94
Banco Comercial ESP — on	1,60	1,70	1,60	1,60
Banco do Estado de SP — on	7,99	7,91	7,53	8,02
Banco Itaú América — on	1,20	1,18	1,15	1,15
Banco Itaú — Invest. — on	2,20	2,35	2,21	2,40
Banco Mercantil SP — on	—	1,12	1,06	1,15
Bradesco — pn	9,31	9,59	9,42	9,54
Bradesco Invest. — pn	6,11	6,15	6,12	6,14
Belgo-Mineira — op	2,92	2,95	2,78	2,92
Brahma — pp	3,80	3,75	3,54	3,74
Brasmotor — op	1,26	1,45	1,30	1,29
Cacique — pp	16,59	16,66	16,40	16,98
Casa Anglo-Brasileira — op	9,45	9,56	9,35	9,96
CICA — op	1,15	1,16	1,15	1,15
Cimaf — op	4,31	4,30	4,16	4,20
Cim. Itaú — on	3,00	2,99	2,94	2,98
Cim. Itaú — pp	5,85	5,90	5,79	5,87
Cobrasma — op	1,32	1,24	1,17	1,18
Copas — Fertilizantes — op	1,84	1,93	1,85	1,95
Deca — pp	2,93	2,89	2,86	2,85
Docas de Santos — op	1,04	1,03	1,00	1,03
Dreher — op	3,10	3,13	2,87	2,91
Duratex — pp	1,94	1,80	1,73	1,70
Estrela — pp	0,95	0,94	0,92	0,93
Eucatex — pp	1,18	1,18	1,04	—
Ferro Brasileiro — op	3,32	3,34	3,19	3,29
FNV — Nac. de Vagões — ppA	0,74	0,74	0,70	0,73
Indústrias Villares — ord.	—	5,95	5,95	—
Indústrias Villares — ppB	7,84	7,71	7,54	7,50
Isam — op	1,85	1,75	1,54	1,77
Kelson's — pp	4,42	4,26	4,09	4,18
Lojas Americanas — op	4,41	4,37	4,30	4,41
Magnesita — op	3,15	3,05	2,86	3,05
Máquinas Piratininga — pp	2,90	2,95	2,91	2,89
Melhoramentos SP — op	2,00	2,10	2,00	1,97
Mesbla — pp	1,02	1,02	1,01	1,00
Moinho Santista — op	2,72	2,75	2,62	2,85
Paulista Fôrça e Luz — op	0,91	0,92	0,91	0,91
Petrobrás — on	0,85	0,85	0,85	0,87
Petrobrás — pp	2,72	2,71	2,54	2,70
Petróleo União — pn	2,04	2,06	2,03	2,00
Pirelli — op	2,01	2,03	2,00	1,98
Sid. Mannesmann — op	1,74	1,54	1,51	1,57
Sid. Riograndense — pp	6,46	6,65	6,57	6,94
Souza Cruz — op	5,37	5,32	5,11	5,26
Ultralar — pp	1,22	1,28	1,22	1,31
União dos Refinadores — op	2,84	2,92	2,83	2,94
Vale do Rio Doce — pp	16,08	15,96	15,37	16,15
White Martins — op	4,47	4,61	4,51	4,59

COTAÇÕES

RIO	Sexta-feira 9/10/70	Mais alta na semana (1)	Mais baixa na semana (1)	Sexta-feira 16/10/70
Acesita — op	1,19	1,18	1,16	1,15
Alpargatas — pp	2,60	2,60	2,51	2,53
América Fabril — op	0,55	0,55	0,52	0,55
Antarctica — op	2,10	2,09	2,05	2,05
Banco do Brasil — on	19,30	19,04	18,17	18,57
Banco do Estado da GB — on	8,21	8,17	7,55	7,78
Banco do Estado de SP — on	8,12	8,04	7,48	8,22
Banco do Nordeste — on	8,70	8,77	8,45	8,24
Belgo-Mineira — op	2,88	2,91	2,77	2,90
Brahma — pp	3,75	3,70	3,61	3,69
Brahma — op	3,33	3,40	3,21	3,44
Brasil. En. Elétrica	0,99	0,98	0,97	0,94
Brasileira de Roupas — pp	1,89	1,90	1,84	1,89
Cimento Aratu	2,52	2,52	2,44	—
Cimento Itaú — pp	6,00	6,02	5,90	5,80
Docas de Santos — op	1,05	1,03	1,02	1,01
Dona Isabel — pp	1,24	1,28	1,16	1,27
Ferro Brasileiro — op	3,36	3,36	3,24	3,26
Kelson's — pp	4,35	4,29	4,07	4,16
Kibon — op	2,56	2,70	2,65	2,70
Lojas Americanas — op	4,42	4,43	4,34	4,41
Mannesmann — op	1,55	1,56	1,55	1,50
Mesbla — pp	1,04	1,03	0,99	1,00
Nova América — op	2,77	2,66	2,54	2,57
Paulista Fôrça e Luz — op	0,89	0,89	0,88	0,91
Petrobrás — pp	2,70	2,69	2,61	2,70
Petrobrás — pn	2,40	2,40	2,34	2,44
Petrobrás — on	0,84	0,88	0,86	0,94
Petróleo Ipiranga — pp	2,77	2,78	2,72	2,71
Petróleo União — pn	2,10	2,10	2,00	2,06
Samitri	9,46	9,94	9,71	11,58
Siderúrgica Nacional — pp	1,78	1,79	1,61	1,70
Souza Cruz — op	5,37	5,32	5,09	5,24
Vale do Rio Doce — pp	16,06	16,00	15,63	16,25
White Martins — op	4,77	4,67	4,55	4,55
Willys — op	0,76	0,75	0,66	0,70

on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador; pn — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador

(1) De segunda a quinta-feira.
Cotações médias

OSCILAÇÃO DAS COTAÇÕES

Dia	Índice BV Rio	Variação	Índice Bovespa	Variação
12	1 332,9	− 8,0	726,7	− 5,1
13	1 309,7	−23,2	717,5	− 9,2
14	1 287,8	−21,9	705,2	−12,3
15	1 317,1	29,3	716,2	11,0
16	1 327,6	10,5	729,4	13,2

GREGA

a cueca revolucionária

A Grega foi criada para homens como você, que gostam da liberdade de movimentos e exigem a qualidade que só a Modasport proporciona. Tropicalizada, bicolor, cintura indeformável, a Grega vai revolucionar seu conceito de cueca.

um nôvo lançamento

ZÓRBA® Ban-Lon®

Celtrel é marca registrada da Celanese Corpora